

WWW.REVISTABANG.COM

BANG!

A SUA REVISTA DE FANTASIA, FC E HORROR

BANG! Nº 16 / JUNHO DE 2014

REVISTA
GRÁTIS

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL DA SAÍDA DE EMERGÊNCIA

EDIÇÃO



PORTUGAL

UM EXCLUSIVO



www.fnac.pt

O IMPÉRIO FINAL

DE BRANDON SANDERSON
A NOVA ESTRELA DA FANTASIA ÉPICA

HISTÓRIAS DOS SETE REINOS

O REGRESSO DE GEORGE R. R. MARTIN

COM A PARTICIPAÇÃO DE
FERNANDO RIBEIRO, AFONSO CRUZ
E OUTRAS ESTRELAS DO FANTÁSTICO

E AINDA:
ENTREVISTAS
BD
CONTOS
ENSAIOS

VISÕES
DE UTOPIA,
LUGARES
IMAGINÁRIOS
EM EDUCAÇÃO
POR ARTUR
COELHO



A VIDA
DE ROBERT
E. HOWARD:
FEITIÇOS
E TERRORES
POR ANTÓNIO
MONTEIRO

prémio
BANG!
SÓ PARA LIVROS FANTÁSTICOS

JÁ FEZ A SUA
SUBMISSÃO AO
PRÉMIO BANG!
DE LITERATURA
FANTÁSTICA
2014?



O PASSADO E O PRESENTE

EDITORIAL

Quando o artista Hugo Pratt revela no álbum *Os Escorpiões do Deserto* que Corto Maltese teria desaparecido na Guerra Civil de Espanha, algures em 1936, após uma série de longas aventuras que se iniciaram na sua juventude no início do séc. XX, Pratt está, na verdade, a dizer-nos que os anos que antecedem a II Guerra Mundial são também os anos que marcam o fim de toda uma época. Diz ele, *Corto Maltese desaparecerá porque, num mundo onde tudo é electrónico, onde tudo é calculado e industrializado, não há lugar para uma criatura como Corto Maltese.*

Em *The Grand Budapest Hotel* de Wes Anderson, a guerra também representa o estilizar de sonhos, de um passado permeado de beleza e romantismo. Todo o imaginário exuberante criado, o tom de comédia e absurdo, a elegância e cavalheirismo dos homens, é quebrada de modo abrupto e irremediável com o advento da guerra, restando à personagem de F. Murray Abraham, já velha, viver com as suas memórias e obcecar-se por um mundo que já não existe.

Vivemos uma época muito marcada por nostalgia do passado. Assistimos ao reavivar constante de bandas pop ou rock famosas em outras décadas, os contínuos *remakes* dos filmes e séries da nossa infância, o sucesso de séries televisivas que nos transportam para um passado remoto e imaginário (*A Guerra dos Tronos*) ou um passado recente (*Mad Men*). Conseguirá Don Draper sobreviver para além dos anos 60 e entrar nos anos 70 com a sua identidade firme e finalmente pacificada? Essa é a grande questão que atormenta os fãs da série *Mad Men*. Ou

temos o puro escapismo com super-heróis que abraçaram o lado negro da vida e são criações muito mais adultas e turbulentas do que na altura em que foram inicialmente criadas. Na área dos livros, as vagas “retro” e “punk” tornaram-se nichos lucrativos e nunca vimos tantas obras preocupadas em recuperar uma certa aura romântica e idealista de outras épocas.

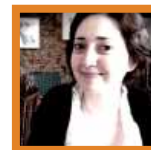
Há a noção de que talvez toda esta intensa nostalgia possa exprimir um desejo patente de escape da nossa realidade presente, seja em direção ao passado, seja em direção ao futuro. Mas porque há este sentimento global de que o nosso presente se tornou algo tão digno de ser escapado? Podia lançar uma tentativa de explicação política, económica e social, mas não é preciso muito para descobrir a indiferença geral, o desinteresse, o gradual afastamento entre pessoas.

Pode uma sociedade inteira demitir-se da sua responsabilidade para com o presente? É como se as coisas feias do nosso passado tivessem sido obliteradas da memória e só nos forçamos a lembrar as coisas de beleza. Filtramos o que nos incomoda e retemos apenas o romantismo e os “bons velhos tempos”.

Li há muitos anos uma frase num livro de Milan Kundera que captou a minha atenção, embora ainda não a compreendesse totalmente, *A nostalgia do Paraíso é o desejo que o homem tem de não ser homem*. Talvez o autor tenha uma interpretação diferente, mas leio esta frase e penso que, de facto, o homem não tem vontade de ser homem a maioria das vezes. Estamos cansados de ser humanos.

E que tem tudo isto a ver com o fantástico? Tem tudo a ver e nada a ver. Sempre que me perguntam o porquê do nome Saída de Emergência como nome de uma editora, exponho a minha própria versão romanceada. É uma fuga para mundos imaginários, uma forma de quebrar a rotina e de nos sentirmos entretidos com a leitura. Considerando o tipo de livros que a SDE publica, acaba por ser um nome certo.

Mas a escolha que enfrentamos hoje está entre correr na direção da saída de emergência e escapar ou permanecer corajosamente no presente e enfrentar as criaturas da noite. Apenas nós próprios nos podemos salvar desta assustadora negação da realidade em que estamos imersos. Talvez tenha chegado altura de tomar o comprimido vermelho. **BANG!**



Safaa Dib é coordenadora editorial na Saída de Emergência desde 2008. Já foi tradutora e revisora e, desde 2010, edita em Portugal e agora no Brasil, a revista Bang!. Vive em Lisboa onde faz parte da organização da convenção anual do Fórum Fantástico.

VENHA DESCOBRIR A REVISTA BANG! NA INTERNET
WWW.REVISTABANG.COM

BANG!

ilustrador convidado

Miguel Coimbra



1. L'homme rune
© Bragelonne

2. Farlander
© Bragelonne

3. Crossing Over
© Bragelonne

4. La guerre du jour
© Bragelonne

5. Dark sorceress evolution
© Applibot

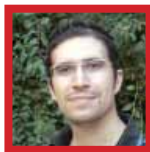
6. Dark Sorceress
© Applibot

7. La guerre de 14 n'a pas
eu lieu
© Flammarion

O meu nome é Miguel Coimbra. Sou um artista freelancer autodidacta de 36 anos e de ascendência portuguesa. Cresci em França e vivo perto da cidade de Lyon. Já trabalho nesta indústria há mais de dez anos, primeiro como designer gráfico e depois como artista conceptual de jogos de vídeo (Eden Games). Actualmente, trabalho a tempo inteiro como artista freelancer para a Role Playing Games, em livros, jogos de cartas, capas de livros e arte conceptual para jogos de vídeo.

Trabalhei para vários clientes, entre eles a Upperdeck/Bizzard, Wizards of the Coast, Sony/Lucasart, Rackham, Alderac, Mattel, e já desenvolvi trabalhos para os universos World of Warcraft, Star Wars, Everquest, Dungeons and Dragons, Vampire, Warhammer, Legend of the Five Rings.

Estou a tentar diversificar as minhas áreas de trabalho, mas neste momento a minha actividade principal centra-se nos jogos de tabuleiro. Já illustrei títulos premiados e mundialmente conhecidos como “Smallworld” ou “7Wonders”. Estou neste momento a trabalhar em vários projectos que espero que me permitam mostrar o meu trabalho no mercado brasileiro. Ainda não posso revelar muito, mas tive a oportunidade de trabalhar num título com um famoso artista brasileiro de humor. O meu site pode ser consultado em www.miguelcoimbra.com com **BANG!**





Não Ficção

- 02** Ilustrador convidado
Miguel Coimbra
- 08** Enciclopédia da Estória Universal
Afonso Cruz
- 10** Sonar Literário
Eric Novello
- 12** Metais Pesados
Fernando Ribeiro
- 13** Sheridan Le Fanu: No Ano do Bicentenário
António Monteiro
- 21** O Regresso do Transperceneige
João Lameiras
- 25** Robert E. Howard: Feitiços e Terrores
António Monteiro
- 29** O Regresso a Westeros: As Aventuras de Dunk & Egg
Safaa Dib
- 36** As Agruras da Coleção Argonauta - Parte 2: Em Busca do Velo que Antevia o Futuro
Luís Filipe Silva

- 42** Visões de Utopia
Artur Coelho
- 49** Brandon Sanderson: A Nova Estrela da Fantasia Épica
Safaa Dib
- 55** Entrevista a Brandon Sanderson
João Campos
- 57** Making of capa *O Império Final*
Luís Melo
- 65** Prémio Bang! 2014
Luís Corte Real
- 68** As Cidades na Ficção Científica - Episódio 3: O Contexto Norte-Americano
João Rosmaninho

Ficção

- 17** Pensando no Relógio
Rui Rodrigues Alves
- 60** Abiogenesis
Pedro G. P. Martins
- 77** Imersão
Alette de Bodard
- 84** A Guerra dos Pombos
Estevão Ribeiro



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE A COLEÇÃO BANG! OU A EDITORA SAÍDA DE EMERGÊNCIA VISITE-NOS EM: SAIDAEEMERGENCIA.COM

Revista Bang! 16 / Junho de 2014 **Propriedade:** Edições Saida de Emergência. Todos os direitos (e mais alguns) reservados. **Director e escrivão das galés:** Luís Corte Real **Editora (procurada pela Interpol):** Safaa Dib **Direcção de arte e catering:** Luís Corte Real, Luís Morcela, Maria do Mar Rodrigues **Colaboradores explorados nesta edição:** António Monteiro, Artur Coelho, Inês Botelho, João Campos, João Lameiras, João Rosmaninho, Luís Filipe Silva, Luís Melo. **Autores e outros convidados sem voto na matéria:** Afonso Cruz, Alette de Bodard, Brandon Sanderson, Eric Novello, Estevão Ribeiro, Fernando Ribeiro, Miguel Coimbra, Pedro G. P. Martins, Rui Rodrigues Alves. **Redacção e solário:** Rua Adelino Mendes, nº152, Quinta do Choupal 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal **Impressão (gralhas incluídas):** Printer Portuguesa **Tiragem de revirar os olhinhos:** 8500 **Copyright:** Textos e imagens propriedade da editora e/ou dos respectivos autores, etc e tal. Os artigos presentes nesta edição têm ou não as regras do novo Acordo Ortográfico consoante vontade dos seus autores, pelo que não se encontra uniformizada a sua aplicação.

Nota: os preços das lojas Fnac anunciados nesta revista consideram-se correctos salvo erro, gralha tipográfica ou intervenção alienígena.

coleção bang!

só literatura fantástica

[Resumo das novidades Por Luís Corte Real / editor]

Lançamentos da coleção Bang! de verão de 2014



O livro é um produto com particularidades bastante singulares, vive simultaneamente no universo cultural (onde é um produto artístico) e no universo económico (onde é uma mercadoria). No primeiro, a sua recetividade é tremendamente subjetiva, será certamente catalogado algures entre medíocre e obra-prima, mas há centenas de variantes: pode estar à frente do seu tempo, ou ultrapassado, pode ser leitura de nicho ou mainstream, pode ser esquecido, virar obra de culto e até transformar-se num clássico. Já no mundo económico, nada há de subjetivo: ou dá lucro ou dá prejuízo. É com estas variantes em cima da mesa que uma editora tem de trabalhar e criar o seu catálogo. Para nos dificultar a vida, ainda é preciso ainda ter em conta uma realidade maliciosa: na esmagadora maioria das vezes, os livros arrojados, inteligentes, as obras-primas, são as mercadorias que dão prejuízo. E os que dão lucros são precisamente os que catalogaríamos como medíocres. Com esta realidade presente é fácil perceber a dificuldade de uma editora em agradar aos leitores exigentes que buscam qualidade e, ao mesmo tempo, ter vigor financeiro. Acreditamos que a coleção Bang!, apesar dos esforços que tive-

mos de fazer para enfrentar a atual crise, é um exemplo de sucesso a esse nível. Ajustámos a coleção mas não parámos de lançar bons autores. A última grande aposta é Brandon Sanderson, na minha opinião, o futuro melhor escritor de fantasia. Com uma tremenda vantagem relativamente a George R. R. Martin: é prolífico. Termino o meu texto com esse convite: mergulhem no universo de Mistborn - Nascida nas Brumas. *O Império Final* já é uma obra de culto e a escrita de Sanderson é inteligente e arrojada. Só precisamos que os leitores abracem o projeto para que, também no universo económico, tenhamos um sucesso.

Por motivos de reestruturação interna da SDE, outros livros da coleção Bang! poderão ainda ser publicados nos próximos meses, mas não estamos ainda em condições de divulgar as datas. Mais informações poderão ser encontradas nas próximas semanas em www.revistabang.com

JUNHO

O Império Final

de Brandon Sanderson

Num mundo onde as cinzas caem do céu e as brumas dominam a noite, o povo dos Skaa vive escravizado e na absoluta miséria. Durante mais de mil anos, o Senhor Soberano governou com um poder divino inquestionável e pela força do terror. Mas quando a esperança parecia perdida, um sobre-



vivente de nome Kelsier escapa do mais terrível cativo graças à estranha magia dos metais – a Alomância – que o transforma num “nascido nas brumas”, alguém capaz de invocar o poder de todos os metais.

Kelsier foi outrora um famoso ladrão e um líder carismático no submundo. A experiência agonizante que atravessou tornou-o obcecado em derrubar o Senhor Soberano com um plano audacioso. Após reunir um grupo de elite, é então que descobre Vin, uma órfã skaa com talento para a magia dos metais e que vive nas ruas.

Perante os incríveis poderes latentes de Vin, Kelsier começa a acreditar que talvez consiga cumprir os seus sonhos de transformar para sempre o Império Final...

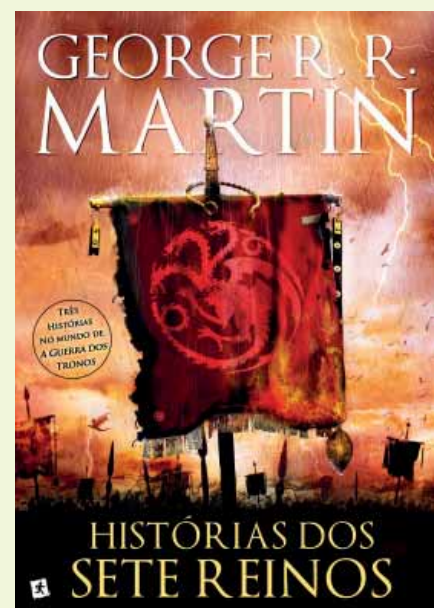
JULHO

Histórias dos Sete Reinos

de George R.R. Martin

Cerca de cem anos antes de *A Guerra dos Tronos*, um cavaleiro desafia as leis dos Sete Reinos...

Nos últimos dias do reinado do Rei Daeron, com os Sete Reinos em paz e a dinastia real Targaryen no seu apogeu, conhecemos a história de um jovem escudeiro de nome Dunk que parte em busca de fama e glória num dos mais famosos torneios de Westeros.



Mas ele desconhecia que o destino pode pregar estranhas partidas e que o caminho para a honra e nobreza em Westeros está ladeado não só de perigos, mas também de amizade e cora-

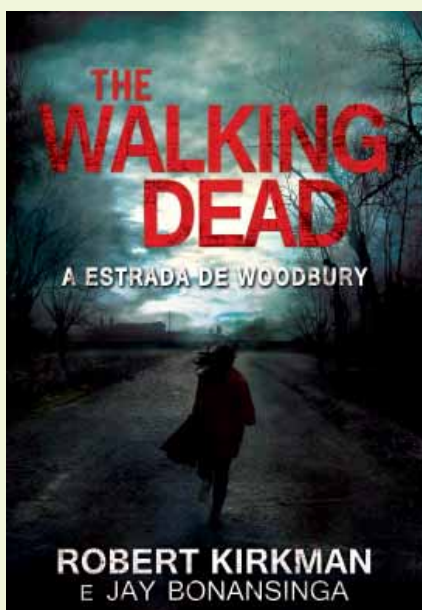
gem. Quando conhece Egg, um rapaz misterioso e inteligente, mal sabe que os laços estreitos que forma com ele irão mudar a sua vida para sempre. Com *Histórias dos Sete Reinos* George R. R. Martin transportar-nos para o mundo fascinante e repleto de intrigas de Westeros, com a mesma mestria com que escreveu a sua obra-prima: *A Guerra dos Tronos*.

AGOSTO

Walking Dead - A Estrada de Woodbury

de Robert Kirkman e Jay Bonansinga

O segundo volume da trilogia de Robert Kirkman é lançado este verão e dá continuidade à história de Philip Blake num mundo devastado por uma praga que colocou os mortos contra os vivos. Lilly Caul é uma sobrevivente que en-



contra refúgio na cidade de Woodbury. Dominada por um homem conhecido

como o Governador que mantém a paz na cidade, Lily começa a acreditar que ainda há esperança no mundo, até ao momento em que é confrontada com as estranhas e brutais noções de justiça e ordem do Governador. Um grupo de rebeldes decide então desafiar a sua autoridade, causando o caos e a destruição...

SETEMBRO

As Primeiras Quinze Vidas de Harry August

de Claire North

Claire North é um pseudónimo da autora britânica Catherine Webb que nos conta a história de Harry August que não consegue morrer. Não importa o que faça ou as decisões que tome, Harry regressa sempre ao início da sua vida. É uma criança com o conhecimento da vida que já viveu e está condenado a vivê-la várias vezes. Nunca nada muda até ao momento em que se aproxima da sua décima primeira vida. Esta é a história de Harry e como ele tentou salvar um passado que não podia alterar e um futuro que não podia permitir que acontecesse...

OUTUBRO

Os Três

de Sarah Lotz

Quando quatro aviões se despenham em simultâneo em continentes diferentes, o pânico alastra-se. A investigação não consegue descobrir nenhuma relação entre as tragédias, excepto o facto

de em três dos acidentes ter sido encontrada uma criança viva entre os destroços. As crianças demonstram problemas de comportamento, causados pelo horror que testemunharam e toda a atenção mediática. Esses problemas só pioram quando o líder carismático de um culto insiste em proclamar os três sobreviventes como sinal do Apocalipse iminente. As crianças são forçadas a esconder-se, mas até os seus guardiões começam a questionar a sua sobrevivência milagrosa... **BANG!**

ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DA COLECÇÃO BANG!

- 219. Tigana - A Lâmina na Alma, vol. 1
Guy Gavriel Kay
- 220. Mago - A Serva do Império - Vol. 2
Raymond E. Feist & Janny Wurts
- 221. Divina por Escolha - Vol. 2
P.C. Cast
- 222. Sedução ao Luar
Laurell K. Hamilton
- 223. Cultos Inomináveis
Robert E. Howard
- 224. Tigana - A Voz da Vingança - Vol. 2
Guy Gavriel Kay
- 225. A Esposa Minúscula
Andrew Kaufman
- 226. Revelada
P.C. Cast + Kristin Cast
- 227. Acácia - A União Sagrada
David Anthony Durham
- 228. Mistborn - Império Final
Brandon Sanderson

VENHA DESCOBRIR A REVISTA BANG! NA INTERNET
WWW.REVISTABANG.COM

BANG!

enciclopédia da estória universal

por Afonso Cruz

Dois Verbetes à Volta do Mar

Fogueira para condenar a alma e salvar o corpo

Quando o Berenice naufragou, um dos seus passageiros, Konrad Möller, foi parar a uma ilha agarrado a um pedaço de madeira que o ajudou a manter-se à superfície. O mar levou também para a praia, além de escombros sem qualquer utilidade, uma arca que continha um volume de cadernos de actas, uns frascos de tinta e umas canetas. Konrad Möller foi tendo, durante o período em que viveu na ilha, revelações místicas, talvez devido à falta de alimento ou mesmo, a hipótese não deverá ser descurada, ao consumo inadvertido de uma qualquer planta tóxica que lhe provocasse o estado alucinatório. Independentemente da causa, os cadernos de actas foram sendo preenchidos com as suas visões do Céu e do Inferno. Möller recebia as mensagens de duas entidades, que, mais tarde viria a saber, tiveram existência real. O caso tem estranhos contornos, começando pelos portadores das revelações, um monge mexicano chamado Jesus Moreno e uma nativa de Singapura, filha do geógrafo do sultão, chamada Mursalina.

A descrição de Konrad Möller é elucidativa: No dia seguinte ao naufrágio, acordei na areia com a estranha certeza de ser uma mulher e dois homens. A sensação era luminosa, apesar de bizarra, pois eu julgava não ser possível viver a consciência de três (a contar comigo) pessoas ao mesmo tempo. Mas

afinal isso acontecia naturalmente, tal como também somos capazes de andar ao mesmo tempo que comemos, ouvimos música e coçamos a cabeça.

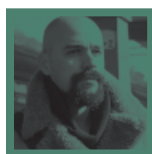
O monge Jesus Moreno e Mursalina viveram ambos na primeira metade do século XIX, muito antes das revelações recebidas por Möller, que aconteceram na década de 1940. As três consciências formavam um tapete, de linhas entrelaçadas. Sonhavam os sonhos uns dos outros. Tentei coligir o máximo de informação que pude sobre estas pessoas e, com relativo sucesso, pude reconstituir uma boa parte da vida de Jesus Moreno, bem como de Mursalina. Porque estes dois foram contemporâneos, chegaram a conhecer-se pessoalmente e, mais tarde, a casar. Moreno viajou para Singapura em Setembro de 1823, numa viagem diplomática. Não sei em que circunstâncias conheceu Mursalina, mas abandonou os votos e a Igreja, casando-se com ela dois anos depois, em 1825. Os poucos documentos que possuo sobre este casal limitam-se a uma dezena de cartas. Nesta troca de correspondência, ambos referem que sonhavam os mesmos sonhos e que, para além disso, tinham consciência de uma terceira voz que os habitava, de um homem no meio do mar. Esta terceira voz é referida, nestas epístolas, como uma revelação, como se de um anjo se tratasse. Inversamente, era às outras duas vezes, que Konrad Möller atribuía uma sabedoria celestial.

Numa madrugada fria de 1947, depois de uma noite de tempestade, Möller viu um barco ao largo da ilha onde naufragara. Tentou fazer uma fogueira, mas a madeira estava completamente ensopada. No seu desespero percebeu uma coisa muito simples: ou ficaria na ilha, com os seus cadernos de actas e com a remota possibilidade de um dia ser resgatado, ou fazia uma fogueira queimando todas as revelações recebidas ao longo de meses e que, para ele, significavam não apenas a salvação da sua alma, mas também da própria humanidade, podendo assim retornar à civilização e à vida que sempre conhecera. A última hipótese, mais egoísta, foi a que prevaleceu. O resto da sua vida foi passada a tentar recuperar tudo o que ardera, mas a memória daqueles meses de actividade visionária tinha simplesmente desaparecido.

(Nicolas Marina, Sobre Náufragos)

Pérolas

Os devotos do *pir* Gola eram, depois de mortos, atirados ao mar. Passado um tempo, puxavam os corpos do fundo do Índico e verificavam as barbas, barbas essas que, por regra, nunca cortavam. Alguns tinham ostras agarradas, presas no meio dos pêlos. Esses eram separados dos outros. As ostras eram abertas e comidas numa refeição ritual, comunitária, uma celebração partilhada por devotos de todo o mundo que se deslocavam ao sul do Irão para o evento. Se, em alguma das ostras houvesse uma pérola, o dervixe que a recolhera com as suas barbas passaria a ser considerado um verdadeiro adepto e um justo. Quando as pérolas perfizessem, ao longo dos séculos, o número dos nomes de Deus, ou seja noventa e nove, o líder da *tariqa* faria com elas um colar para a vinda do último Imã e o mundo encontraria a paz. Até à data, foram recolhidas quatro pérolas. **BANG!**



É autor dos livros *Enciclopédia da Estória Universal* (Quetzal, 2009), *A Carne de Deus* (Bertrand, 2008) e *Os Livros Que Devoraram o Meu Pai* (Caminho, 2010 - Prémio Literário Maria Rosa Colaço). Recentemente publicou *A Boneca de Kokoschka* (2010), *O Pintor Debaixo do Lava-Loiças* (2011) e *O Livro do Ano* (2013). Além de escrever, também é ilustrador, cineasta e músico (compõe e toca na banda de blues/roots The Soaked Lamb).

Vive no campo e tem dois filhos.

<http://afonso-cruz.blogspot.com>

<http://soakedlamb.com>

QUER SER O GEORGE R.R. MARTIN DA LÍNGUA PORTUGUESA?

prémio **BANG!** SÓ PARA LIVROS FANTÁSTICOS



JÁ RECEBEMOS MAIS DE 250 SUBMISSÕES. DO QUE ESTÁ À ESPERA?

Regulamento e perguntas frequentes em
WWW.REVISTABANG.COM

sonar literário

Começos inescapáveis para leitores fugazes

por Eric Novello

Vejo com frequência nas redes sociais um tipo específico que denomino o abandonador de séries. Basta que alguém comente de algum seriado televisivo e lá está ele a dizer que não o assiste desde a segunda temporada, visionário que a abandonou primeiro. Caso goste da série e persista, geralmente pontua o momento em que tomou a decisão: só fui convencido no sexto episódio, aos vinte e sete minutos, quando o roteiro ganhou mais ritmo. E outras coisas que tais. É claro que nenhum de nós tem a obrigação de gostar de nada. Muito menos de acompanhar o que não gostamos. O desapego é um direito inato de todo espectador, e também de todo leitor, seja por questão de ego a ser acariciado, de déficit de atenção, concorrência pesada ou algo que vivemos a nos esquecer: simples gosto pessoal.

Curiosamente, nessa época de leitores fugazes, vemos séries de fantasia e ficção-científica ganharem fôlego diante de livros únicos e autocontidos. A explicação, talvez, esteja no convencimento. Ao repetir a ambientação e parte dos personagens de um livro anterior, não é preciso convencer novamente o leitor de que aquele mundo vale a pena. Estão ali nomes, dramas, temperamentos já conhecidos, há a sensação de familiaridade. No que diz respeito a séries televisivas, um dos maiores motivos de abandono é justamente a quebra dessa familiaridade. Por questões de audiência, mudança de chefe, de roteirista, de equipe, os personagens param de agir conforme esperávamos, a história para de seguir o caminho que nos dava segurança. Mesmo com surpresas e reviravoltas, mortes e sanguinolência, existe uma lógica com a qual gostamos de nos acostumar. Contudo, inclusive as séries longevas

(*The Dresden Files* está em seu 15º livro) têm um ponto de partida. Um momento em que leitor e personagem ainda são desconhecidos indo para o seu encontro às escuras.

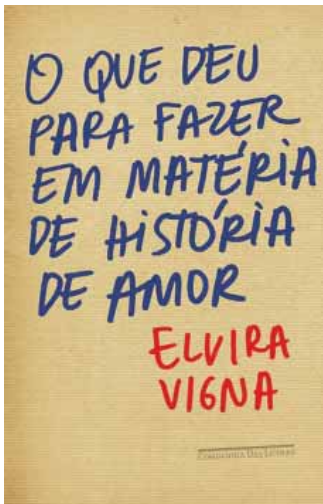
Manuais de escrita costumam dedicar algumas páginas à estruturação dos inícios. *Wonderbook*, do Jeff Vandermeer, diz ser importante que o leitor entenda o que virá pela frente a partir das páginas iniciais. Não necessariamente uma etiqueta de gênero literário, mas ao menos uma indicação dos elementos que formarão a história. Um policial com elementos de fantasia? Uma fantasia com viés de investigação? Uma história de crimes em um mundo fantástico, mas que terá uma abordagem filosófica sobre a vida e a morte?

Particularmente, me atrai a possibilidade de ser surpreendido. Gosto de ir a shows de artistas dos quais conheço poucas músicas, quiçá nenhuma. Gosto de ver filmes sem ler críticas e sinopses. Gosto de começar histórias sabendo o mínimo possível sobre elas. Contudo, como criador, entendo a preocupação com os inícios, com o primeiro contato. Um livro largado é muito mais do que um leitor a menos.

Atento a esta questão dos começos, peguei na estante alguns livros que me agradam para relembrar seus parágrafos iniciais. Será que eles seriam capazes de fisgar esse leitor fugaz sempre disposto ao abandono?

Conheci a ficção de Haruki Murakami com “Sputnik, Meu Amor”. Na época, não sabia o que esperar dele como autor, menos ainda da história. O livro começa desta forma: “Na primavera de seu vigésimo segundo ano, Sumire apaixonou-se pela primeira vez. Um amor intenso, um verdadeiro tornado...” Creio que é clara a intenção do autor em dizer: esta é uma história de amor. Mais adiante no parágrafo, novas camadas são acrescentadas: “A pessoa por quem Sumire se apaixonou era, por acaso, dezessete anos mais velha do que ela. E casada. E, devo acrescentar, uma mulher.” Nossa história de amor passa, da primei-





ra à décima linha, a ser uma história de amor um pouco menos convencional.

Esta prática, comum no que chamo de escola de *best-sellers*, a necessidade de agarrar o leitor pela badana numa batalha de vida ou morte, não é tão frequente em romances mais autorais. Mas há alguns bons exemplos a serem citados.

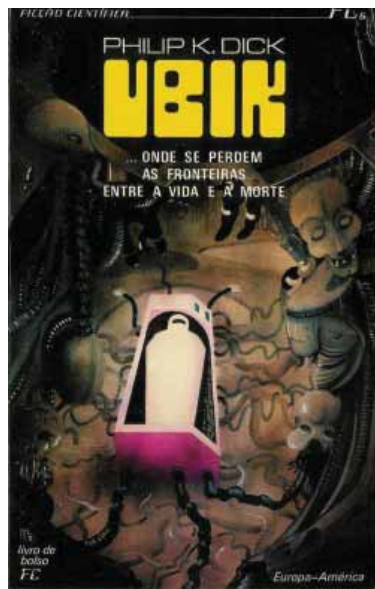
Em *O que deu para fazer em matéria de história de amor*, de Elvira Vigna, temos o seguinte início: “Chega um cheiro de cigarro da mesa

ao lado. Aspiro. Não fumo, nunca fumei. Se me perguntarem, não gosto de cigarro, não perguntam, já sabem. No entanto, gosto. E podia parar por aqui. Porque é nisto que penso. Nessas histórias que parecem uma coisa e são outra.” Deste trecho, sabemos que há uma ambientação contemporânea, que nossa protagonista mente, e que nada é o que parece, três elementos comuns da prosa da autora. E que valem inclusive para o título, que tem mais a ver com a impossibilidade de se construir uma narrativa sobre o amor do que de se viver uma história de amor em si.

Philip K. Dick, um dos meus autores favoritos, começa *Ubik* também indo direto ao ponto: “Às 3h30 da madrugada de 5 de junho de 1992, o maior telepata do Sistema Sol sumiu do mapa dos escritórios da Runciter e Associados em Nova York.

Os vidfones começaram a tocar. A organização Runciter havia perdido demais a localização dos psis de Holli nos últimos dois meses.” Antes de mais nada, sabemos que este é um livro de ficção científica. Sobre a história, que ela é ambientada em uma Nova York futurista, com personagens de dons paranormais, e que alguém importante sumiu, o que, quem sabe, será o motor da nossa história.

Em sua fase de romances juvenis, Santiago Nazarian lançou *O Prédio, o Tédio e o Menino Cego*. Eu que estava acostumado a seus livros voltados para o público adulto, por assim dizer, encontrei este primeiro parágrafo: “O menino emergiu do quarto como um inseto envenenado. Segurando-se nos móveis, nas paredes, apoiando-se no batente, chegou até a sala tentando reconhecer o tempo e o espaço em que caminhava, desequilibrava. O prédio estava inclinado.” Fora a referência pós-kafkiana, em que o inseto já vem envenenado, há a ideia de um protagonista jovem e de um mundo torto, inclinado aos desequilíbrios. Embora não saibamos nada da história, sabemos do menino e da ambientação feita a partir



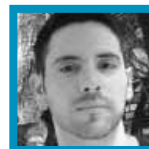
de desencaixes. O que resume bem a proposta de “existencialismo bizarro” da obra do Santiago.

Estou, de propósito, ignorando a mensagem de capas e badanas, os estágios anteriores de disputa pela atenção do leitor potencial. Na literatura de gênero, o mais comum é que as capas gritem para o leitor “veja-me, um livro de fantasia”, ou seja lá qual for o gênero. Capas mais sutis, abstratas, artísticas, dependem da decisão do editor e do departamento de marketing, com alguma interferência do autor. Cada época, cada país, tem seu conjunto de códigos e referências visuais para estabelecer um diálogo eficiente com o comprador. O texto, porém, permanece.

Encerrando a lista de exemplos, cito George R.R. Martin. Econômico em seus momentos de fantasia, o autor abre o primeiro livro da série *Crônicas de Gelo e Fogo* com garotos fugindo de zumbis em uma terra congelada. Lá está o gênero, declarado, mesmo que a fantasia venha a aparecer apenas pontualmente no decorrer. Ao matar seu primeiro personagem importante, ele subverte a expectativa do leitor, e afirma que ninguém estará seguro nas próximas páginas. É uma jogada de risco que talvez sacrifique alguns leitores. Mas os que comprarem o jogo, permanecerão fiéis até o fim. Ou até que o autor, ainda dentro de sua lógica, explore novos limites de violência e mortes inesperadas.

Se vivemos mesmo uma época de fugacidade, sermos sinceros conosco e com nossos leitores é o mínimo que podemos oferecer. No fim das contas, *Ubik* também é uma história sobre o modo como lidamos com o tempo. *Sputnik, Meu Amor* não se priva de momentos de fantasia em sua trama realista. *O que deu para fazer em matéria de história de amor* traz um flerte intrincado com estrutura narrativa, mas tem também um quê de mistério, de gênero, em seu final. *O Prédio, o Tédio e o Menino Cego* acompanha adolescentes sobrevivendo aos estereótipos da idade, mas, quando quer, congela mares, evoca pinguins e flerta com *serial-killers*.

Todos esses autores tinham consciência de seu público. Entretanto, mesmo em um mercado voraz, não tiveram medo de firmar uma identidade e seguir seu próprio caminho. **BANG!**



Eric Novello é formado pelo Instituto Brasileiro de Audiovisual. É autor, tradutor, compositor e copidesque. Já trabalhou com diversos nomes da nova geração da literatura especulativa brasileira. Estreou na literatura em 2004, tendo publicado contos e romances. Seus livros mais recentes são *Neon Azul* (2010), *A Sombra no Sol* (2012) e *Exorcismos, Amores e Uma Dose de Blues* (2014). O site do autor pode ser consultado em <http://ericnovello.com.br/>

metais pesados

Reconhecimento

por Fernando Ribeiro

Para um leitor de Ficção Científica, no seu sentido mais lato mas também nas obras que encontraram a sua razão de ser em leitores mais específicos, uma das melhores recompensas é reconhecer nos clássicos da Literatura que, apesar do seu tema, se conseguiram expandir e cravar na pedra do Tempo e do Conhecimento a sua importância do estilo que une tantos e diferentes entusiastas.

São várias as obras e os autores que se encaixam nesta consagração: Shelley, Bradbury, Verne, Orwell e sabê-los lidos e reconhecidos por muita gente, uma massa crítica muito considerável, sem idades ou distinções; que, numa primeira aproximação, não gostaria de ter nada a ver com o folclore *geek* que é uma demonstração extrema (e na minha opinião muito curiosa e dedicada) das muitas vertentes dos apreciadores de FC que, normalmente, são discretos. A sua imaginação e apetite pelo inusual, no entanto, são vorazes, alimentam-se de chama.

Um desses clássicos é o *Micromegas* de Voltaire. A história é simples e

narra a visita de um gigante alienígena, oriundo do planeta Sirius ao nosso planeta. Este gigante sábio e colossal empreende uma investigação aos nossos costumes, certezas e avanços humanísticos e científicos, que permite ao autor satirizar todas estas coisas, quase como se as visse de um ponto de vista cósmico, alheio à desventura egoísta e ignorante da raça humana. Os comentadores não hesitaram em lhe chamar uma novela filosófica e quando finalmente o género de FC foi instituído e confirmado na Literatura Moderna, a viagem espacial, os outros mundos, a visita do alienígena, a comunicação com os terráqueos e as conclusões metafísicas do Iluminista, tornaram-no numa espécie de pioneiro involuntário do estilo e um nome e, pelo menos, uma obra a juntar aos autores e obras ilustres previamente citados.

Nesta descoberta e reconhecimento se encontra depositada muita da vitalidade e força actual do género. Encontrar estas obras pela primeira vez é muito válido e essencial numa época onde toda a informação está disponível; onde existem micro-autores, trabalhando micro-universos, lidos por poucos mas que depressa apanham a onda da velocidade dos dias, para se tornarem virais. Nem sempre com mérito, qua-

se nunca com continuidade. Daí que ler os clássicos que não eram do estilo porque ele não existia é tudo menos algo de previsível ou inútil. Estas obras são a cola que une todos os universos. Mesmo aqueles que, para nosso gáudio, apenas existem nas nossas cabeças.

BANG!



Fernando Ribeiro é vocalista e letrista da banda Moonspell, com a qual já lançou vários discos, e em 2009 participou no projecto Amália. Tem três livros de poesia publicados e, no universo lovecraftiano, traduziu para português a biografia em banda desenhada intitulada "Lovecraft", assinou as introduções das antologias "Os Melhores contos de H. P. Lovecraft" e participou nas antologias "As Sombras Sobre Lisboa" e "Contos de Terror do Homem-Peixe". Em 2011, publicou ficção na colecção *Mitos Urbanos* da editora Gailivro.



SHERIDAN LE FANU

NO ANO DO BICENTENÁRIO

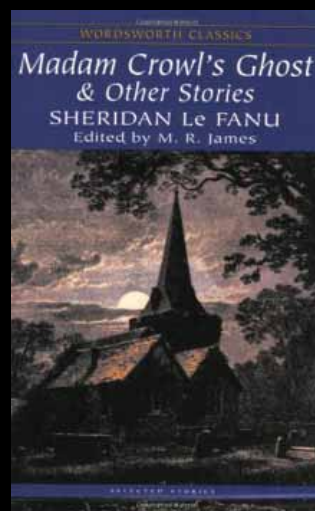
POR ANTÓNIO MONTEIRO

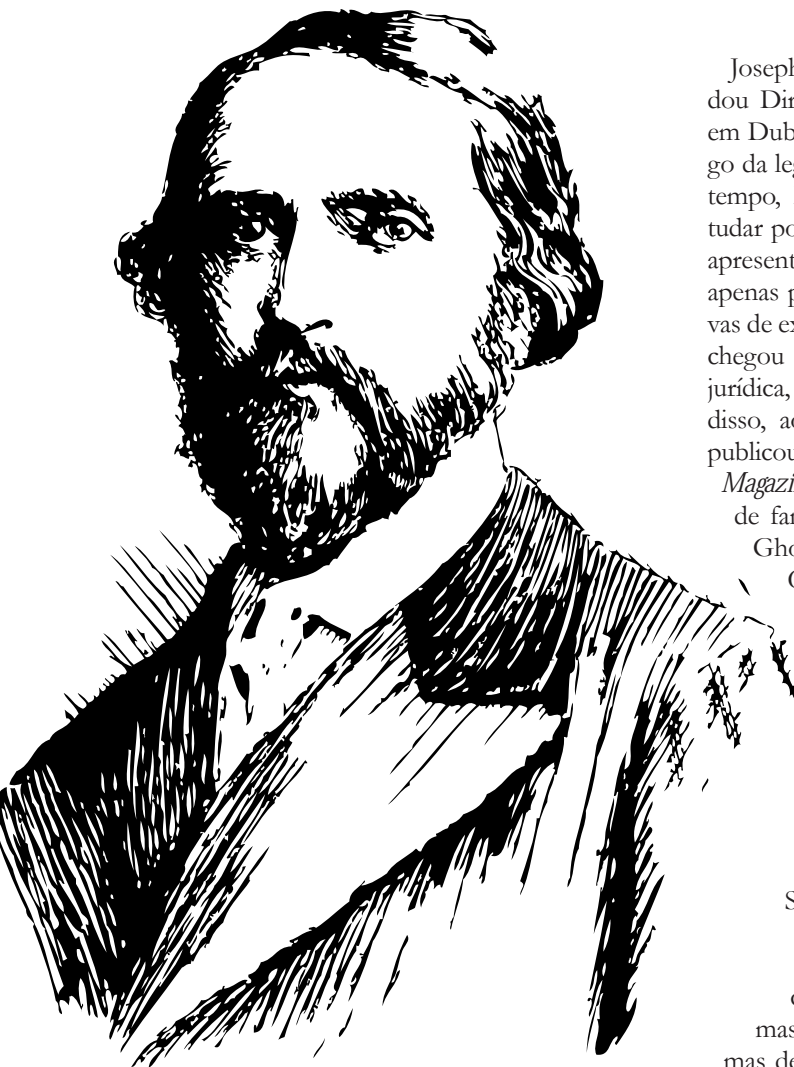
“Ele [Joseph Sheridan Le Fanu] ocupa sem dúvida a primeira linha como escritor de histórias de fantasmas. É esse o meu veredicto definitivo após ler todos os contos sobrenaturais a que consegui ter acesso. Ninguém define o ambiente melhor que ele, ninguém é mais hábil a referir cada pormenor relevante.

Montague R. James

Prólogo de *Madam Crowl's Ghost* (1923)

No dia 28 de Agosto de 1814 nascia em Dublin Joseph Thomas Sheridan Le Fanu, que viria a tornar-se num dos mais importantes – se não mesmo o mais importante – dos autores da literatura gótica e sobrenatural da sua época, com grande influência em sucessivas gerações de escritores do género, a partir da era vitoriana. A um certo esquecimento no meio século que se seguiu à sua morte, sucedeu um renovar da apreciação da sua obra, principalmente a partir de 1923, ano em que Montague R. James reuniu a colecção de contos *Madam Crowl's Ghost and Other Stories*. No ano em que se comemora o seu segundo centenário, é apropriado recordar a sua figura.





Joseph, filho de Thomas Philip Le Fanu e Emma Lucretia Dobbin, nasceu no seio de uma família de origem huguenote, ancestralmente proveniente da Normandia, ligada às letras: a sua avó Alicia Sheridan Le Fanu e o seu tio-avô Richard Brinsley Sheridan foram dramaturgos com algum valor e uma sobrinha, Rhoda Broughton (1840-1920) viria a notabilizar-se como romancista, vindo a escrever também algumas histórias de fantasmas (publicadas em 1873 num volume intitulado *Tales for Christmas Eve*).

Embora tendo nascido em Dublin, com apenas um ano de idade a família mudou-se para Phoenix Park, junto à povoação de Chapelizod, em virtude de Thomas Philip Le Fanu, um pastor protestante austero, ter sido nomeado capelão da Royal Hibernian Military School; em 1826, nova mudança, desta vez para Abington, no Condado de Limerick, no Sul da Irlanda.

Os tempos de juventude de Joseph Sheridan Le Fanu foram agitados pelos conflitos que na Irlanda opunham os muitos católicos aos poucos mas dominantes protestantes, nomeadamente durante as desordens da Guerra da Décima, no início da década de 1830. Toda essa situação atribulada determinou que a família tivesse de enfrentar sérias dificuldades financeiras, ao ponto de se ver forçada a vender a biblioteca de Thomas para pagar algumas dívidas, após a morte dele.

Joseph Sheridan Le Fanu estudou Direito no Trinity College, em Dublin, se bem que, ao abrigo da legislação irlandesa do seu tempo, lhe fosse permitido estudar por si, sem assistir a aulas, apresentando-se na universidade apenas para a realização de provas de exame. No entanto, nunca chegou a exercer uma profissão jurídica, dedicando-se, em vez disso, ao jornalismo. Em 1838 publicou no *Dublin University Magazine* a sua primeira história de fantasmas, intitulada “The Ghost and the Bone-Setter”.

Casou em 1844 com Susanna Bennett e o casal teve quatro filhos, Eleanor (nascida em 1845), Emma (1846), Thomas (1847) e George (1854).

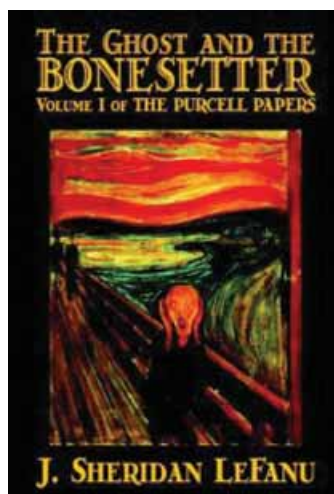
A vida de Joseph Sheridan Le Fanu nunca foi fácil, não só pela precariedade das suas condições económicas, mas também pelos problemas de saúde de Susanna, que padecia de crises de ansiedade e diversos sintomas neuróticos, vindo a falecer em 1858, na sequência de um “ataque de histeria”, nunca cabalmente explicado.

O autor trabalhou em vários géneros distintos, mas notabili-

zou-se fundamentalmente pelas suas histórias de mistério e de terror. O seu estilo caracteriza-se pela construção metódica dos textos – que por vezes adaptava e desenvolvia a partir de peças publicadas anteriormente – e pela concentração no tom e no ambiente geral de cada narrativa, abstendo-se da descrição de cenas explicitamente chocantes, ao ponto de deixar por vezes por explicar aspectos importantes do enredo. De um modo geral, nas suas obras principais o sobrenatural não é mais que sugerido, deixando espaço a uma interpretação “natural” dos factos. Por exemplo, no conto “Green Tea”, só o protagonista vê um macaco demoníaco, que poderia por isso existir apenas na sua imaginação, enquanto em “The Familiar” uma coruja fantasmagórica pode não passar de uma ave verdadeira, não havendo testemunhas da morte aparentemente sobrenatural do Capitão Barton.

A sua história “The Watcher” (publicada em 1847 no *Dublin University Magazine*) foi Montague R. James buscar a sua conhecida receita para a composição de uma história de terror eficaz:

“Sejamos apresentados aos actores de uma maneira tranquila; vejamo-los no seu dia-a-dia, sem serem perturbados por presentimentos sombrios, satisfeitos com o mundo à sua volta; neste ambiente calmo, permitamos então que a coisa ominosa espreite, ao princípio discretamente, depois de forma mais insistente, até ocu-



par o centro da acção”

(M. R. James, Introdução à antologia *Ghosts and Marvels*, 1924).

A “explicação natural” utilizada por Le Fanu é também salientada por James, quando prossegue:

“Não é descabido deixar por vezes uma abertura para uma explicação natural; digo eu, porém, que essa abertura deve ser estreita ao ponto de não ser verdadeiramente praticável”

(M. R. James, Introdução à antologia *Ghosts and Marvels*, 1924).

De 1864 em diante, por imposição do seu editor inglês, Le Fanu publicou diversos romances “de tema inglês e passados nos tempos modernos”. Viria a falecer em Dublin, no dia 7 de Fevereiro de 1873. Contava apenas 58 anos. Na fase final da sua vida, foi afligido por terríveis pesadelos, sinais de uma personalidade algo neurótica, que terão porventura influenciado algumas das suas mais negras criações.

Como se disse acima, Joseph Sheridan Le Fanu é hoje principalmente conhecido pelos seus contos de terror, embora em vida tenha sido um romancista de grande êxito, ao ponto de Henry James o referir num dos seus contos:

“Lá estava o habitual romance do Sr. Le Fanu na mesa-de-café: a leitura ideal para uma casa no campo, para as horas

depois da meia-noite”

(Henry James, “The Liar”, 1888).

Na verdade, tanto a novela gótica *Spalatro: from the notes of Fra Giacomo*, novela gótica muito ao estilo de Ann Radcliffe, publicada anonimamente em 1843, que envolve episódios de vampirismo e necrofilia (não sendo provavelmente coincidência que a sua redacção tenha sucedido ao falecimento de Catherine, irmã mais velha do autor), como três romances históricos publicados entre 1845 e 1863 e dez romances sensacionalistas “ingleses” que apareceram entre 1864 e 1872, caíram no esquecimento, se bem que os temas góticos ali surjam por vezes.

Os doze contos curtos reunidos em 1880 (mas escritos quatro décadas antes) sob o título *The Purcell Papers*, na sua maioria passados na Irlanda, incluem já vários de temática gótica e sobrenatural, sendo de destacar “A Strange Event in the Life of Schalken the Painter” (reformulada em 1851 com o título “Schalken the Painter”) e “Passage in the Secret History of an Irish Countess”, que é uma versão preliminar do seu famoso romance *Uncle Silas*, de 1864.

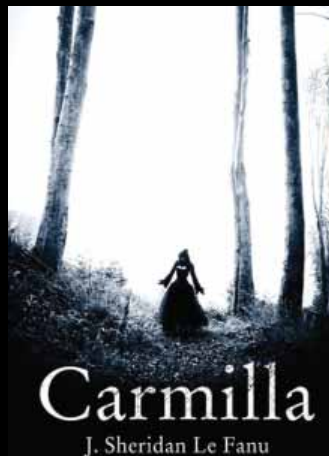
Este romance, ainda bem conhecido nos nossos dias, não



SHERIDAN LE FANU
Uncle Silas

sendo propriamente de tema sobrenatural, é uma história do tipo do mistério policial, mais precisamente um precursor do género do “mistério do quarto fechado”. Inclui muitas referências ao ocultismo e às ideias do filósofo sueco Emanuel Swedenborg.

Em 1872, Le Fanu publica uma colecção de cinco contos, em que aparece a figura do detective do oculto Dr. Hesselius (precursor de outros detectives semelhantes, incluindo o famoso John Silence, criado por Algernon Blackwood). Sob o título genérico *In a Glass Darkly*, o volume inclui algumas das mais importantes histórias do autor: para além de “The Room in the Dragon Volant”, que não é de tema sobrenatural



embora inclua o assunto do enterro prematuro, tão caro a Edgar Allan Poe, encontramos “Green Tea”, “The Familiar”, “Mr. Justice Harbottle” (uma nova versão do conto anterior “An Account of Some Strange Disturbances in Aungier Street”) e, acima de tudo, “Carmilla”.

O conto “Green Tea” é especialmente notável: é a história de um clérigo atormentado por um símio (que só ele vê, depois de beber grandes quantidades de chá verde), que acaba por levá-lo ao suicídio. Em “The Familiar”, um comandante de marinha é perseguido por um estranho anão e ouve vozes que lhe trazem acusações, enquanto “Mr. Justice Harbottle” conta a história do severo juiz Elijah Harbottle, condenado em sonhos por um ser monstruoso.

Outras colecções de contos incluem *Chronicles of Golden Friars* (1871, três histórias), *The Watcher and Other Weird Stories* (1894) e *Madam Crowl's Ghost and Other Tales of Mystery* (1923), as duas últimas publicadas postumamente.

De todas as histórias de Le Fanu, a mais conhecida hoje em dia é provavelmente “Carmilla” (publicada pela primeira vez em 1872, ou seja, um quarto de século antes de *Dracula*, de Bram Stoker), que gira em torno da figura do vampiro do sexo feminino Carmilla e da sua jovem vítima Laura, num ambiente de sedução lésbica minuciosamente descrita, quer nos seus aspectos psi-



cológicos mais finos, quer até de um ponto de vista físico. Carmilla acaba por ser desmascarada pelo general Spielsdorf como sendo a mesma que uma certa Millarca, responsável pela morte da sua sobrinha; finalmente, tanto “Carmilla” como “Millarca” acabam por ser reconhecidos como anagramas do primeiro nome da Condessa Mircalla Karnstein. A intervenção do Barão Vordenburg acaba por conduzir à destruição do terrível monstro, cujo cadáver é exumado sob autorização imperial.

A influência de “Carmilla” na literatura de vampiros tem sido abundantemente discutida por diversos autores, que lhe encontram eco em obras tão separadas como *The Turn of the Screw*, de Henry James, e *Dracula*, de Bram Stoker; em particular, as figuras femininas em “Carmilla” têm sido comparadas com a de Lucy em *Dracula*, sendo inegáveis muitas semelhanças, enquanto o Barão Vordenburg tem sido visto como desempenhando um papel inteiramente paralelo ao do Dr. Abraham Van Helsing.

Mas foi sem dúvida o cinema que mais contribuiu para popularizar este magnífico conto, a começar com o famoso e importante *Vampyr* (1932), de Carl Dreyer, e passando por *Et Mourir de Plaisir* (1960), de Roger Vadim e principalmente por *The Vampire Lovers* (Hammer, 1970), de Roy Ward Baker, com Ingrid Pitt e Peter Cushing, que daria lugar a dois outros filmes de 1971, *Lust for a Vampire* e *Twins of Evil* formando a chamada “trilogia Karnstein”, caracterizada pela associação entre o vampirismo e as relações lésbicas.

Os temas utilizados por Le Fanu nas suas histórias de terror enraízam-se obviamente na tradição da literatura gótica, praticamente nascida em meados do século XVIII e tendo como principais marcos as obras de Horace Walpole (1717-1797) e Ann Radcliffe (1764-1823). No entanto, Jacqueline Simpson observa com pertinência a utilização de histórias populares transmitidas oralmente pelas gentes humildes de Chapelizod, revestidas porém da credibilidade que lhes é conferida por supostos documentos e narrativas da iniciativa

de membros de classes mais elevadas e aparentemente menos questionáveis na interpretação dos factos descritos.

A importância de Joseph Sheridan Le Fanu não pode portanto ser posta em causa – apesar da opinião bastante negativa que S. T. Joshi tem das suas obras, que considera palavrosas e pouco imaginativas. Montague R. James considerou-o como seu mestre e inspirador, e certamente influenciou a obras das irmãs Brontë. As pormenorizadas descrições de insanidade mental saídas da pena de Le Fanu prefiguram as histórias modernas de terror psicológico; foi também o primeiro a utilizar a imagem aterrorizadora de uma mão desencarnada e a



aperfeiçoar a estruturação das suas histórias, construindo um crescendo de tensão que culmina num clímax extremamente eficaz, mecanismo que haveria de ser amplamente desenvolvido e utilizado por outros autores. De Joseph Sheridan Le Fanu disse E. F. Benson que produzia “página, por página, uma percentagem muito mais elevada de terror que Edgar Allan Poe, que no entanto é muito mais lido”. **BANG!**



Nascido em Lisboa em 1951, casado, com duas filhas e três netos. É professor universitário de Matemática e tem múltiplos interesses, entre os quais a Malacologia, sendo editor da revista electrónica “The Cone Collector” (www.theconecollector.com). Na área da literatura fantástica, especialmente da literatura de terror, para além de pertencer a diversos clubes, é autor de diversos contos publicados em revistas.

Ashcroft, British Columbia, Canada, 2003

Le Fanu, Joseph Sheridan, *Mr. Justice Harbottle and Others*, Ash-Tree Press, Ashcroft, British Columbia, Canada, 2005

Lovecraft, H. P., *The Annotated Supernatural Horror in Literature*, edited by S. T. Joshi, Hippocampus Press, New York, U.S.A., second edition, 2012

O’Brian, Helen Conrad & Stevens, Julie Anne (eds.), *The Ghost Story from the Middle Ages to the Twentieth Century*, Four Courts Press, Dublin, Ireland, 2010

Penzoldt, Peter, *The Supernatural in Fiction*, Humanities Press, New York, U.S.A., 1965

Simpson, Jacqueline, “The Charm of Old Women’s Tales: Le Fanu’s Use of Oral Tradition”, in *The Green Book*, Issue 1, The Swain River Press



Referências bibliográficas:

Crawford, Gary William, Rockhill, Jim, & Showers, Brian J., *Reflections in a Glass Darkly – Essays on J. Sheridan Le Fanu*, Hippocampus Press, New York, U.S.A., 2011

James, M. R., *A Pleasing Terror*, Ash-Tree Press, Ashcroft, British Columbia, Canada, 2001

Joshi, S. T., *Unutterable Horror – A History of Supernatural Fiction*, Volume 1: *From Gilgamesh to the End of the Nineteenth Century*, PS Publishing, Hornsea, England, 2012

Joshi, S. T. & Dziemianowicz, Stefan (eds.), *Supernatural Literature of the World – na Encyclopedia*, Greenwood Press, London, England, 2005

Le Fanu, Joseph Sheridan, *The Illustrated J. S. Le Fanu – Ghost Stories and Tales of Mystery by a Master Victorian Storyteller*, selected and introduced by Michael Cox, Equation, Thorsons Publishing Group, Wellingborough, England, 1988

Le Fanu, Joseph Sheridan, *Shalken the Painter and Others*, Ash-Tree Press, Ashcroft, British Columbia, Canada, 2002

Le Fanu, Joseph Sheridan, *The Haunted Baronet and Others*, Ash-Tree Press,



PENSANDO NO RELÓGIO



UM CONTO
POR RUI
RODRIGUES
ALVES

Quando ela entrou no quarto com o seu arsenal já devidamente preparado e a escorrer da voz já eu tinha dado voltas infinitas a todos os males que me esperavam, fazendo-me ansiar, pela milésima vez,

por algo melhor. Algo melhor...do que isto que via rodear-me. Ela entrou e chagou-me como bem devia na sua mente, alertando-me para a tarefa do lixo, para o jantar que cedo me esperaria, para o uso que ela denominava de “excessivo e nocivo” do computador e da leitura recreativa, e tudo isto num sopro. Eu respirei e ouvi. Por momentos não me pareceu ter respirado, havia ganho a sensação de que me tinha perdido no meio de um outro mundo, nos meandros do meu desejo sobre-humano de desligar-me. Mas estava vivo, ou posto de outra maneira, sobrevivera. Respirara. Antes de fechar a porta e se ausentar por completo, a minha mãe virou-se em última instância para mim e disse-me que não fazia nada durante o dia inteiro. Ela sabia tudo.

Antes de ele se dirigir com o seu andar trôpego e confiante até à sala de estar já tinha eu ponderado sobre as amarguras daquele dia e de dias vindouros, de problemas cada vez mais próximos e de épocas melancólicas a trincarem a esperança frágil aos meus calcanhares. Eu per-

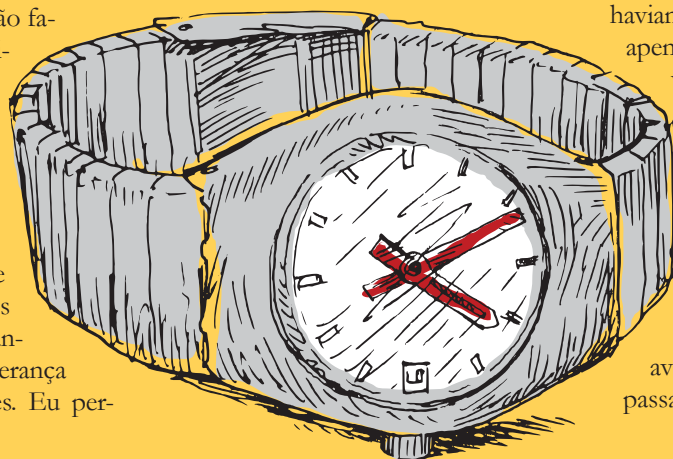
corria os canais televisivos após o trabalho escolar terminado, um descanso que pensei que merecia. Ele falou comigo e descartou todas as suas armas em detrimento de um simples olá ou abraço ou beijo de boas-vindas. Hirto, de mãos nos bolsos, disse-me que esperava de mim grandes coisas, um futuro do qual se podia orgulhar e espalhar palavra entre os amigos, regozijando na vida premeditada de um outro ser. Proibiu-me de sair ao fim-de-semana e de ver mais televisão. Pós-me no quarto a trabalhar. Ele sabia tudo.

Saindo uma semana depois do sucedido, eles aguardavam a minha vinda dentro do bar noturno que com luzes e fumo abundante distanciava o meu apreço e conforto com grande afirmação. Ao chegar perto da entrada, ainda antes de caminhar para o interior, desejei pelo fim da noite. Ansei por uma força que impedisse o avanço do meu seguinte passo. Tal como fizera antes, com o meu pai. Tal como antes, com a minha mãe. Exatamente o

comportamento de há dois meses. De há um ano. De há dez. Já não me lembrava do começo.

Havia sonhado com o atraso do tempo e com o galopar rompante do relógio. Todos os dias odiando a minha existência com a minha família, com os meus supostos “amigos” e com o meu trilho escolar. Sonhava com uma vida que pensava que merecia, que qualquer pessoa merecia, de alguma felicidade evidente que pudesse surgir no quotidiano das suas vidas. Na minha não era assim. Não o sentia. Percorria os dias sonhando e pensando e perdido noutras dimensões paralelas, em fantasias de criança, de jovem escravizado e torturado pelas vicissitudes da sua existência que não lhe haviam apontado para lado nenhum, apenas por um caminho que aparentava ter esquecido a sua conceção e perdido o seu rumo.

Jantava com os meus pais. Eles nunca sorriam entre si, e falavam exclusivamente para mim. As palavras eram diferentes mas o seu conteúdo igual; todas as frases e entoações ladeadas com a constante amargura que permeava todas as nossas interações. Devia passar mais tempo a ajudá-los nas lidas





exagerada e detestável. De abusos abertamente recebidos e partilhados, de drogas leves e ilegais, de inúmeras expressões sexuais, algumas até sendo concretizadas.

Eu ouvi e permaneci em silêncio. Eles sabiam tudo.

Com os olhos postos no meu calendário de quarto, pensava novamente no tempo que os meus pais tão preciosamente referiam como fator determinante na minha formação geral.

Na transformação no modelo ideal. Teria que entregar um trabalho dali a três dias. Mais um que ia pregando fundo os pregos da minha inércia. Eu olhava e permanecia em silêncio, sabendo e esperando pela tal coisa que ia destruir aquele momento em que pensava no tempo, em que me esforçava com todas as vontades do meu espírito para fazer mexer os tais ponteiros ou a tal areia, mais depressa ou mais devagar.

A minha disposição no seio do ambiente da minha turma, dentro da sala de aula, revelava-se cada vez mais ténue, ameaçando quebrar juntamente com as minhas emoções até então equilibradas. Eu ouvia-os falar durante as aulas,

por vezes chegando a expressar as suas próprias visões do mundo visto confrontados com perguntas mais complexas por parte dos professores. Eles sabiam tudo. Os professores também,

transmitindo para nós as suas convicções e percepções sociais. Eram os segundos pais em tempo extra. Tempo. Expandia-se vergonhosamente quando saía da aula para o recreio, onde continuava a ouvir a azáfama de vozes ignorantes e egocêntricas. Pensei sistematicamente nessa grande força novamente, tentando manipulá-la, tentando cair nas suas boas graças e apelar à sua misericórdia. Mas não. Não avançava.

Dispondo o meu estado de espírito dormente pelo sofá da sala de estar a meio de uma melancólica tarde chuvosa, deambulava pelos recantos subterrâneos da minha mente longínqua procurando refúgio, ou dito com mais rigor e verosimilhança, hibernação. A mística impiedosa que sempre encapsulava e prendia o foco das minhas neuroses persistia com a sua ação. Desobedecendo e desprezando todos os meus apelos. O meu pai alcançou-me. Um homem de sucesso empresarial, com todo o dinheiro e tempo do mundo. Despertou-me para mais uma vez mergulhar no que era o mundo para mim: um buraco negro que tudo sugava.

Tirado do conforto temporário da minha sala de estar, fui empurrado para a companhia descartável dos meus pais numa viagem até à casa de conhecidos, adultos inseridos no círculo social enojante ao qual os que cuidavam de mim pertenciam. Um jantar seguiu-se. Num silêncio quase ensurdecedor, avistava-me constantemente no canto de qualquer divisão onde nos encontrávamos, intencionalmente cortando



da casa. A estudar. A largar as saídas.

A esquecer os inusitados “livros de fantasia” que chamavam à ficção que lia. A ouvi-los eternamente e obedecer como bom filho que deveria ser. Eu ouvia e comia. Eles sabiam tudo.

Dois amigos do bairro caminhavam comigo para as nossas respetivas casas depois de uma noite, sorte inesperada e rara dada pelos meus pais depois de dois meses desde a última. Eles falavam-me de divertimentos desconhecidos, de mulheres apetecíveis que passaram por eles numa festa que, ao ouvindo o seu relato, me pareceu claramente





o e l o de ligação com todos os presentes. Os meus pais falavam. Os vizinhos falavam. No fim perguntaram por mim, inquirindo sobre as minhas aptidões e aspirações futuras. Eles responderam por mim, estavam lá para isso. Nem me havia esforçado. Contudo, antes de darmos os últimos passos naquela casa de estranhos e peculiares indivíduos, constatei que existiu um simples pormenor que me atraiu durante o serão. Os marcadores do tempo do relógio eletrónico da sala de estar. Os números expostos no pequeno visor. Não os larguei de vista. A vontade ia-se tornando mais agressiva. Não conseguia largar o tempo. Queria que me obedecesse. Teria que me obedecer, não havia outra opção.

Cheguei a casa, depois do retorno silencioso dentro do carro, e olhei para o relógio que tínhamos na sala. Não sabendo todos os detalhes daquele súbito impulso, conformei-me de qualquer das maneiras. Neste caso, da maneira como queria que o tempo fizesse. Que me imitasse no meu comportamento compulsivo. Os meus pais alertaram-me para as horas de dormir. Não tive muito tempo; novamente troçava. Mas sabia que vinha aí o fim-de-semana. Sabia que vinham aí mais discórdias e desarmonias escolares e familiares. Mais turbulência na minha vida. Sem qualquer vestígio de felicidade, por mais efémera que pudesse ser, à vista no horizonte. Sabia. Sabia que por muito que me custasse explicar a anomalia que sentia, iria executá-la.

No dia seguinte, conseguindo

alguns segundos a sós em casa, esqueci todas as infelicidades futuras e olhei novamente para o relógio também eletrónico da sala. Olhei e olhei, fixei e fixei. Trinta minutos seguidos. Iria obedecer. Teria que obedecer. Eu queria mudança. Eu mataria por mudança. Quando queria que abrangesse, ria-se de mim e corria. Quando desejava pelo contrário, virava-me as costas e andava sem qualquer mal em mente. Era isto que via como a única escapatória. A transposição de todos os meus sonhos para o mundo real. Olhei em silêncio e continuei, ignorando toda a comoção que se seguiu pela casa.

Todos os dias, contando com aquele primeiro fim-de-semana, reservava alguns minutos para olhar para o relógio. À noite, pensava na sua figura e no tempo. Em deuses do tempo, em universos paralelos sem obrigações, sem restrições, sem companhias indesejadas ajustadas a nós sem a nossa intervenção na questão. Mundos nómadas, cheios de gente livre e que não matava, nem magoava, nem ofendia, nem desprezava e nem perturbava. O silêncio assumido e propagado. Uma paz angélica e eterna. Céus azuis e limpos. Sóis que abraçavam a alma.

Chuvas apazi-

gua-doras. O verdadeiro mundo como deveria ser.

A minha mãe falava e gritava. O meu pai respondia e ameaçava deixar a casa. A constante euforia enraivecida embrulhava cada dia num manto de negrura que levava à insanidade. As coisas pioravam. Na escola, desligava por completo. As notas des-ciam. As z a n g a s p r o - longa-





vam-se. Já raramente saía, por ordens superiores embora não só. Também eu negligenciava o contacto com outros. A minha companhia era agora melhor redirecionada para o tempo. Tempo no seu conceito puro. A sala de estar. Os olhares fixos e concentrados, como nunca antes me concentrara na vida. O caos desenrolava-se a meu redor, e na minha mente, criando imagens de milhares de bombas atómicas a dizimar cidades inteiras que simbolizavam a pequena e ínfima esperança que ainda sobrevivia nos escombros do meu ser. Cedo iremos quebrar todos. Tudo irá ruir. O tempo é a única coisa que me poderá salvar. O dia passou. A minha face acabou negra. Os meus pais dormiram juntos, e ouvi gemidos deitado na minha cama, pensando nas impressões eletrónicas dos números no relógio da sala.

Ao nascer do sol seguinte o impulso permanecia forte, e a minha perseverança e determinação iguais. Os meus pais não entravam nas minhas preocupações. Parecia que lentamente me divorciava do mundo que odiava e que me odiava, obcecado inteiramente no que interessava. O relógio. Os números a mudar, um a um. Precisava que mudasse. Que tudo mudasse. Que o tempo mudasse.

Senti um esticão no meu braço. Um tique nervoso, contudo este, ao senti-lo, havia dado a sensação de ser mais espontâneo e fulgurante. Um espasmo nervoso. Algo que me incutiu de uma premonição terrível e assombante. Foi apenas no momento desse aparente espasmo que perdi o foco do relógio, quase passadas três horas seguidas de concentração feroz. Estava sozinho em casa, com o meu pai ainda a trabalhar e a minha mãe momentaneamente ausente. Regressei ao relógio com a determinação ainda de pé. Os números apagaram-se. Achei demasiado insólito, levando-me a sair do sofá para examinar o relógio que parecia ter-se desligado sozinho. Dei-lhe um toque com a mão aberta para o acordar. Ele acordou. Os números apareceram novamente. Ao vislumbrar o tempo do dia algo petrificou por aqueles breves momentos o meu olhar. As horas mostravam-se, contudo, efetuando o mesmo espasmo que antes havia sentido no meu braço durante pouco mais de três segundos. O último dígito correspondente aos segundos no relógio reproduzia espasmos constantes, avançando e recuando, caindo sempre no mesmo número. Os outros dígitos revelavam-se inalterados e parados. Recuei alguns passos ainda debruçado perante a descoberta. Vagueei pela sala. Olhei pela janela para a rua. Nada. Não. Algures, no fundo.

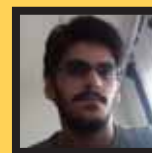


Pessoas. Pessoas paradas, tal como os números no relógio. Olhei novamente para este. Nada mudava.

Tudo mudara. Deslocava-me agora pelas ruas do meu bairro impossibilitado de descrever os acontecimentos e os factos que comprovava ao encontrar-me com os habitantes petrificados na calçada, à beira de prédios, no meio da estrada e sentados em esplanadas. Todo o mundo congelado. Morri de terror. Quase tombei no chão. Procurei os meus pais mas de nada resultou. O meu pai estava bem longe, e a minha mãe simplesmente não consegui localizá-la. Cheguei a encontrar alguns “amigos” meus, dois juntos a andar pela rua. Um deles tinha um pé no ar, flutuando, preparado para no próximo segundo cair no chão e resumir o andamento próprio e natural. O outro ficara no meio de um sorriso, com uma expressão facial que hesitei em inspecionar vagarosamente pois assustava-me de uma maneira peculiar. Corri pelas ruas. Vi pessoas que conhecia de cara, com linhas de café coladas à atmosfera esperando mergulhar na chávena que lhes esperava na mesa do bar, ou ficando com os braços infinitamente hirtos abrindo o jornal do dia. Depois de um bom bocado reagindo sem controlo ao meu primeiro contacto desenfreado e irracional ao que de facto era inexplicável, parei e pensei. Eu causara isto. O tempo por fim obedecera. Eu parei tudo. O mundo parou por minha causa. Tudo, todos...parados. Menos eu. Sozinho. Eu.

Ao voltar para casa levei o meu corpo e espírito debilitados pelo choque ao sofá em desistência. Olhei à minha volta e julguei novamente o novo mundo onde me encontrava. Estava sozinho, e estaria em qualquer local do globo. O silêncio gigantesco e eterno ficaria agora comigo. As preocupações e as amarguras. O ódio e a melancolia. A infelicidade. Peguei no comando ao meu lado no sofá e acendi a televisão. A estática cobria o ecrã. Nada aparecia. Eu sorri, contente e satisfeito.

BANG!



Rui Miguel Rodrigues Alves

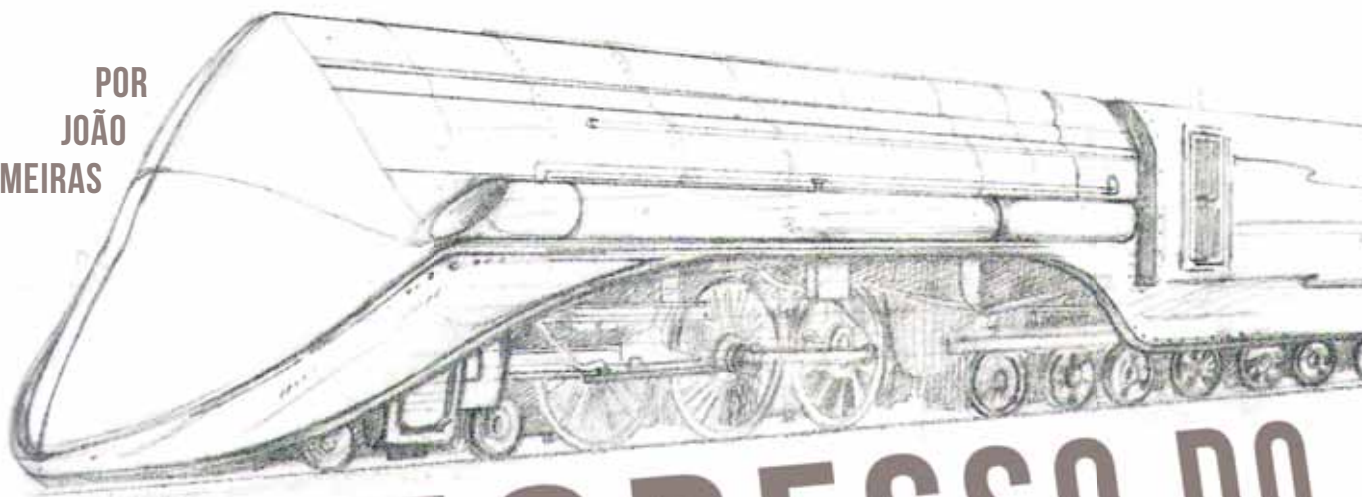
Mora em Bobadela, concelho de Loures.

Tem 18 anos e o 12º ano de escolaridade.

É estudante no Instituto Politécnico de Setúbal e Escola Superior de Educação no curso de Comunicação Social. Completou um curso de Escrita de Humor de quatro sessões na formadora Escrever Escrever, em Lisboa. Frequentou a escola de música Notas e Sons em Sacavém durante três anos.

Ocupa os seus tempos livres tocando guitarra, lendo e escrevendo.

POR
JOÃO
LAMEIRAS



O REGRESSO DO TRANSPERCENEIGE

**“PERCORRENDO
A BRANCA IMENSIDÃO
DE UM INVERNO ETERNO E GELADO DE UMA
PONTA À OUTRA DO PLANETA, RODA UM COMBOIO QUE NUNCA
PÁRA. É O TRESPASSA-NEVE DAS MIL E UMA CARRUAGENS.
É O ÚLTIMO BASTIÃO DA CIVILIZAÇÃO!”**

Assim começa *Le Transperceneige*, a Banda-Desenhada de culto de Jacques Lob e Jean-Marc Rochette que, mais de 30 anos após a sua publicação original, conhece uma segunda vida graças ao cineasta coreano Bong Joon-Ho que a usou como ponto de partida do seu filme *Snowpiercer*.

Publicado originalmente em 1982 na revista (*A Suivre*) a partir do n.º 57, o percurso do Transperceneige iniciou-se 5 anos antes, em 1977, quando Jean-Paul Mougin, o carismático chefe de redação, convidou Lob a estar presente desde o primeiro número da

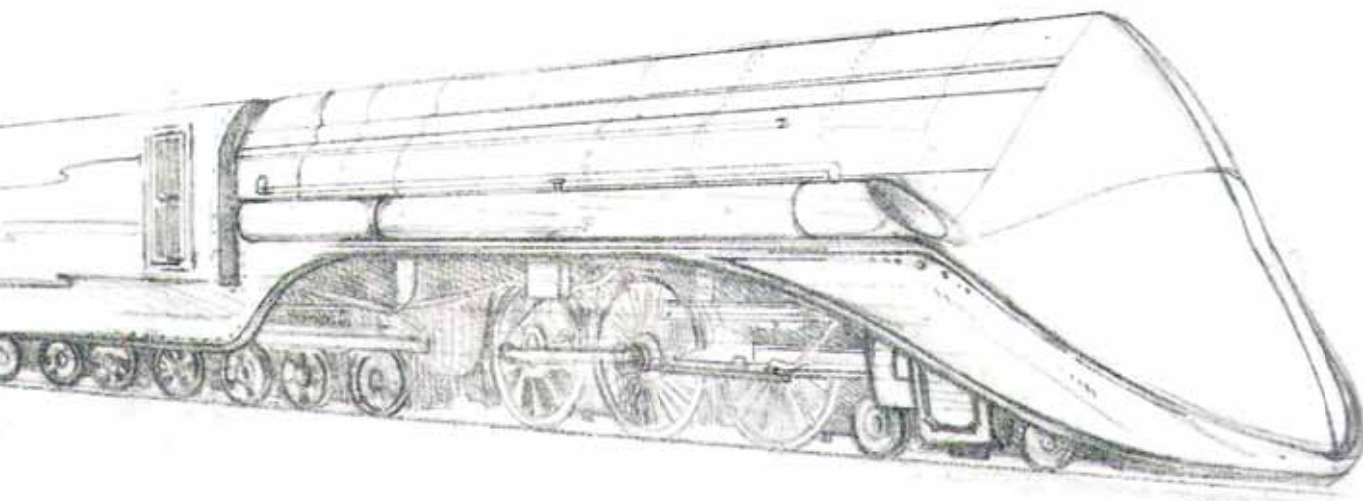
nova revista, com uma história a preto e branco, de grande fôlego, na linha do conceito do romance em BD que a revista ajudou a lançar.

Primeiro (e até agora, único) argumentista a vencer o Grande Prémio de Angoulême, Jacques Lob era um talentoso e prolífico escritor, com colaborações com alguns dos maiores desenhadores franco-belgas, como Pichard (*Blanche Epiphanië*), Druillet (*Delirius*), Baudoin (*Carla*) e Jijé (*Jerry Spring*), entre outros, no seu currículo e que para *Le Transperceneige* decidiu trabalhar com Alexis, um dos principais desenhadores da revista *Fluide Glacial*, na qual Lob também par-

ticipou escrevendo a meias com Gotlib alguns episódios de *Superdupont*.

Infelizmente, a colaboração dos dois autores em *Le Transperceneige* seria rapidamente interrompida pela morte de Alexis, aos 31 anos, devido à ruptura de um aneurisma, quando apenas tinha desenhado 16 páginas da história, páginas essas que nunca veriam a luz do dia.

Passado o choque causado pelo brutal desaparecimento do jovem e talentoso desenhador, tanto o argumentista como o editor acharam que a história de *Le Transperceneige* não devia terminar aqui e começaram as buscas para encontrar um novo desenhador. Entre os dese-

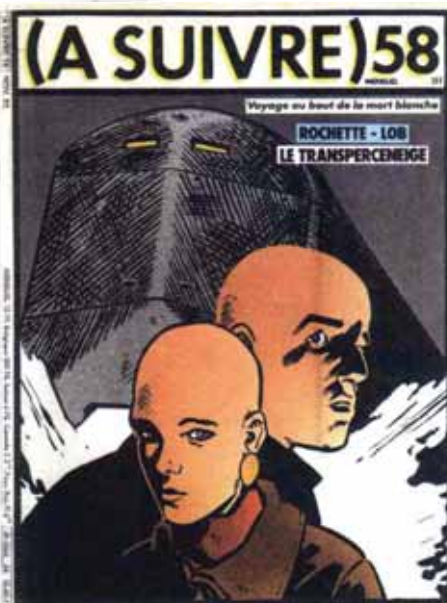


nhadores convidados a realizar duas páginas de teste estavam Michel Rouge (que haveria de substituir Hermann em *Comanche* e William Vance em *Marshall Blueberry*), Régis Loisel (o desenhador de *La Quête de L'Oiseau du Temps* e *Peter Pan*) e François Schuiten, então com apenas 20 anos. Curiosamente, apesar do extraordinário talento gráfico de Schuiten e das suas

afinidades com os comboios, evidentes em livros como *Le Rail*, ou no mais recente *12 La Douce*, a verdade é que as páginas apresentadas pelo criador da série *As Cidades Obscuras* não convenceram Lob e os leitores perderam assim a oportunidade de lerem essa história desenhada por Schuiten.

O desenhador escolhido para suceder a Alexis seria finalmente Jean-Marc Rochette, um jovem desenhador de 21 anos que começava a dar nas vistas com a série *Edmond Le Cochon*, escrita por Martin Veyron, que os leitores portugueses mais atentos puderam ler nos finais dos anos 80 nas páginas da saudosa revista brasileira *Animal*. Esta série humorística, com animais antropomorfizados e influências de Robert Crumb, estava longe de tornar evidente a escolha de Rochette para ilustrar um drama sombrio e claustrofóbico como *Le Transperceneige*, mas o futuro viria dar razão a Jacques Lob, e a colaboração entre os dois criadores deu origem a uma das mais inesquecíveis séries publicadas na revista (*A Suivre*).

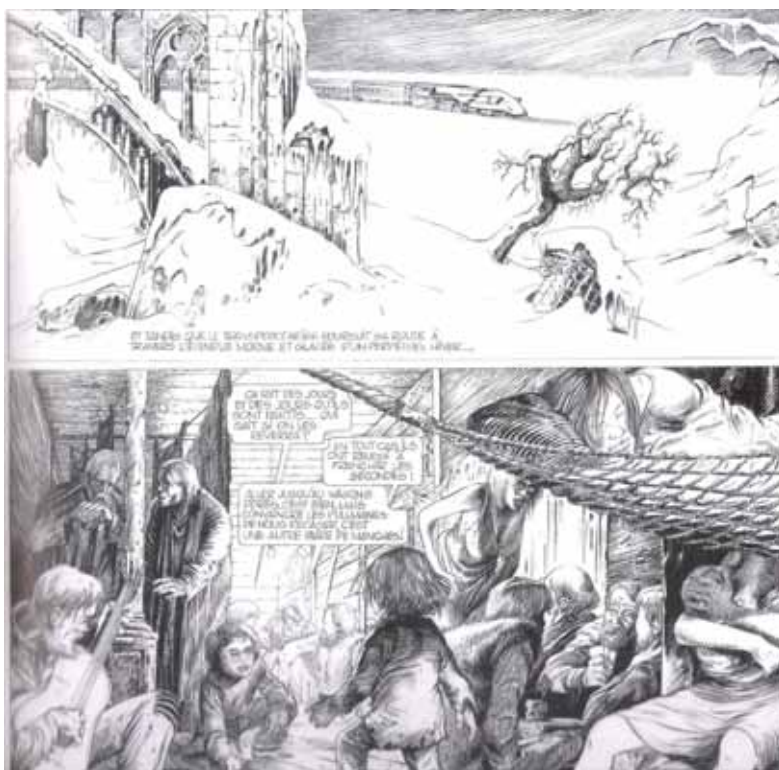
Ambientada num futuro pós-apocalíptico, em que a Terra está assolada por uma nova Idade do



Gelo, a história de *Le Transperceneige* reflecte as angústias com o futuro do planeta que a Guerra Fria ajudou a alimentar e que está patente em muita ficção da época, seja em BDs como *Simon Du Fleuve*, de Auclair, ou *Jeremiah* de Hermann, ou em filmes como a série *Mad Max*, de George Miller. Há também uma dimensão política bem evidente, na estratificação social que impera no comboio, com os ricos luxuosa-

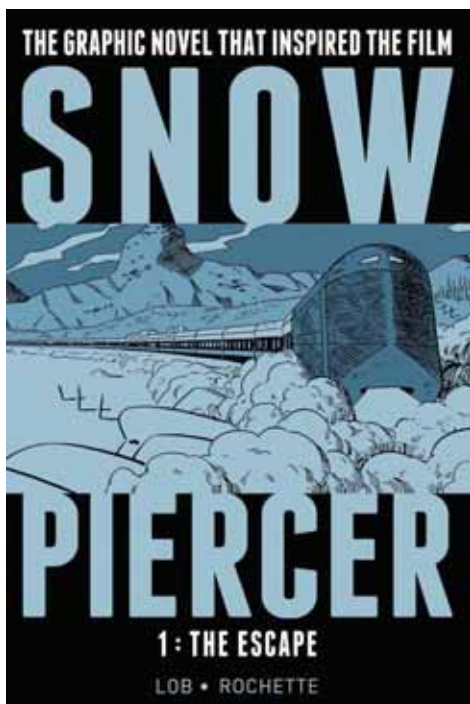
mente instalados nas carruagens da frente e o povo amontoado sem quaisquer condições nas carruagens da retaguarda.

Gerindo o espaço fechado e claustrofóbico do comboio, em contraste com a imensidão gelada que o envolve, Lob cria uma história de amor trágica entre Prolof e Adeline, dois passageiros de classes sociais diferentes, ambientada num futuro distópico, que esteticamente remete para o regime soviético, sendo provável que o Transiberiano, onde a companheira de Lob viajou, tenha servido de inspiração para o *Transperceneige*. Concebido como uma história fechada,



como era regra na revista (*A Suivre*), o *Transperceneige* foi recolhido em álbum em 1984, com grande sucesso crítico e comercial. Apesar desse sucesso, a continuação da história nunca esteve em equação, até porque Rochette decidiu trocar a BD pela pintura e Jacques Lob morreria em 1990, vítima de cancro.

Só que Rochette, entretanto regressado à BD, tinha vontade de voltar ao universo do *Transperceneige* e em 1998 convenceu o escritor Benjamin Legrand, vindo do cinema, mas que já tinha mostrado o seu talento para a BD ao assinar o argumento de *Tueur*



que fechasse este segundo ciclo.

No início do século XXI parecia que esta série mítica tinha caído finalmente no esquecimento, até que, já em 2005, curiosamente no mesmo dia em que recebeu um *mail* da editora a avisar que as sobras dos livros iam ser destruídas, Rochette recebeu também um telefonema do editor a contar-lhe que havia alguém na Coreia interessado em adquirir os direitos do *Transperceneige* para o levar ao cinema. Esse alguém era o realizador Bong Joon-Ho, fã de Banda-Desenhada, que descobriu o livro numa livraria de Seul, quando estava a preparar

as filmagens de *The Host* e que, mal o leu, soube que estava ali o seu próximo projecto cinematográfico. A descoberta da BD por Bong Joon-Ho foi ainda mais inesperada, porque o livro oficialmente nem sequer tinha edição coreana (a editora coreana tinha contactado a Casterman para adquirir os direitos para a Coreia do Sul, mas como a editora francesa nunca lhes respondeu, decidiram publicar o livro mesmo assim...).

Embora tenha adquirido os direitos do livro em 2005, Bong Joon-Ho só começou a trabalhar verdadeiramente no filme em 2010, começando por se ocupar do argumento. Um argumento que, mais do que adaptar directamente os livros, retém o cenário e a ideia da personagem que atravessa o comboio, para além de um ou outro pormenor, como o engenheiro aprisionado numa gaveta como se estivesse na morgue, ou o passageiro de uma das últimas carruagens que, como prenda de anos, pede para ser deixado sozinho na sua carruagem por

de *Catards*, para Tardi, a acompanhá-lo nesta nova viagem. A missão de Legrand não era fácil, pois a história original não dava azo a continuações, até que Legrand se lembrou de inventar um segundo comboio, ainda maior, que percorria os mesmos carris, sem notícias sobre o destino do *Transperceneige* original, com quem se arriscava a chocar. Este segundo ciclo deu origem a dois álbuns, *L'Arpenteur* e *La Traversée*, publicados em 1999 e 2000, cuja carreira comercial acabou por ser prejudicada pelo fim da revista (*A Suivre*) e pela crise que à época afectava a editora Casterman, inviabilizando a ideia de Rochette e Legrand de um terceiro volume



alguns minutos. Esses elementos das BDs são usados como ponto de partida para uma história original, com novas personagens, como Curtis, o protagonista do filme, que inicia a revolta que lhe permitirá percorrer o comboio e confrontar Wilford, o inventor do *Snowpiercer*, que vive recluso na carruagem da frente. Um percurso que não pode deixar de evocar o do personagem de Martin Sheen no filme *Apocalypse Now*, que sobe o rio para enfrentar o Coronel Kurtz, como Curtis percorre o comboio para chegar a Wilford, comparação que o próprio realizador não renega.

Produzido por Park Chan-Wook,

PREPARE
A CANETA
PARA DAR
MILHARES
DE AUTÓGRAFOS.

prémio
BANG!
SÓ PARA LIVROS FANTÁSTICOS



JÁ RECEBEMOS MAIS
DE 250 SUBMISSÕES.
DO QUE ESTÁ À ESPERA?

Regulamento e perguntas frequentes em
WWW.REVISTABANG.COM

o realizador de *Oldboy*, o filme com um orçamento considerável (para os padrões coreanos) de 40 milhões de dólares, reúne um surpreendente elenco internacional, com destaque para Tilda Swinton, John Hurt, Ed Harris, Jamie Bell e Chris Evans, o Capitão América que, para grande espanto de Bong Joon-Ho apresentou-se no casting por sua própria iniciativa, decidido a lutar pelo papel principal, que desempenha de forma muito convincente. Visualmente espectacular, com cenas de acção viscerais, extraordinariamente coreografadas (pensem na célebre cena do martelo e do corredor em *Oldboy*, elevada à quinta potência) e uma história cativante e muito bem contada, *Snowpiercer* conheceu um êxito estrondoso na Coreia do Sul e em França, onde estreou em 2013. Infelizmente, Harvey Weinstein, o produtor dos filmes de Quentin Tarantino, que comprou os direitos de exibição de *Snowpiercer* para os mercados de língua inglesa, pretendia impor cortes de mais de meia hora no filme, contra a vontade do realizador, que sempre teve o “final cut” das suas obras. Em consequência disso, a estreia de *Snowpiercer* no mercado americano foi sendo sucessivamente adiada e, finalmente, após muitas discussões, estreará nos Estados Unidos em Junho de 2014, sem cortes, mas numa distribuição limitada a um número reduzido de salas de cinema.

Quanto a Portugal, ainda não há data de estreia conhecida, mas existe uma excelente edição em DVD da Wild Side, pejada de extras, que está disponível na Amazon francesa.

Para os autores da BD ainda vivos, para além da participação no filme como figurantes e, no caso de Rochette, de emprestar as mãos e o talento ao personagem que no filme desenha o dia-a-dia do comboio, *Snowpiercer* permitiu a redescoberta do seu trabalho, praticamente caído no esquecimento, por um público muito mais alargado, até porque, graças ao filme, os livros tiveram finalmente edição em língua inglesa.

Como refere Rochette: “O *Transperceigne* é neste momento a BD francesa mais conhecida no mundo. O Tintin não é francês e o Asterix vende sobretudo em França e na Alemanha, enquanto que o *Transperceigne* está actualmente disponível em 167 países. É delirante!” **BANG!**



João Lameiras é Mestre em História da Arte pela Universidade de Coimbra. Tem desenvolvido uma vasta actividade no campo da Banda Desenhada, como conselheiro editorial, tradutor, argumentista e crítico para diversas editoras e publicações e é sócio-gerente da Livraria Dr. Kartoon. Escreve com frequência no seu blogue <http://porumpunhadodeimagens.blogspot.com>



No dia 22 de Janeiro de 1906 nascia, na pequena localidade de Peaster, no Norte do estado norte-americano do Texas, aquele que muitos consideram o pai das histórias de “espada e feitiçaria”⁽¹⁾, que a partir de meados do século XX se haveriam de tornar extremamente populares, continuando o género a merecer, ainda nos nossos dias, a atenção de muitos e conceituados autores.

FEITIÇOS E TERRORES

POR
ANTÓNIO
MONTEIRO

Foi o único do médico itinerante Dr. Isaac Mordecai Howard — pioneiro da colonização do sudoeste americano — e de Hester Jane Ervin Howard, a criança recebeu o nome de baptismo de Robert: Robert Ervin Howard. A sua obra literária foi comentada nos termos mais elogiosos, entre muitos outros, por Howard P. Lovecraft e por Stephen King. Acerca do seu conto “Pigeons from Hell”, afirmou este último tratar-se de “uma das melhores histórias de terror do século”.

Desde cedo o jovem Robert revelou interesse pelos livros e por aprender, se bem que não apreciava a disciplina da escola. O meio ambiente em que

cresceu levou-o a aperceber-se, ainda em criança, da existência da maldade à sua volta, com violência, o aumento da criminalidade provocado pelo nascente negócio do petróleo. Essa vivência com uma acentuada componente física trouxe-lhe, em particular um gosto pelos desportos, entre elas a luta livre, a halterofilia e especialmente o boxe. Essa apetência pela actividade física decerto terá contribuído para a criação de algumas das suas mais famosas personagens, como o guerreiro bárbaro Conan.

O gosto pela leitura e um talento inato para a escrita levaram o jovem Robert, ainda antes de completar 10 anos de ida-

de, a iniciar-se na escrita de histórias de aventuras, em que descrevia lutas e batalhas envolvendo povos diversos como os Vikings ou os Árabes.

A partir de 1919, a família mudou-se para a localidade de Cross Plains, sempre no Texas, onde Robert Howard viveria até ao fim dos seus dias. A cidade haveria de desenvolver-se extraordinariamente a partir do ano seguinte, devido à descoberta de petróleo nas suas imediações. Os efeitos deste súbito enriquecimento não se terão feito esperar e impressionaram sobremaneira o jovem, o qual, anos mais tarde, numa carta escrita a Howard P. Lovecraft, haveria de recordar os jovens desse tempo que vira

cair nas teias do crime, da droga, da bebida e do jogo.

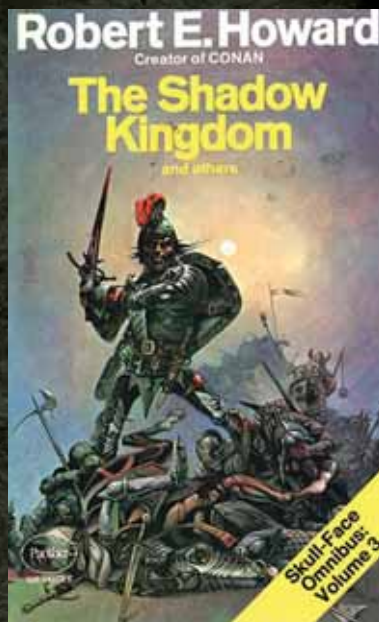
Aos 16 anos, Robert foi completar os seus estudos secundários na cidade vizinha de Brownwood, onde continuou a desenvolver o seu gosto pela História e pela escrita e pela poesia, na companhia de colegas como Tevis Clyde Smith e Truett Vinson. Foi precisamente no jornal do liceu de Brownwood, *The Tattler*, nesse ano de 1922, que Robert E. Howard publicou as suas primeiras histórias, “Golden Hope’s Christmas” e “West is West”, ambas premiadas. Dois anos mais tarde, em 1924, enquanto frequentava em Brownwood um curso de stenografia, vendeu a sua primeira história à famosa revista *Weird Tales*⁽²⁾, que tinha sido fundada por J. C. Henneberger no ano anterior. Ao longo dos anos, Robert E. Howard haveria de converter-se num dos mais importantes autores desta publicação.

Entretanto, enquanto ganhava algum dinheiro com diversas ocupações menores, o jovem autor desenvolveu um grande interesse pela poesia, escrevendo centenas de poemas, muitos dos quais publicados também em *Weird Tales*, outros em várias outras revistas da especialidade. Esses poemas tratavam da mesma temática que os contos que escrevia, incluindo cenas de guerra e violência. Embora acabasse por se afastar da poesia, sensivelmente a partir de

1930, a sua experiência nesse campo pode encontrar-se nos seus textos em prosa, que são vibrantes e utilizam uma panóplia de imagens poderosas.

Ao mesmo tempo, um tanto frustrado pelos trabalhos que conseguia encontrar e que lhe desagradavam profundamente, envolveu-se mais no mundo do boxe, tendo combatido amiúde.

Em 1926, escreveu a que viria a ser uma das suas mais importantes histórias, “The Shadow Kingdom”, que viria a ser publicada na *Weird Tales* três anos mais tarde. Nela o autor utilizou novos conceitos, juntando elementos de fantasia e terror com outros oriundos do romance de aventuras, da Mitologia e do romance histórico, criando assim o novo estilo que viria a ser universalmente



conhecido por “*sword and sorcery*”. O protagonista de “The Shadow Kingdom” era o bárbaro Kull, antecessor de outras criações mais famosas, como Conan. A publicação desse conto representou um momento de viragem na vida de Robert Howard, que abandonou os empregos que até aí tivera e os cursos técnicos que frequentara, para se converter num escritor a tempo inteiro.

Anteriormente, em 1928, nascera outra das suas mais conhecidas per-



sonagens, o espadachim puritano Salomão Kane. Fazendo a sua

LIVROS DE ROBERT E. HOWARD



PREÇO
FNAC:
9€

Conan
A Rainha da Costa Negra



PREÇO
FNAC:
9€

Conan
O Demónio de Ferro



PREÇO
FNAC:
9€

Conan
O Povo do Círculo Negro

primeira aparição em “Red Shadows”, conto publicado nesse ano na *Weird Tales*, a personagem teve assinalável êxito, acabando por figurar em 7 histórias publicadas na revista entre 1928 e 1932. Curiosamente, como a publicação de “Red Shadows” acabou por preceder a de “The Shadow Kingdom”, escrita anteriormente, acaba por ser aquela a primeira história publicada no género “espada e feitiçaria”. Deve observar-se que se algumas das aventuras de Salomão Kane se passam na Europa (nomeadamente na Inglaterra), várias outras são situadas em África, moldada pela imaginação do autor e povoada pelo sobrenatural e pela magia.

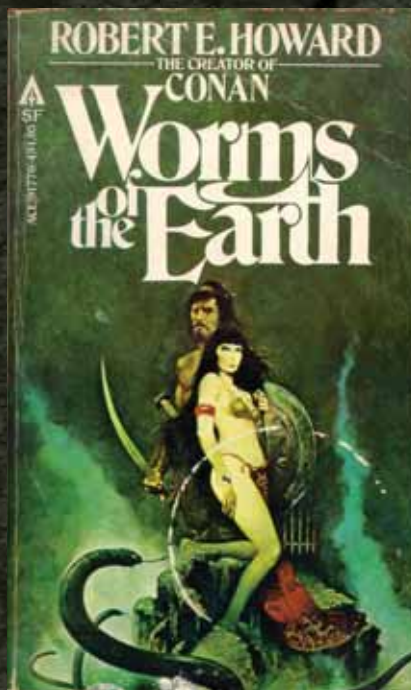
Em 1929 surge também outra das suas criações, desta vez em histórias passadas no mundo do boxe: o marinheiro Steve Costigan. As suas aventuras foram publicadas em revistas como *Fight Stories* e *Action Stories*.

A partir de 1930, para além de diversas histórias de ambiente celta, Robert Howard publicou várias histórias, consideradas entre as suas melhores, na revista *Oriental Stories*, fundada pelo famoso Farnsworth Wright. Ali deu largas ao seu gosto pela História antiga, durante o curto período de vida da publicação, que terminou em 1934.

Foi precisamente por intermédio de Wright que, em meados

de 1930, Robert E. Howard encetou uma vasta correspondência com Howard P. Lovecraft, que haveria de se prolongar pelos últimos seis anos da sua curta vida, acabando por integrar o chamado “Círculo Lovecraft”. O já veterano escritor de Providence deu ao jovem Robert a alcunha de “Two-Gun Bob” e pô-lo em contacto – como, de resto, era seu hábito – com outros escritores como Clark Ashton Smith, August Derleth, etc. Da correspondência com Lovecraft destaca-se a atitude filosófica de cada um quanto à oposição entre a barbárie e a civilização, defendendo Lovecraft que a civilização era o destino e finalidade última da espécie humana, enquanto Howard pensava, pelo contrário, que a barbárie é própria da condição humana e que prevalecerá sempre.

Nessa época, Robert E. Howard escreveu diversas histórias inspiradas nos



universos ficcionais de Lovecraft, incluindo “The Black Stone” (1931), “The Thing on the Roof” (1932) e “The Hoofed Thing” (publicada em 1970). Como é bem sabido, Lovecraft encorajava frequentemente os seus colegas e correspondentes escritores a utilizar e acrescentar a mitologia que ele próprio ia construindo e a contribuição mais significativa de Howard nesse domínio foi a introdução do livro *Unaussprechlichen Kulten*³⁾, da autoria de um certo Friedrich Wilhelm von Junzt⁴⁾, e do poeta louco Justin Geoffrey, este último, quem sabe se representando vagamente o próprio Robert.

Robert Howard escreveu ainda alguns contos que parecem ter sido claramente influenciados pela obra de Arthur Machen⁵⁾, popularizada na década de 1920, entre eles “The Little People” (1928), “The Children of the Night” (1931), “Worms of the Earth” (1932) e “People of the Dark” (1932).



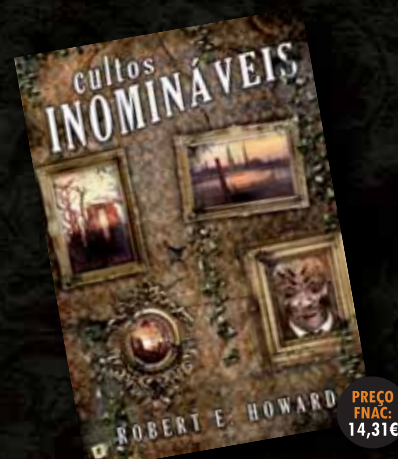
Conan
Para Lá do Rio Negro

PREÇO
FNAC:
17,07€



As Aventuras Fabulosas de
Salomão Kane

PREÇO
FNAC:
5€



Cultos
Inomináveis

PREÇO
FNAC:
14,31€

No entanto, os efeitos devastadores da Grande Depressão americana, iniciada em 1929, viriam a afectar duramente o escritor, não só devido ao encerramento de várias das revistas para as quais escrevia, mas também pela perda das suas economias, em 1931, em virtude da falência das instituições bancárias em que as colocara.

Em 1932, durante uma viagem pelo Sul do Texas, Robert Howard inspirou-se na paisagem ao seu redor para imaginar a região fictícia da Ciméria, que alguns comentadores consideram reflectir a ideia que o autor teria das Ilhas Britânicas, não tendo, por conseguinte, nada a ver com o povo cimério, que viveu a Norte do Cáucaso no segundo milénio antes de Cristo. Nessa remota Ciméria, de clara inspiração celta, Howard colocou o que haveria de ser o seu mais célebre filho espiritual, o bárbaro Conan, cujas aventuras decorrem na mítica Era Hiboriana, entre lutas, monstros e feitiçaria.

A primeira aparição de Conan – não contando com uma história que se pode considerar, até certo ponto, sua precursora – registou-se no número de Dezembro de 1932 da revista *Weird Tales*. Tratou-se de “The Phoenix on the Sword”. Até 1936, nada menos de 17 histórias com as aventuras de Conan apareceram nas páginas da revista.

Durante a década de 1930, Robert Howard experimentou também o género policial – que não lhe agradou – e também o “western”, a que se dedicou com entusiasmo e êxito, publicando diversas histórias em revistas como *Action Stories* (que haveria de publicar em cada mês uma nova história com a personagem Breckenridge Elkins, desde 1933 até à morte do autor), *Argosy* e *Cowboy Stories*. No início de 1936, o autor ven-

deu ainda diversas histórias levemente eróticas à revista *Spicy-Adventure Stories*.

Robert E. Howard nunca casou e a única relação mais ou menos profunda que se lhe conheceu foi com Novalyne Price, professora liceal e escritora. Muito influenciado pela mãe, cujo estado de saúde o preocupava, Robert não conservou a ligação a Novalyne. A sua vida foi-se complicando à medida que Hester Howard, que sofria de tuberculose, foi piorando, e o jovem começou a conceber o suicídio. Tendo redigido um testamento, dado instruções adequadas ao seu agente literário e pedido uma arma emprestada a um amigo, Robert Ervin Howard pôs termo à vida no dia 11 de Junho de 1936, com apenas trinta anos de idade.

Alto e entroncado, Robert Howard surpreendia muitas vezes os que o encontravam e tinham dele uma ideia completamente distinta, a partir da sua produção literária e poética. Possuía uma memória quase fotográfica, sendo capaz de decorar longos textos e poemas com grande facilidade. Ao todo, produziu mais de trezentas histórias (116 das quais publicadas profissionalmente durante a sua vida, entre elas 49 em *Weird Tales*) e quinhentos poemas (dos quais mais de setenta por cento foram publicados). Entre as influências que sofreu ao longo da sua vida literária contam-se as narrativas que ouviu de veteranos da Guerra Civil americana, as histórias da colonização do sudoeste americano e também as histórias de assombrações contadas por antigos escravos, especialmente a cozinheira Mary Bohannon.

Não será pois de admirar que Robert E. Howard utilize nos seus contos uma grande variedade de seres sobrenaturais, onde se incluem lobisomens, vampiros e toda a gama de feitiçeiros.

Segundo L. Sprague de Camp, “Howard era por natureza um contador de histórias, cujas narrativas são inigualáveis, no que se refere à acção vívida e absorvente”. Hoffman Reynolds reconheceu que a qualidade da sua escrita era “superior à de alguns *best sellers*”, enquanto Stephen King – que confessadamente não nutre grande apreço pelas histórias de “espada e feitiçaria” – afirmou que “Howard ultrapassa as limitações do seu material [...] pela força e fúria da sua escrita e pela sua imaginação, que era poderosa”.

S. T. Joshi é consideravelmente mais moderado na sua apreciação global da obra de Robert E. Howard, especialmente no que respeita ao seu enquadramento no campo da literatura sobrenatural, considerando pouco conseguidas as suas histórias inspiradas na obra de Lovecraft, mas reconhecendo claramente a importância do autor, em especial no que toca ao ciclo de Conan. Na verdade, com adaptações ao cinema em 1982, 1984 e 2011⁽⁶⁾, a influência de Conan o Bárbaro na cultura contemporânea tem sido comparada à de ícones da estatura de Tarzan, Drácula, Sherlock Holmes ou James Bond.

A casa de Cross Plains onde o autor viveu é hoje o Museu Robert E. Howard. **BANG!**



Nascido em Lisboa em 1951, casado, com duas filhas e três netos. É professor universitário de Matemática e tem múltiplos interesses, entre os quais a Malacologia, sendo editor da revista electrónica “The Cone Collector” (www.theconecollector.com).

Na área da literatura fantástica, especialmente da literatura de terror, para além de pertencer a diversos clubes, é autor de diversos contos publicados em revistas.



(1) *Sword and sorcery*, em inglês; o género é também designado por “fantasia heróica”. A expressão “*sword and sorcery*” foi, ao que parece, inventada por Fritz Leiber, em resposta a uma pergunta de Michael Moorcock. As histórias de “espada e feitiçaria” têm as suas raízes profundas em duas tradições fundamentais: a Mitologia (grega, romana, nórdica e árabe) e os chamados romances “de capa e espada” como os que foram escritos por Sir Walter Scott, Alexandre Dumas (pai) e muitos outros.

(2) A primeira história de Robert E. Howard publicada na *Weird Tales* foi “Spear and Fang”, publicada no número de Julho de 1925.

(3) O livro foi citado pela primeira vez em 1931, nos contos “The Black Stone” e “The Children of the Night”.

(4) O apelido “von Junzt” foi criação de Robert Howard, enquanto os primeiros nomes “Friedrich Wilhelm” foram acrescentados por Lovecraft.

(5) A importância de Machen foi reconhecida por Lovecraft que, no seu ensaio “Supernatural Horror in Literature” o considerou como um dos quatro mestres modernos da literatura do sobrenatural, sendo os outros três Algernon Blackwood, Lord Dunsany e Montague R. James.

(6) Nos filmes *Conan the Barbarian* (1982) e *Conan the Destroyer* (1984), o papel do bárbaro foi interpretado por Arnold Schwarzenegger, enquanto em *Conan the Barbarian* (2011) o actor escolhido foi Jason Momoa.

O REGRESSO A WESTEROS



AS AVENTURAS DE
DUNK & EGG

POR SAFAA DIB



Q

uando no primeiro episódio da quarta temporada, o rei Joffrey está a folhear um livro sobre os Comandantes da Guarda Real, comenta perante Jaime Lannister as quatro páginas dedicadas a Sor Duncan, o Alto. “Ele deve ter sido um grande homem”, diz ele. A referência no episódio foi um piscar de olhos curioso aos leitores das Crônicas de Gelo e Fogo. Eles sabiam que Sor Duncan é o cavaleiro protagonista nas prequelas escritas por George R. R. Martin. Mas nessas prequelas ele ainda não é o guerreiro valoroso cujos feitos ocupam quatro páginas. Ainda é um jovem órfão destituído, oriundo do Fundo das Pulgas de Porto Real, em busca de honra e glória num torneio de Westeros. Até à data, George R. R. Martin publicou três histórias centradas nas personagens de Dunk (Duncan) e Egg (Aegon) e nas suas aventuras, reunidas no livro *Histórias dos Sete Reinos* (com lançamento a 4 de Julho). Revelou que publicaria mais histórias, as que fossem necessárias para contar a história deles do início ao fim. A próxima, com o título provisório *The She-Wolves of Winterfell*, provavelmente só será lançada após a publicação de *Os Ventos do Inverno*, o próximo volume das Crônicas de Gelo e Fogo.

AS HISTÓRIAS



A primeira novela, *O Cavaleiro de Westeros*, foi inicialmente publicada na antologia *Legends* editada por Robert Silverberg e a tradução portuguesa foi publicada na coletânea *O Cavaleiro de Westeros & Outras Histórias*. Uma BD foi também lançada em Portugal com adaptação de Ben Avery e arte de Mike S. Miller.

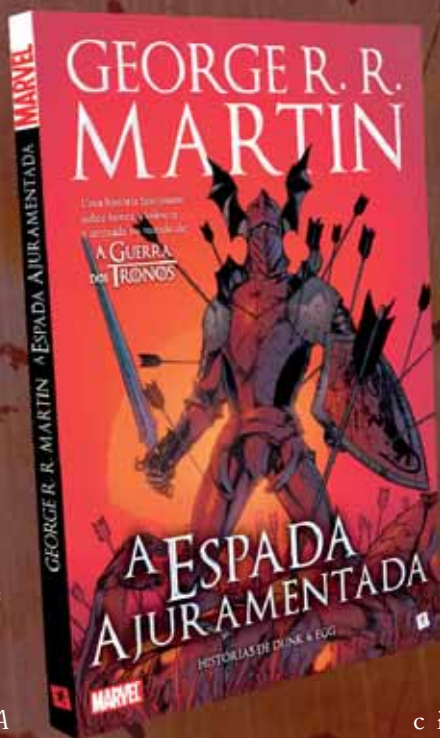
Nela são apresentadas pela primeira vez as personagens de Dunk e Egg, cerca de noventa anos antes do início das Crônicas de Gelo e Fogo. Sor Duncan é um escudeiro que testemunha a morte do seu mentor e cavaleiro no início. Desejoso de conquistar um nome para si, decide partir para o torneio de Vaufreixo. No caminho para o torneio, Dunk conhece um rapaz de nome Egg que se oferece para ser seu escudeiro. Inicialmente recusa, mas o rapaz não desiste e acaba por ir atrás dele. Consciente das dicas valiosas que Egg lhe dá durante o torneio,

aceita que o rapaz fique ao seu serviço. A história decorre no tempo do rei Daeron II Targaryen e conhecemos alguma da sua descendência: enquanto alguns príncipes Targaryen são honrados e mostram grandeza de carácter, outros resvalam para a loucura e crueldade.

Durante o torneio, Dunk acaba por se envolver em sérios sarilhos com a nobreza e é apenas salvo por intercessão de Egg que revela a sua verdadeira identidade ao cavaleiro: ele é o príncipe Aegon Targaryen, neto do rei Daeron II. A princípio chocado e zangado por se ter deixado enganar tão facilmente, Dunk acaba por se aperceber que o rapaz é um amigo leal que nunca o abandona durante as suas vicissitudes.

A segunda novela, *A Espada Ajuramentada*, já publicada no formato banda-desenhada em Portugal pela SDE, mas ainda inédita em prosa, surgiu pela primeira vez na antologia *Legends II*, editada por Robert Silverberg. A BD, à semelhança da primeira, teve também adaptação de Ben Avery e arte de Mike S. Miller. Uma grande praga dizimou centenas nos Sete Reinos, e entre as vítimas conta-se o rei Daeron II. Foi sucedido por Aerys I Targaryen, mas a governação do reino estava, de facto, nas mãos do seu tio e Mão do Rei, o Lorde Corvo de Sangue. No início, são contados em detalhe os eventos da primeira rebelião Blackfyre em que Targaryen lutaram contra Targaryen. Há quem acredite que o destaque que George R. R. Martin dá às rebeliões Blackfyre nas prequelas pode conter algumas pistas importantes sobre os próximos

desenvolvimentos das Crónicas. Sor Dunk e Egg e chegam ao feudo de Sor Eustace, um cavaleiro idoso cuja glória sobrevive apenas na memória de feitos há muito realizados. Perante um feudo assolado pela seca, Dunk e Egg envolvem-se numa disputa de território entre Sor Eustace e a Senhora Rohanne, mais conhe-

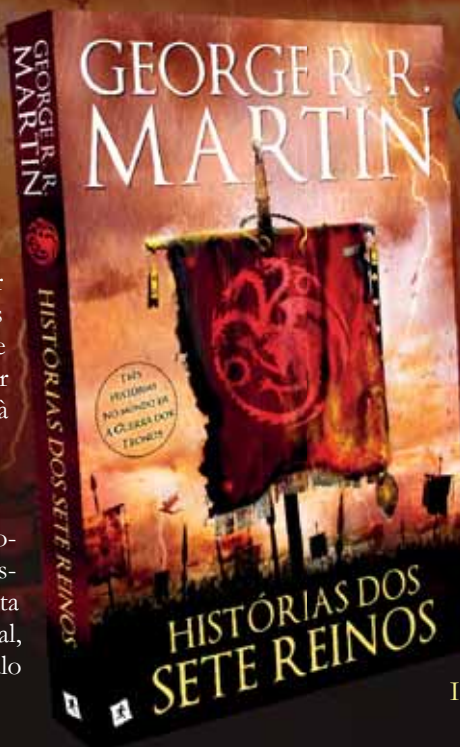


cida como a Viúva Vermelha tal é o rasto que deixa de maridos e irmãos falecidos. Dunk vê a sua lealdade perigosamente testada ao deixar-se seduzir pela beleza de Rohanne, mas para evitar o derrame de sangue e a morte, tenta mediar entre ambos os lados que parecem estar condenados à guerra.

A terceira novela, uma estreia absoluta em Portugal, recebeu o título

O Cavaleiro Mistério e saiu na antologia *Warriors*, editada por George R. R. Martin e Gardner Dozois. Nela encontramos Dunk e Egg envolvidos em pleno na segunda rebelião Blackfyre.

Dunk e Egg conhecem um grupo de cavaleiros na estrada que os convida a assistir ao casamento do Lorde Ambrose Butterwell a uma dama da casa Frey. Para celebrar o casamento, haverá uma justa com um prémio de valor incalculável: um ovo de dragão. Tomada a decisão de ir ao casamento, Dunk participa na justa enquanto Egg começa a suspeitar de uma conspiração da parte de alguns nobres que poderão não ser leais ao Trono de Ferro...



Obra:
Histórias dos Sete Reinos
Autor: George R. R. Martin
Género: Fantasia Épica
Editora: Saída de Emergência
Tradução: Jorge Candeias
Páginas: 336
PVP: 16,96€
ISBN: 978-989-637-642-0





AS LIGAÇÕES ÀS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

O texto abaixo contém SPOILERS e deve ser lido apenas pelos leitores que já leram os 10 volumes das Crônicas de Gelo e Fogo



Há inúmeras ligações entre o passado e presente, como não poderia deixar de ser. Muitas das personagens que Dunk e Egg encontram pelo caminho são os antepassados dos nobres que surgem nas Crônicas. O próprio Mestre Aemon da Patrulha da Noite é irmão de Egg e Aemon relembra-o várias vezes em conversa com Jon Snow em *A Dança dos Dragões*. Aemon é também referido de passagem em *A Espada Ajuramentada*.



Robert Baratheon, o rei sentado no Trono de Ferro no início da saga, reivindicou o direito ao Trono de Ferro pela sua ascendência Targaryen. De facto, a árvore genealógica Targaryen indica que uma das filhas de Egg, o futuro rei Aegon V, se tornaria avó de Robert Baratheon.



Os destinos de Dunk e Egg já por várias vezes foram referidos nas Crônicas. Ambos morreram na tragédia de SolarEstival que ardeu num evento misterioso muitas vezes recordado por Rhaegar com tristeza. Especula-se que ovos de dragão (provavelmente os que foram parar às mãos de Daenerys) estarão ligados a essa tragédia. Rhaella terá dado à luz Rhaegar, irmão de Daenerys, durante a tragédia.



Até à data, Lorde Walder Frey é uma de duas personagens a surgir nas prequelas e na saga principal. Frey ainda é uma criança no casamento que decorre em *O Cavaleiro Mistério*, mas

viria a tornar-se o senhor da casa Frey e um protagonista de grande relevo nas Crônicas.

Brynden Rivers, mais conhecido por Corvo de Sangue, é uma figura de poder e influência em *O Cavaleiro Mistério* e a sua fama de feiticeiro era conhecida nos Sete Reinos. Descobre-se em *Os Reinos do Caos* que o Corvo de Três Olhos presente ao longo das Crônicas de Gelo e Fogo que orienta Bran Stark é o próprio Corvo de Sangue. Ele ainda está vivo como o último vi-dente verde e vive entre as crianças da floresta.

O ramo Targaryen dos Blackfyre, que por três vezes se rebelou contra os Targaryen no Trono de Ferro, exilou-se para lá do mar estreito, em Tyrosh. Os filhos de Daemon Blackfyre continuaram a sua reivindicação como pretendentes legítimos ao Trono. O tio deles, o Grande Bastardo Aegor River, dito Açamargo, fundou no exílio a Companhia Dourada, composta por mais de dez mil homens. São afamados por nunca quebrarem um contrato. No final de *Os Reinos do Caos*, é revelado que a Companhia Dourada aceitara estar ao serviço de Daenerys Targaryen. Uma alteração de planos levou a que jurassem serviço a outro Targaryen, mas é sob os estandartes do dragão que iniciam a reconquista de Westeros.

Especula-se que Brienne de Tarth poderá ser descendente de Sor Duncan, o Alto.

ADAPTAÇÃO TELEVISIVA DE DUNK E EGG?

Em tempos, George R. R. Martin colocou a hipótese de a HBO adaptar uma das novelas de Dunk & Egg enquanto terminava as Crônicas de Gelo e Fogo. No entanto, essa hipótese sempre pareceu remota. As histórias poderiam ser acolhidas por outro canal televisivo, mas o autor já explicou no seu blogue que a HBO detém não só os direitos de adaptação da saga das Crônicas, mas também os direitos sobre o mundo de Westeros. Se algum outro canal decidisse pegar nas histórias de Dunk e Egg, teriam que remover todas as referências às casas principais e ao Trono de Ferro, o que tornaria impossível a adaptação. A HBO ainda não mostrou interesse em adquirir o material de Dunk e Egg, mas pode ser que opte por tal com o contínuo sucesso da série *A Guerra dos Tronos*.

AS AVENTURAS DE DUNK E EGG EM WESTEROS



O CAVALHEIRO DE WESTEROS

VAUFREIXO

A ESPADA AJURAMENTADA

FIRMEZA

O CAVALHEIRO MISTÉRIO

ALVAPAREDES

PROEZAS DE SOR DUNCAN, O ALTO E AEGON V TARGARYEN

COMO COMANDANTE DA GUARDA REAL E REI DE WESTEROS

SOR DUNCAN, O ALTO

→ As suas origens são humildes e nasceu no Fundo das Pulgas, em Porto Real

→ Na sua juventude, teve vários anos ao seu serviço como escudeiro o jovem príncipe Aegon Targaryen, que viria a tornar-se o rei Aegon V

→ Após a coroação de Aegon, tornou-se membro da Guarda Real e, mais tarde, o seu Comandante

→ Teve um papel decisivo no fim da segunda rebelião Blackfyre

→ A sua fama e coragem como guerreiro era lendária e muitas canções foram compostas em homenagem às suas proezas

→ Acompanhou o Mestre Aemon Targaryen e Corvo de Sangue para a muralha para ingressarem na Patrulha da Noite



AEGON V

→ Coroado rei aos 33 anos de idade

→ Casou-se por amor e teve 3 filhos e 1 filha

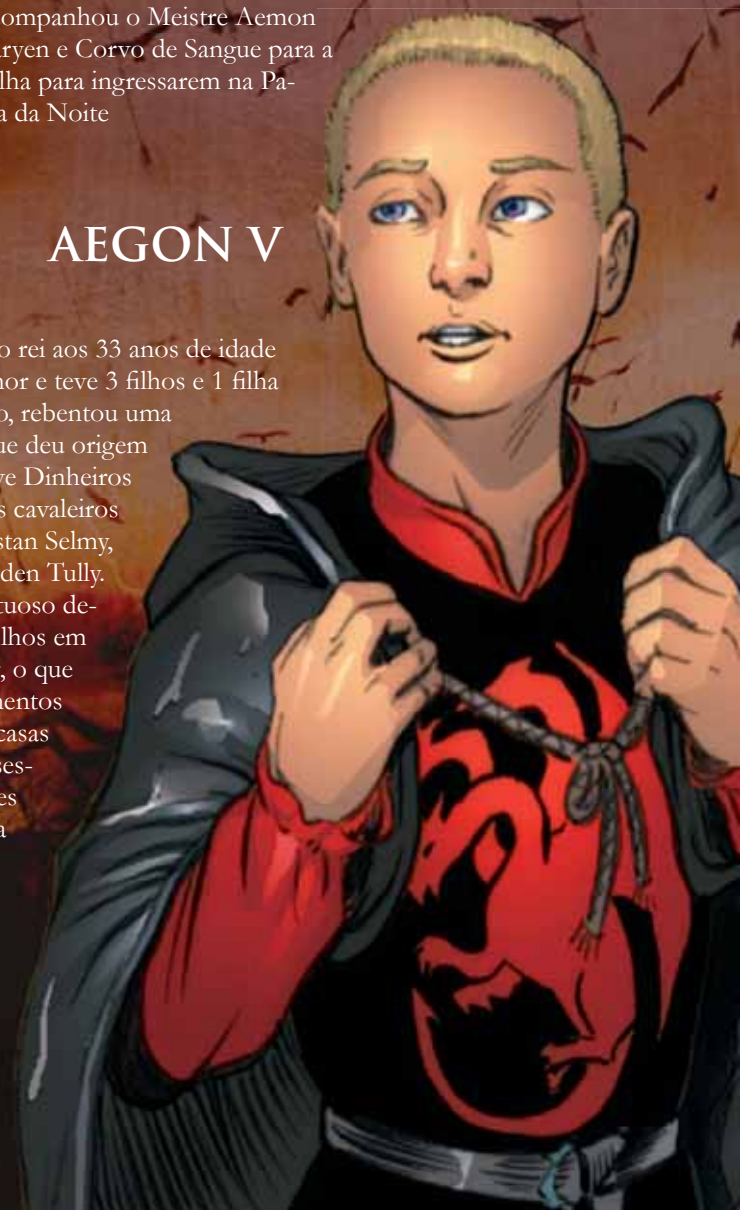
→ Durante o seu reinado, rebentou uma nova rebelião Blackfyre que deu origem à Guerra dos Reis dos Nove Dinheiros onde se destacaram novos cavaleiros valorosos como Sor Barristan Selmy, Sor Jon Arryn e Sor Brynden Tully.

→ O seu reinado foi conflituoso devido à vontade dos seus filhos em também casarem-se por amor, o que levou a muitos desentendimentos com as grandes casas

→ Uma das suas grandes obsessões foi trazer de volta dragões a Westeros o que causou a tragédia de Solarestival

→ Foi sucedido pelo seu segundo filho, Jaehaerys II

BANG!

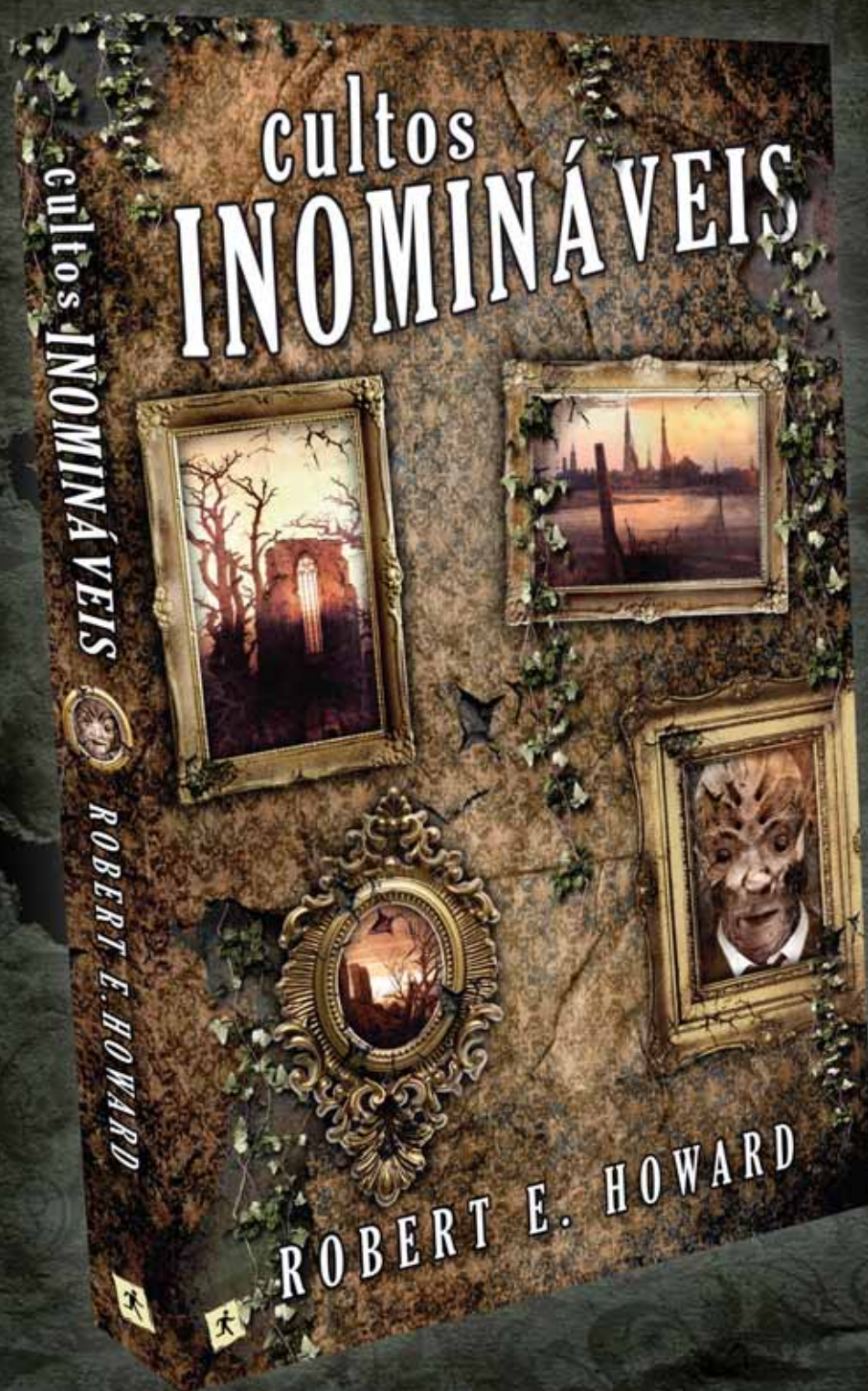


GOSTOU DESTA
ARTIGO?



DEIXE A SUA OPINIÃO EM
WWW.REVISTABANG.COM

Entre nas ruelas e mansões sombrias
de Robert E. Howard
e mergulhe na loucura de Chtulhu.



Se tiver coragem.





AS AGRURAS DA COLEÇÃO



ARGONAUTA



EM BUSCA DO VELO QUE ANTEVIA O FUTURO

por Luís Filipe Silva

Agradecimento especial a João Vagos pela informação coligida no seu blogue coleccionaargonauta.blogspot.com



Apreciar a colecção é também reconhecer os seus defeitos. Defeitos, não de matéria mas de substância.

Se o papel era de menor qualidade, se a edição se desfazia entre os dedos com o excesso de uso, se as folhas amarelavam quando demasiado expostas ao sol, se os títulos eram por vezes absurdos quando comparados com os originais...

A colecção Argonauta: a mais duradoura série de obras de Ficção Científica (FC) do espaço lusófono, publicada em Portugal mas apreciada também por leitores brasileiros, que inclui no seu rol de cinco décadas de contínua produção reconhecidos clássicos do género. Foi através dela que muitos dos fãs do género vieram a descobrir Bradbury, Asimov, Clarke, Blish, Heinlein e Simak. Foi nela que se apresentaram as primeiras traduções de Fahrenheit 451, The Martian Chronicles, The Demolished Man, I Am Legend, The Midwich Cuckoos, Starship Troopers, A Canticle for Leibowitz, Stranger in a Strange Land, The Man in the High Castle, romances que se tornaram entretanto referências da literatura mundial. Acomodou experiências em ilustração pelos seus capistas. Criou uma comunidade de seguidores ávidos que hoje assolam os alfarrabistas em busca dos números antigos. É, de longe, a grande colecção de culto da história da FC dos países lusófonos. Dos seus feitos e glórias falámos na primeira parte deste artigo, que encontrarão no número precedente da Bang!

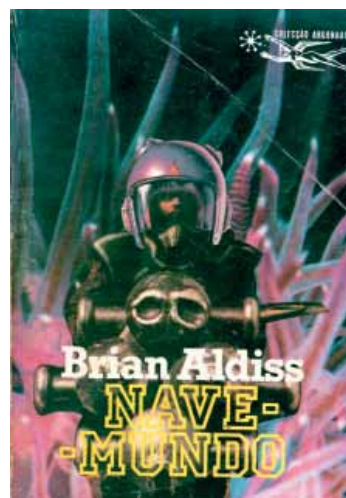
Mas, infelizmente, nem tudo foram êxitos, nem sempre se fizeram boas escolhas. Gradualmente foi perdendo o apreço dos leitores e enfrentando cada vez mais dificuldades – e a entropia acabou por vencer. É esse lado da história o que vamos agora contar.

CALCANHARES DE CIBERAQUILES

Apreciar a colecção é também reconhecer os seus defeitos. Defeitos, não de matéria mas de substância. Se o papel era de menor qualidade, se a edição se desfazia entre os dedos com o excesso de uso, se as folhas amarelavam quando demasiado expostas ao sol, se os títulos eram por vezes absurdos quando comparados com os originais (quem terá tido a infeliz ideia de verter *The Big Time* de Leiber para *O Tempo, o Espaço e o Cérebro?* [n.º 415]) ou desvendavam o segredo da história antes de



...(quem terá tido a infeliz ideia de verter *The Big Time*, de Leiber, por *O tempo, o Espaço e o Cérebro?* [nº415]).



...ou desvendavam o segredo da história antes de se abrir a primeira página (*Non-Stop*, de Aldiss para *Nave-Mundo* [nº333])...

se abrir a primeira página (*Non-Stop* de Aldiss para *Nave-Mundo* [n.º 333]), os leitores aceitavam as falhas como sendo peculiaridades, como se aceita um carro feio, barulhento, difícil de conduzir, mas que acaba levando-nos na viagem prometida.

Menos aceitável seria a tendência, que começou com o n.º 103 (*Perdido no Espaço – I – Marooned* de Martin Caidin), de dividir um romance mais extenso em dois ou mais volumes da colecção.

É uma opção editorial de foro económico, pois permite distribuir custos de produção, como a tradução e a compra de direitos da obra, por diversos volumes, de forma a manter o preço de capa unitário a níveis constantes. Aplica-se aqui um racional pela negativa, pois o receio é de que o leitor, para quem o preço constitui factor decisivo, se recuse a adquirir um tomo único e extenso que seja invulgarmente caro. Diga-se de passagem que este pensamento tem a sua razão de ser, e em muitos casos, é perfeitamente razoável aplicá-lo para determinados segmentos ou obras, permitindo a realização da leitura em (suaves) prestações.

Mas a opção tem um buslís: é normal que o custo acumulado das várias partes seja mais oneroso do



Dos 563 números da *Argonauta*, aproximadamente oitenta são ocupados pelas segundas e terceiras partes de romances cortados às fatias.

que seria a alternativa do volume único. A editora fica a ganhar, no curto prazo, pois uma percentagem significativa dos compradores do primeiro livro quererão conhecer o fim à história, assegurando as vendas dos seguintes. Mas o mercado acaba por se aperceber e ganha aversão à prática, se levada ao exagero. Os leitores fazem contas, medem o tamanho de cada tomo, perguntam-se porque estão a pagar várias vezes pelo mesmo livro. E num contexto de colecção com edições fixas por ano, cada número dedicado a continuar o anterior representa menos um novo título, na prática – menos um romance, menos um autor a descobrir. Aos leitores interessados em ter a colecção completa, deixar de adquirir não se afigura uma escolha possível.

Dos 563 números da *Argonauta*, aproximadamente oitenta são ocupados pelas segundas e terceiras partes de romances cortados às fatias. Referimo-nos a casos em que a divisão foi assumida; outros houve, como os de certas antologias e colectâneas, em que os títulos portugueses escolhidos não revelam o facto de representarem divisões da mesma obra (veja-se, a título de exemplo, a antologia *The Future in Question*, organizada por Asimov e outros, que foi dividida nos n.ºs 320, *Mensagens do Futuro*, e 327, *O Que Será o Futuro*).

Fazendo contas, equivale a *sete anos* – quase um quinto da vida da colecção – de números desperdiçados com esta prática!

Talvez a pior época dos tempos áureos tenha ocorrido em 1982, em que os três volumes de *O Número do Monstro* (n.ºs 294 a 296) de Heinlein são seguidos por outros três do *Planeta dos Dragões* (n.ºs 297 a 299) de McCaffrey e estes, por dois do *Mistério de Valis* (n.ºs 300 a 301) de Dick: ao final de oito meses seguidos, os leitores ficaram a conhecer apenas três novas obras.

Seria de esperar que, com o crescimento do sector editorial e a expansão da oferta, nos anos 90, houvesse uma mudança de estratégia. Estranhamente, o que se verifica é uma intensificação da prática: a partir de 1998, dos 74 números finais publicados, 21 constituem continuações...

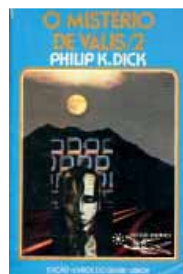
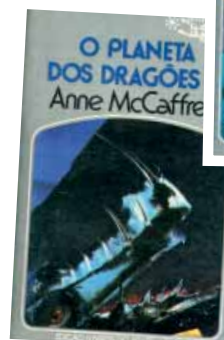
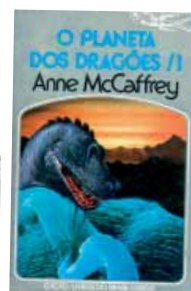
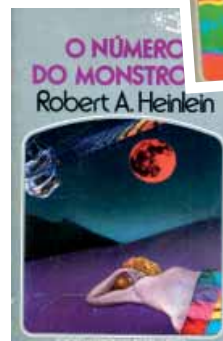
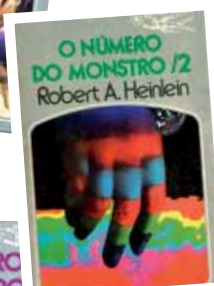
Outro problema importante (que Ricardo Loureiro designa jocosamente por «*Lei Editorial Nacional*», por se aplicar uniformemente a todas as colecções de FC portuguesas) refere-se à forma como as séries eram conduzidas. Apanágio e tradição do género, as sequências narrativas que atravessam vários livros requerem um manuseio delicado: uma vez iniciada a publicação, há

que decidir se o volume de vendas da parte anterior justifica editar a seguinte. Mas nesta decisão deve ter-se em conta que houve leitores a comprar, os quais ficarão frustrados perante histórias deixadas a meio, correndo-se o risco de afastá-los da colecção como um todo.

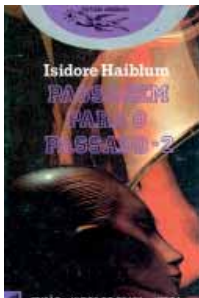
São vários os exemplos em que isto aconteceu na vida da *Argonauta*.

O «n.º 249, *Exilados da Terra* [...] fazia parte duma trilogia que [...] nunca chegou a ter os dois seguintes cá publicados» (Ricardo Loureiro). A série das «Crónicas de Âmba» de Zelazny, composta na língua inglesa por dez livros, apenas verá sete traduzidos, e a do «Centro Galáctico» de Benford verá dois em seis – sem contar com o fenómeno bizarro de se terem publicado os segundo e terceiro livros da trilogia da «Fundação»

Talvez a pior época dos tempos áureos tenha ocorrido em 1982, em que os três volumes de *O Número do Monstro* (n.ºs 294 a 296) de Heinlein são seguidos por outros três do *Planeta dos Dragões* (n.ºs 297 a 299) de McCaffrey e estes, por dois do *Mistério de Valis* (n.ºs 300 a 301) de Dick: ao final de oito meses seguidos, os leitores ficaram a conhecer apenas três novas obras.



Alguns exemplos de
continuações dos 74
números finais publicados.



Seria de esperar que, com o crescimento do sector editorial e a expansão da oferta, nos anos 90, houvesse uma mudança de estratégia. Estranhamente, o que se verifica é uma intensificação da prática: a partir de 1998, dos 74 números finais publicados, 21 constituem continuações...

de Asimov em 1964, mas não o primeiro...¹

Não obstante estes problemas, nenhum prejudicaria tanto a colecção como a qualidade das traduções.

Traduções «onde as expressões idiomáticas eram invariavelmente traduzidas à letra» (Ricardo Loureiro). Traduções que acolheram, no início, figuras de destaque – como o escritor surrealista Mário Henrique-Leiria, e a (futura) tradutora das principais obras de Tolkien, Fernanda Pinto Rodrigues – mas que acabariam por ser dominadas, a partir do n.º 103, pela voz ubíqua e, na opinião de alguns leitores, redutoramente uniforme, de Eurico da Fonseca, especialista autodidacta em astronáutica cuja simpática presença na televisão foi prenúncio, durante anos, de um entusiasmo contagiante pelas coisas do espaço. Eurico da Fonseca traduziria mais de 250 dos títulos da colecção, ou pelo menos, aporia o seu nome nos mesmos. Porque uma das questões relativas à tradução na Argonauta tem a ver com a sua autoria.

«Durante anos sempre estranhei a profusão de títulos traduzidos por Eurico da Fonseca, e pensava que ou o homem tinha um enorme repositório de traduções já feitas, ou era super-humano [...]. Décadas mais tarde, parte do mistério desvaneceu-se quando conheci um, à falta de melhor expressão, “ghost-translator”, que me provou cabalmente que uma boa vintena de títulos foram por ele traduzidos, embora publicados pela Livros do Brasil sob o nome de Eurico da Fonseca. E quantos mais títulos teriam assim sido?» (Ricardo Loureiro).

Prática que aparentemente acompanhou a colecção desde início: «Fernando Castro Ferro traduziu vários livros para a Argonauta, e em dado momento o trabalho acumulou-se-lhe porque tinha vários livros para traduzir e não dava conta do recado. Eu nessa altura andava com as “finanças” muito em baixo e ele propôs-me que eu traduzisse dois dos livros. Concordei, era uma maneira de ele cumprir os prazos de tradução que se tinha comprometido com os Livros de Brasil, e eu recebia umas massas que me davam um jeito. A única condição era que nas traduções não figurasse o meu nome mas o dele, para que ele não perdesse o com-

promisso que tinha com o editor. Aceitei, e o único desgosto que tenho é que passados todos estes anos não sou capaz de me lembrar quais foram os livros que traduzi, e não há maneira de descobrir porque o meu nome não figura lá» (António de Macedo).

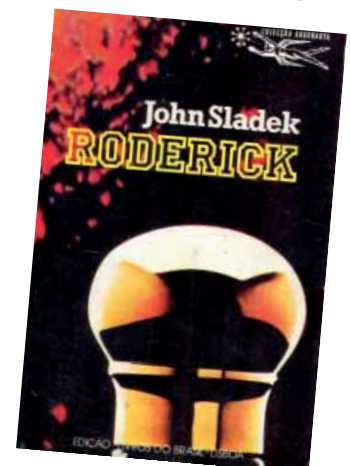
A falta de percepção de que o público-alvo evoluía, crescia, refinava os gostos, não permitiu à editora repensar a colecção com outro nível de qualidade e de investimento editorial.

Entenda-se que a experiência inicial, comum aos apreciadores, era positiva: «a questão da tradução não me passava muito pela cabeça na época, aceitávamos o texto em português (brasileiro ou não) sem questionar. Só depois dos 30 anos de idade passei a ler preferencialmente no original» (Braulio Tavares).

Mas também era comum o desalento posterior: «foi na Argonauta que pela primeira vez compreendi como um mau tradutor pode assassinar um livro por completo (a vítima foi Roderick [n.º 386] do pobre do John Sladek)» (Jorge Candeias).

Desalento que acabaria em abandono: «entre 1986 e 1989, à medida que comecei a ler cada vez mais ficção científica em inglês, fui me desiludindo com os livros da Argonauta. Sempre que relia o original de um romance do Clifford Simak que já havia lido pela coleção, parecia estar desfrutando de um novo romance, muito mais rico e bem escrito, porém, compartilhando da mesma temática da tradução que eu já conhecia. Foram essas traduções malfeitas e, em muitos casos, resumidas, que me fizeram abandonar a Argonauta no fim da década de 1980» (Gerson Lodi-Ribeiro).

“...pela primeira vez
compreendi como um
mau tradutor o pode
assassinar um livro
por completo...”
Jorge Candeias



Não obstante estes problemas, nenhum prejudicaria tanto a colecção como a qualidade das traduções [...] mas que acabariam por ser dominadas, a partir do n.º 103, pela voz ubíqua e, na opinião de alguns leitores, redutoramente uniforme, de Eurico da Fonseca...



E o monstro acabou virando-se contra o criador: «criou um público para a FC em português, mas também o destruiu. Muitos de nós, que ainda continuamos hoje a consumir FC em português, devemos-lo à Argonauta; mas julgo que muitos dos que deixaram de o fazer também foi devido à falta de qualidade da colecção na sua fase final» (Jorge Candeias).

O SILÊNCIO LUSÓFONO

É um defeito que poucos lhe apontam. A meu ver, como leitor mas principalmente como autor de língua portuguesa, é o único que não tem desculpa.

«Se no Brasil, [o editor Gumercindo Rocha] Dorea criara um espaço para desenvolvimento de projectos literários [de autores nacionais de FC na sua colecção GRD], e em Espanha, [Domingo] Santos seguia-lhe as pisadas [pela colecção Nueva Dimensión], em Portugal, onde a colecção Argonauta teria início coincidente com essas duas iniciativas e igual finalidade, o acolhimento de obras nacionais foi nulo [...]. Sem querer menosprezar a sua contribuição importantíssima para a divulgação da FC internacional, a verdade é que, nas centenas de títulos editados durante os cinquenta anos de actividade, não encontramos um único autor português, e só em [2005] é que uma brasileira, Márcia

Guimarães (A Conspiração dos Imortais), consegue romper este impenetrável crivo editorial. Se o mesmo resultado de decisão consciente do director de colecção, ou se os manuscritos submetidos (porque decerto os haveria) simplesmente não eram considerados como tendo qualidade suficiente face às obras estrangeiras, é algo que se desconhece. Mas não deixa de ser sintomático, e pouco abonatório para a produção nacional, que nunca um português tivesse sido incluído na mais antiga e prestigiada colecção de FC do país, numa época em que o incentivo teria certamente produzido efeitos benéficos para o desenvolvimento do género.»²

Apenas nos anos 80 uma editora – a Caminho – apostaria com regularidade nos autores de fala portuguesa. Trinta anos depois.

QUE VIDA DEPOIS DA VIDA

«**P**oderia falar aqui das horas passadas na caça a Argonautas em alfarrabistas do Porto, em busca de lograr completar as colecções de Heinlein, Farmer, Dick, Silverberg (o que consegui, reunindo todos os que foram publicados em português), mas essa, penso eu é uma experiência comum» (João Seixas)

Onde encontrar, hoje em dia, os livros da Argonauta? Alfarrabistas de Portugal, com alguma dificuldade. Sebos do Brasil, imagino que com bastante. Quem os procura, sabe reconhecer as raridades, nem que seja pelos preços mais elevados. Alguns números são relativamente frequentes, outros nem por isso. Os derradeiros números ainda se encontram nas feiras do livro portuguesas em primeira mão.

Não deixa de ser curioso o afinco com que os apreciadores hoje recolhem, inventariam e mantêm a memória, na ausência, de livros que, no seu auge, foram sumariamente ignorados pela crítica literária. Não obstante as imperfeições, a Argonauta esteve no centro de várias comunidades de leitores – e ainda está –, muito antes das redes sociais.

Os efeitos secundários foram-se manifestando ao longo das décadas e ainda hoje se sentem



Alguns dos "grandes nomes" que marcaram a colecção Argonauta. Asimov, Bradbury, Arthur C. Clarke, Simak, Heinlein e Blish.

– com particular destaque, em Portugal, para o caso de João Vagos, que criou um blogue dedicado a cada um dos títulos da colecção³ e gravou uma série de vídeos em que os apresenta com evidente nostalgia⁴.

O Brasil antecipou esta iniciativa e foi mais longe: «foi na Camões [livraria especializada na comercialização de títulos portugueses] que comprei um livro brasileiro em novembro de 1985: Quem é Quem na Ficção Científica n.º 1 – A Colecção Argonauta, (Scortecchi, 1985), de Roberto Cezar Nascimento⁵. O livro analisava os títulos da colecção, desde o número 1 até o 312. Nas últimas páginas do exemplar havia um formulário com uma proposta para a criação de uma agremiação de leitores de ficção científica. Vários leitores gostaram da ideia e remeteram os formulários preenchidos de volta ao autor, semeando assim a iniciativa dessa agremiação que viria a se tornar o Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC), a entidade mais pujante de seu género durante a década de 1986-1995. Roberto Nascimento foi o primeiro presidente do CLFC e também o primeiro editor do Somnium, periódico da agremiação. Uma das motivações principais do CLFC naqueles primeiros anos foi estabelecer uma rede de troca de livros de FC em geral e exemplares da Colecção Argonauta em particular. De fato, à medida que as colecções de mais e mais sócios veteranos foram se completando, esses sócios foram paulatinamente se afastando do convívio com o fandom. Pouco a pouco, o CLFC se transformava, de um clube de colecionadores numa agremiação de produtores e articuladores de literatura fantástica» (Gerson Lodi-Ribeiro).

Se há característica que distingue o fã de FC é precisamente a apetência para socializar em torno dos temas do futuro – é bizarro, pois normalmente, ele (e ela) é retratado por quem está de fora como um indivíduo com dificuldades de socialização. «Nascimento escolheu bem a plataforma para o seu gesto de comunicação com outros fãs – aparentemente a Argonauta já despertava paixões entre pessoas que não se conheciam, e que se senti-

É bom recordar que cada “geração tem a sua coleção ou as suas coleções formadoras” (Roberto de Sousa Causo).

ram entusiasmadas com a descoberta de outros “semelhantes”. E assim foi que a Coleção Argonauta se tornou o componente de uma subcultura nacional que, por suas origens, comunica-se com uma vasta subcultura global formada por fãs de FC e fantasia em todas as partes do mundo» (Roberto de Sousa Causo).

Extinta, a coleção resiste no saudosismo e nas estantes dos últimos completistas. Mas há que lembrar que não sairão novos números, não se reeditarão os antigos. Os exemplares que existem continuam a amarelecer, a decompor-se, a desaparecer da memória. E não parece haver coleções actuais capazes de desempenhar o mesmo papel: «o seu catálogo, conjugado com a tremenda disponibilidade nos pontos de venda, permitia a qualquer pessoa, em dado momento, adquirir uma educação intensiva no campo da Ficção Científica. Mesmo quando tinha que repartir a sua atenção pelas coleções das outras editoras, o catálogo Argonauta possui um núcleo de obras relevantes, de autores relevantes que, ainda que com lacunas, permite adquirir um panorama geral da evolução do género. Algo que hoje desapareceu, o que justifica a iliteracia em termos de FC de grande parte daqueles que se dizem fãs, uma iliteracia derivada de um contacto totalmente fragmentário com poucas obras, mal se-

leccionadas, e sobretudo com videogames e filmes como principal ponto de contacto» (João Seixas).

É bizarro pensar que o género que sempre falou sem medos do futuro receia agora pelo seu próprio devir, receios que atravessam fronteiras: «sem um lar, sem um abrigo, como podem os novos leitores, os novos fãs, surgirem? O futuro da comunidade brasileira de FC se torna uma incógnita. Haverá uma nova geração, e formada através do quê? Do cinema, que parece ter destruído a FC nesse meio, justo agora que as imagens geradas por computador prometem um realismo nunca antes alcançado pelo género – e níveis de imbecilidade também nunca alcançados, nem mesmo na infantil FC da década de 1950? Serão os novos fãs garimpeiros de sebo, revirando o passado editorial brasileiro e português, em busca do que os inspire?» (Roberto de Sousa Causo).

Talvez, afinal, seja um problema intemporal e irresolúvel: «quando um professor me aconselhou a que lesse as obras de Júlio Verne, não o fez para que o meu espírito se soltasse e navegasse à vontade pelo tempo e pelo espaço, mas sim para que, através das páginas de “A Ilha Misteriosa”, aprendesse como até numa ilha perdida os conhecimentos de matemática, física e química, eram indispensáveis. Pena é que muitos dos jovens de hoje nem sequer se apercebam disso»⁶. Talvez, tendo este exemplo presente, devamos descansar e esperar pelo melhor.

É bom recordar que cada «geração tem a sua coleção ou as suas coleções formadoras» (Roberto de Sousa Causo). E, «afinal de contas, desde meados da década de 1950, com suas falhas e acertos, foi a Argonauta que possibilitou o primeiro contato de muitos leitores portugueses e brasileiros com o mundo encantado da literatura de ficção científica» (Gerson Lodi-Ribeiro), por isso muito lhe devemos do que hoje somos.

Agradecimentos e referências:

A António de Macedo, João Barreiros, Bráulio Tavares, Roberto de Sousa Causo, Gerson Lodi-Ribeiro, Ricardo Loureiro, Jorge Candeias, José de Freitas e João Seixas, pelos imprescindíveis e informativos testemunhos que limites editoriais não permitiram incluir na íntegra. E à Saida de Emergência pelo convite a uma breve mais importante reflexão luso-brasileira.

Este artigo não teria sido possível sem duas referências bibliográficas imprescindíveis: o site *Bibliowiki*, mantido por Jorge Candeias, e o site amador da coleção *Argonauta* mantido por João Vagos.

Dedicatória

A todos os que participaram, directa e indirectamente, na concepção e produção de cada um dos livros da Argonauta. Obrigado por cinco décadas de livros, verdadeiros oásis num deserto literário sem imaginação nem futuro. E não levem a mal as nossas exigências. Sabemos que fizeram o vosso melhor, que a época era complicada e o mercado ingrato e pouco desenvolvido. Apenas queríamos que tivessem mantido a fé mais um pouco, e que ainda continuassem entre nós. **BANG!**



Luis Filipe Silva (blog.tecnofantasia.com) é autor português de «O Futuro à Janela» (Prémio Caminho de Ficção Científica), «Cidade da Carne», «Vinganças» e (com João Barreiros) «Terrarium - Um Romance em Mosaicos» além de vários contos, críticas e artigos em publicações portuguesas, brasileiras e internacionais. Como antologista, organizou «Vaporpunk – Relatos Steampunk Publicados sob as Ordens de Suas Majestades» (com Gerson Lodi-Ribeiro) e «Os Anos de Ouro da Pulp Fiction Portuguesa» (com Luis Corte Real).

[1] O fenómeno talvez se explique pelo facto de o primeiro volume, *Fundação*, ter sido editado pela Ulisseia em 1961 na sua coleção 3:C, cuja vida curta (cerca de vinte números) não lhe terá permitido continuar a saga. A ser este o caso, não deixa de ser invulgar a decisão da Argonauta de servir como veículo da conclusão, ao invés da opção mais óbvia (e talvez mais razoável) de aguardar alguns anos até recuperar os direitos de autor e fazer uma edição completa...

[2] Luis Filipe Silva, «O Estranho Caso da Prospecção Amnésica», introdução à antologia *Por Univer-*

sos Nunca Dantes Navegados, org. Luis Filipe Silva e Jorge Candeias, 2007.

[3] <http://coleccionargonauto.blogspot.pt/>

[4] <http://www.fallingintoinfinity.com/2013/01/colecao-argonauto.html>

[5] Nascimento repetiria o feito, em 1999, com o lançamento de Argonauta 500: edição comemorativa, uma pequena edição que contém depoimentos de apreciadores portugueses e brasileiros.

[6] Da introdução de Eurico da Fonseca ao n.º 500, *O Pioneiro! – O Pioneiro*, de Frederik Pohl.



VISÕES

DE

por **ARTUR COELHO**

UTOPIA

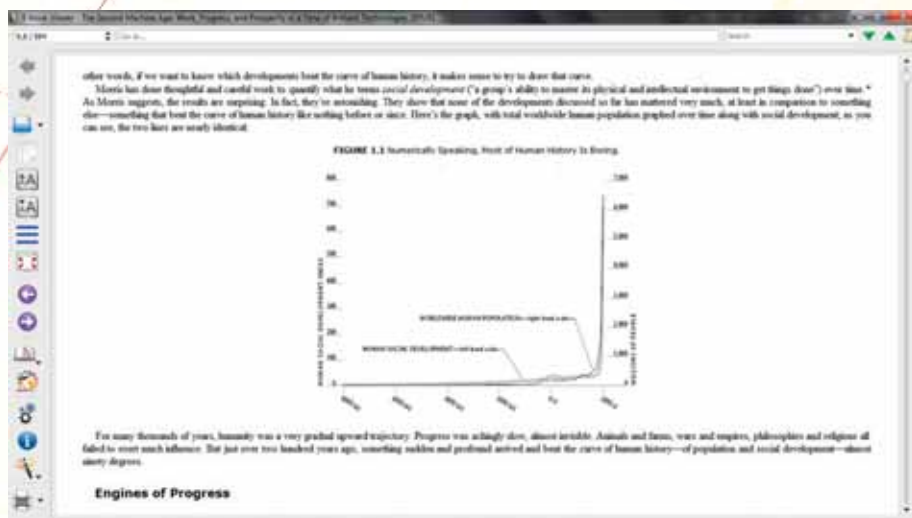
UTOPIAS 2014

- LUGARES IMAGINÁRIOS EM EDUCAÇÃO



Em Abril, a Casa das Histórias Paula Rego em Cascais foi palco do Utopias – Lugares Imaginários em Educação, um encontro formativo organizado por João Lima e pelo Centro de Formação de Escolas de Cascais. Durante dois dias os participantes, professores e não só, puderam participar em conversas abertas com personalidades ligadas às artes e à educação, assistir a espectáculos que recuperam o património cultural tradicional, e experimentar uma gama de workshops que ia da reflexão fotográfica a estratégias de trabalho dramático. Um desses foi o Visões de Utopia, dedicado à exploração da Ficção Científica e do fantástico no geral sob a perspectiva das utopias. Nele, os participantes tiveram oportunidade de descobrir um pouco do que se considera FC através de uma rápida apresentação, de um jogo literário onde puderam explorar conceitos futuristas e ideias tecnológicas avançadas, e tomar contacto com obras de FC e Fantástico de autores portugueses. Este texto reúne ideias sobre FC como forma de estruturar o workshop. Não pretende ser um estudo aprofundado sobre o género, funcionando como introdução ao seu espaço de ideias numa perspectiva de reflexão sobre desafios contemporâneos extrapolados para futuros imaginários. Agradeço ao João Campos (<http://viagem-andromeda.blogspot.pt/>) pela revisão e preciosas sugestões.

1. FICÇÃO CIENTÍFICA: breve apontamento histórico



A relação entre tecnologia e progresso humano (Brynjolfsson, McAfee, 2014)

O livro *The Second Machine Age*, de Erik Brynjolfsson e Andrew McAfee, analisa o impacto da tecnologia de vanguarda na nossa sociedade, oscilando entre o arrepio e o otimismo excessivo. Imaginemos a automação algorítmica e robótica a destruir empregos, ou a hipervigilância de um mundo coberto por sensores baratos capazes de monitorizar e recolher quantidades gargantuescas de dados sobre tudo o que fazemos, e temos uma ideia sobre onde o livro toca. Logo nas primeiras páginas mostra-nos um gráfico muito interessante do ponto de vista da FC, que descreve, de acordo com os autores, a forma como a partir da Revolução Industrial a curva do índice de desenvolvimento humano dispara, demonstrando o impacto da tecnologia no progresso humano (Brynjolfsson, McAfee, 2014). Este afirmar da ideia de que o progresso científico geraria progresso tecnológico e social é o substrato do qual podem nascer visões que especulam sobre futuro possíveis.

É curioso observar que é mais ou menos no momento em o gráfico dispara, nos primórdios da era industrial, que foi publicado aquele que alguns consideram como o primeiro grande romance de ficção científica: *Frankenstein*, de Mary Shelley (Aldiss, 1988). Parece-nos uma ideia estranha, uma vez que estamos habituados a concebê-lo como uma obra de horror, mas o romance está na confluência do romance gótico com visões proto-científicas numa história que não se explica através do ocultismo mágico e se baseia em possibilidades científicas, responsabilidade, arrogância e consequências imprevisíveis do progresso num romance-périplo.

Entre textos mais antigos que exploram diversas temáticas que irão coalescer na ficção científica podemos encontrar os périplos inter-planetários satíricos de Luciano de Samosata, Kepler e Voltaire, ou os proto-universos paralelos de Mar-

garet Cavendish. A venerável tradição das utopias e distopias dispõe-se num arco literário que inclui Platão, More, Swift, Defoe, Butler e Zamiatin.

O percurso da ficção científica inicia-se a partir das raízes das narrativas utópicas e das viagens extraordinárias (Aldiss, 1988), tendo evoluído a partir de histórias com preocupações morais e sociais para se focalizar na importância da ciência enquanto elemento-chave em voos imaginários construídos a partir de especulações de bases científicas, ou visões de menor rigor mas inspiradas no progressismo positivista da tecnologia. Estes são os elementos ficcionais do romance de aventuras de Verne e nos romances científicos de H.G Wells: obras que ainda não são o que em definitivo se veio a considerar ficção científica, mas que apontaram caminhos e traçaram linhas narrativas que ainda hoje são exploradas.

Deste cerne evoluíram histórias de guerra futura, narrativas apocalípticas de uma humanidade extinta ou em vias de extinção, *Edisonades* detalhando aventuras de engenhosos inventores, ou narrativas de aventura em terras exóticas. No processo de desenvolvimento da ficção científica enquanto forma de literatura popular, ciência e tecnologia são os elementos que a distinguem de outras formas, atraindo os leitores e seduzindo-os com sonhos tecno-utópicos. Este progressivo incorporar de elementos científicos culmina nas narrativas *pulp* ao estilo de Hugo Gernsback, editor da *Amazing Stories*, talvez o primeiro a definir o conceito de ficção científica, e firme defensor de histórias onde o imaginário do artefacto tecnológico é o cerne da narrativa (Stableford, 2003).

Podemos encontrar o berço do que hoje consideramos FC na tradição das revistas *pulp* dos anos 20 e 30 do século XX. As obras seminais dos grandes autores da era clássica do género tiveram a sua génese como contos nestas publicações, algumas das quais ambicionavam abertamente sair do recanto de publicações de qualidade baixa que viviam da reimpressão de contos clássicos e obras simplistas de autores hoje esquecidos. Começam nesta época a traçar-se algumas das clivagens profundas ainda hoje observáveis no género: a concepção de uma ficção científica didáctica e centrada na tecnologia do editor Hugo Gernsback, o foco nas preocupações literárias expressas pelo trabalho de edição de John W. Campbell, e a clivagem entre visões críticas da FC como literatura de entretenimento e como forma de expressão literária por direito próprio, centrada na interpretação da influência da ciência e tecnologia sobre a humanidade nas suas diferentes dimensões.

Associamos ao *pulp* histórias formulaicas de aventuras futuristas, de prosa muitas vezes sofrível, onde a plausibilidade não é importante. Mas essas histórias formaram mentalidades, criaram públicos, e permitiram aos escritores mais ambiciosos desenvolver FC com um misto de preocupação literária, pensada a partir de ideias e ambientes que não são necessariamente dependentes de um artifício tecnológico, e uma visão de análise especulativa dos impactos científicos e técnicos no ser humano.

No ponto mais alto desta tradição de publicação em revistas observamos a fortíssima influência da revista inglesa *New Worlds* dirigida por Michael Moorcock, que fez a ponte entre

“Podemos encontrar o berço do que hoje consideramos FC na tradição das revistas pulp dos anos 20 e 30 do século XX.”

uma FC clássica, centrada num optimismo tecnológico e em visões de aventura para uma FC mais madura, de crescentes ambições literárias, que se inspira e busca influências no surrealismo, dadaísmo, modernismo e realismo mágico. Se hoje as fronteiras narrativas do que é FC são difusas e abrangem muitas formas que estão próximas da literatura convencional, tal deve-se ao trabalho de Moorcock a estimular a

publicação das obras fortemente experimentalistas de J. G. Ballard e outros escritores da *New Wave* que redefiniu o género (Aldiss, 1988).

Esta revista marca o ocaso da FC pulp e a génese da FC enquanto género literário ambicioso, capaz de ao mesmo tempo se dedicar à exploração dos seus temas próprios e apostar na complexidade narrativa e estilística. O livro-romance torna-se a forma preponderante no género, embora a tradição do conto persista na publicação de antologias, que mantêm viva a memória do género enquanto dão voz a escritores novos e consagrados.

A afirmação da FC publicada em livro inicia-se nos anos 50. O advento do formato *paperback* permitiu aos editores lançar no mercado livros a baixo custo em competição directa com as revistas, coligindo contos previamente publicados em *pulps* agora empacotados como romances, caso de livros como *The Martian Chronicles* de Bradbury, *I Robot* ou *Foundation* de Asimov, que se tornaram referências do género.

Os caminhos temáticos do género começam a caracterizar-se pela complexidade com que abordam realismo científico, especulação informada, visões utópicas, distópicas ou transformativas. Com temas e vozes literárias definidas, o género atinge a maturidade nesta época (Aldiss, 1988), quando o optimismo se começa a esfumar perante o rescaldo da II guerra e das novas super-armas capazes de destruir a humanidade. Perdida a fé cega no progresso e na perfeição tecnológica, sucedem-se visões de mundos pós-apocalipse nuclear de franco negativismo e paranóia. Esta perda de inocência abre caminho para tendências como a relativização do real, *space operas* que recuperam o

exotismo da aventura em largos panoramas, a exploração profunda de questões sociais e sexuais utilizando o *outro* ficcional como metáfora para reflectir sobre pro-



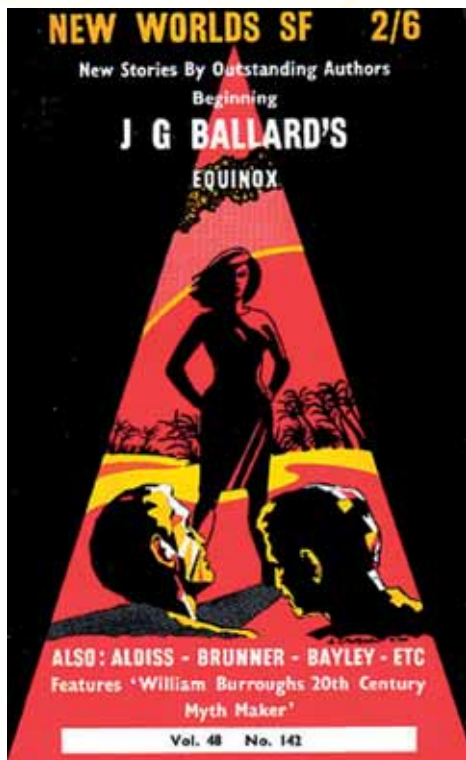
blemas reais, experimentalismo literário de base modernista da *new wave*, ou revisões históricas à luz de hipóteses remotas que alterariam a estrutura do real percurso da história.

Esta evolução conceptual é mais visível no tratamento das questões de género, que evoluiu da misoginia e infantilidade pubescente na FC clássica para visões fluídas e arrojadas. Esta erosão do tradicional foi trazida por autoras que desafiaram a prevalência masculina na FC e nos têm vindo a legar visões que vão do feminismo assumido à fluidez relacional.

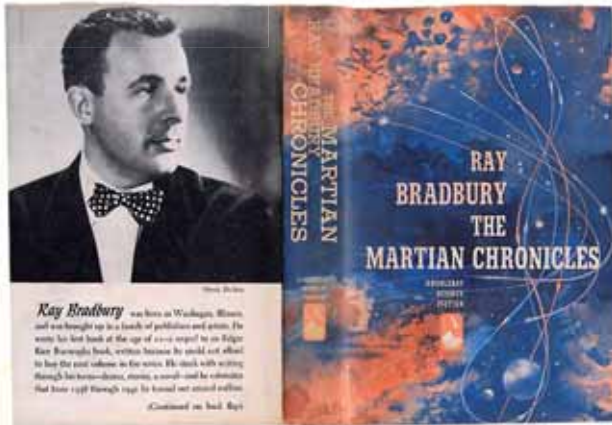
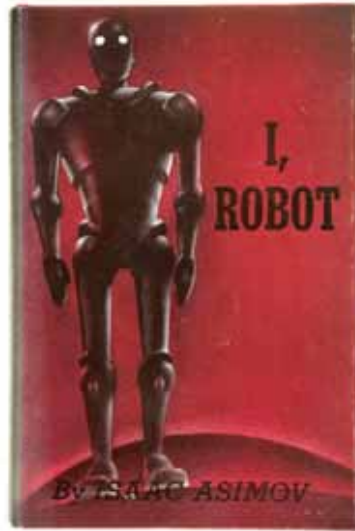
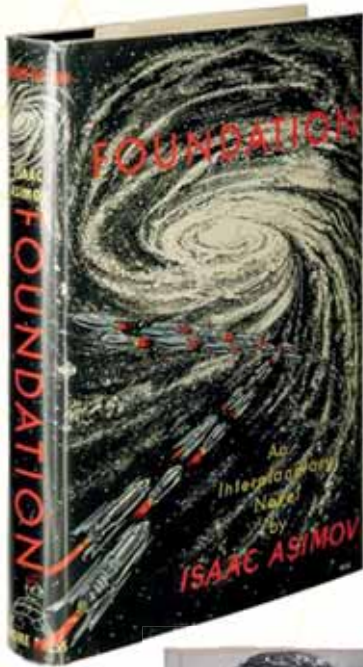
A ficção científica evoluiu também nos mercados, com alguns dos seus autores a atingir o estatuto de super-estrela literária com sucessos garantidos de venda. Nos anos 80 o emergir do movimento *cyberpunk* redefine o género, com uma forte componente intelectual virada para uma visão de futurismo hipermoderno digital experimentalista e fragmentário próxima da visão pós-modernista, trazendo o reflexo do modernismo de Ballard para o então novíssimo mundo digital.

Hoje, o género é ao mesmo tempo uma ficção popular de mercado alargado e um palco de experimentação. As fronteiras literárias estão difusas e o intercâmbio entre FC, fantasia, horror e o realismo mágico é tema comum nas obras mais ambiciosas. Persistem clivagens vindas da era pulp entre uma FC mais virada para o entretenimento, um aprofundar da sensibilidade literária e o focalizar na especulação infor-

O progressivo incorporar de elementos científicos culmina nas narrativas pulp ao estilo de Hugo Gernsback, editor da *Amazing Stories*, talvez o primeiro a definir o conceito de ficção científica.



Se hoje as fronteiras narrativas do que é FC são difusas e abrangem muitas formas, deve-se em grande parte a fortíssima influência da revista inglesa *New Worlds* dirigida por Michael Moorcock



Hoje afirma-se uma ficção científica de voz global, com autores dos quatro cantos do mundo a conquistar espaço e leitores, enriquecendo o gênero com sensibilidades estéticas e conceituais que se afastam da visão anglo-americana que historicamente caracteriza o gênero. Escritores como Lavie Tidhar (israelita), Ken Liu (japonês), Aliette de Bodard (franco-vietnamita) e Lauren Beukes (sul-africana) recebem prêmios de referência, bom acolhimento pela crítica especializada, e afirmam-se num mercado global que utiliza o inglês como língua franca. Autores de países com fortes tradições de edição de ficção científica são traduzidos para um mercado crescente de leitores que procuram sensibilidades literárias culturalmente diferentes da tradição clássica. A esta tendência não são alheias as coletâneas temáticas de contos que misturam autores novos e consagrados, e as sucessoras das revistas *pulp* como espaço de primeira publicação quer em edição tradicional quer em formato digital.

Para o grande público, a face mais visível do gênero está no cinema, onde a sua presença se assinala logo nos primeiros tempos do meio. Esta época legou-nos clássicos do grande ecrã, desde a sátira inocente de *Voyage dans la Lune* de Méliès à precisão de *Frau im Monde* ou à absoluta distopia industrial de *Metropolis*, ambos de Fritz Lang; ou mesmo à utopia científica de raiz iluminista de H.G. Wells em *Things to Come* de Alexander Korda.

Até aos anos 50 o cinema de ficção científica dependia dos argumentos e de efeitos especiais que transmitiam a sensação de estranheza dos mundos ficcionais através da cenografia e dos processos mecânicos de filmagem. A partir dos anos 50 aprofundam-se os temas dos argumentos, com o surgir das visões radicais e do cinema de série B, bem como a complexidade técnica dos efeitos especiais. O cinema espectáculo de FC firmou-se no imaginário popular com obras

A afirmação da FC publicada em livro inicia-se nos anos 50. O advento do formato *paperback* permitiu aos editores lançar no mercado livros a baixo custo em competição directa com as revistas [...] caso de livros como *The Martian Chronicles* de Bradbury, *I Robot* ou *Foundation* de Asimov, que se tornaram referências do gênero.

mada reflectindo as problemáticas contemporâneas, em especial no que toca aos impactos da modernidade tecnológica nos sistemas sociais.

É importante sublinhar que se o grosso da FC tem uma fortíssima influência anglo-americana, por questões de afinidade cultural, mercados editoriais, sensibilidade científica e da própria história da evolução do gênero, este não se resume aos autores ingleses e norte-americanos. A tradição francesa de edição espelha em grande parte a mais conhecida vertente americana, com o gênero a florescer pós-Verne e Robida em revistas especializadas e coleções editoriais. É o caso da *Fleuve Noir Anticipation*, que publicou ao longo de quarenta anos autores como P. J. Hérault ou Serge Brussolo, e outros criadores marcantes. *Omale*, de Laurent Genefort, *Aurorarama* de Jean-CristopheValtat ou *La Mécanique du Cœur* de Mathias Malzieu são algumas das obras de autores contemporâneos a extravasar o espaço da francofonia com edições internacionais. Na Alemanha, onde a tradição do fantástico ficcional conta com Kurt Lasswitz como contemporâneo de Wells e Verne, podemos encontrar vozes como a *hard SF* cosmopolita de Frank Schätzing e a série episódica *Perry Rhodan*, editada continuamente desde os anos 60 do século XX e que conta agora com sensivelmente quatro mil números, sendo a mais longa série de ficção científica literária em todo o mundo.

É importante sublinhar que se o grosso da FC tem uma fortíssima influência anglo-americana, por questões de afinidade cultural, mercados editoriais, sensibilidade científica e da própria história da evolução do gênero, este não se resume aos autores ingleses e norte-americanos.



Para o grande público, a face mais visível do género está no cinema, onde a sua presença se assinala logo nos primeiros tempos do meio. Esta época legou-nos clássicos do grande ecrã.



como *2001* de Kubrick, *Alien* de Ridley Scott e *Matrix* dos irmãos Wachowsky. Críticos do género apontam o desequilíbrio entre a raiz literária, pujante mas restrita às comunidades de fãs, e a popularidade do género no cinema de massas, que aproveita a iconografia da ficção científica como elemento decorativo de aventuras de acção ou policial. A FC como adereço possibilitada pela extraordinária evolução da indústria de efeitos especiais caracteriza a larga maioria dos filmes contemporâneos, apesar de excepções como o recente *Gravity* de Alfonso Cuarón, que ressuscita o puro *sense of wonder* da exploração espacial, ou *The Congress* de Ari Folman, que nos obriga a reflectir sobre problemáticas contemporâneas de substituição da força laboral humana por meios de automação algorítmica e o espaço abstracto das redes digitais.

A estética da FC ultrapassou os limites literários e afirmou-se no cinema, banda desenhada e em particular no novo *media* dos jogos de computador. O seu espírito de extrapolação e reflexão também se encontra para lá das fronteiras dos livros, fazendo-se sentir na exploração do futurismo, nas antevisões especulativas da *design fiction*, e nas fronteiras do experimentalismo digital de vanguarda. Olhando com nostalgia para a inocência dos tempos dos monstros de olhos esbugalhados

combatidos por heróis de queixo quadrado empunhando armas de raios e voando com *jetpacks*, a FC soube continuar a questionar os progressivos desafios que a evolução social e tecnológica veio trazer à humanidade, levando-nos a compreender os dilemas do tempo presente através do imaginar de futuros plausíveis.

2. FC E CONTEMPORANEIDADE

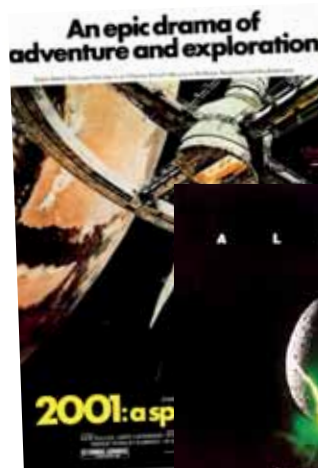
Porquê ler Ficção Científica? A primeira resposta é visceral: porque é divertida. Como resistir à sedução de histórias empolgantes que nos levam ao espaço profundo ou ao passado distante, que nos permitem usar tecnologias inauditas, ou mesmo conceber o inconcebível?

O mundo contemporâneo em que vivemos é constantemente desafiado pelo novo. Todos os dias somos bombardeados com relatos de novas tecnologias, transformações sociais radicais, inauditas maravilhas da ciência que alteram as nossas percepções do real e do possível. Emergem novas profissões, impensáveis há poucas décadas ou anos. As tradições esvaem-se numa modernidade unificada por meios de comunicação à escala global. Ferramentas tecnológicas pervadem o nosso dia a dia, dos objectos de uso pessoal às

infra-estruturas tecnológicas massivas que sustentam o mundo globalizado. Dependemos de satélites para nos orientarmos nos labirínticos espaços urbanos, a maioria das doenças é controlável por uma vasta gama de medicamentos inimaginável durante milénios. Apesar dos constantes desafios da pobreza e exploração, é inegável que boa parte da humanidade considera normal uma qualidade de vida que, há poucos séculos, nem os mais privilegiados poderiam alcançar.

Vivemos rodeados de tantas maravilhas que estas nos parecem banais. As ideias técnicas e científicas revolucionárias tornaram-se nota de rodapé nos telejornais. No nosso dia a dia atarefado talvez paremos, por um pouco, para nos maravilharmos com uma nova ideia ou sonhar com o impacto de uma nova tecnologia anunciada. Estamos tão habituados a estas rotinas que depressa as esquecemos. A hipérbole do lançamento de um novo produto de consumo tecnológico depressa é substituída pela hipérbole do lançamento de mais um novo produto de consumo tecnológico, numa lógica cíclica que banaliza a enorme complexidade e conhecimento científico dos objectos tecnológicos.

A estética da FC ultrapassou os limites literários e afirmou-se no cinema. A partir dos anos 50 aprofundaram-se os temas dos argumentos, com o surgir das visões radicais...



“Há mais de um século que o imaginário da ficção científica nos leva a olhar em frente”

Tememos o futuro. É-nos difícil conceber o impacto das novas ideias, novas tecnologias, novos modos de viver, novos conhecimentos, do eterno e imenso novo. Sabemos que nos esperam desafios civilizacionais talvez inultrapassáveis, sabemos que nos espera o desconhecido. Cada nova ideia, cada nova tecnologia, cada tendência traz consigo promessas de transformação que mal conseguimos descortinar. Marshall McLuhan, influente teórico dos *media* que intuiu que o poder transformativo dos meios de comunicação alterava profundamente formas de conceber o mundo, afirmou que as nossas tecnologias nos modelam de maneiras inesperadas.

A ficção científica é um recreio de ideias que nos permite brincar de forma segura com o que nos atemoriza ou intriga. Possibilita-nos um espaço de experiências de pensamento, onde podemos levar ao extremo as ideias que nos atravessam o radar da curiosidade, extrapolar os dilemas contemporâneos e simular as suas consequências num espaço virtual delimitado pela nossa imaginação. É vista na cultura popular como preditora de tecnologias e futuros, mas funciona como uma estrutura que

nos permite questionar os desafios contemporâneos. Raramente a FC consegue predizer avanços tecnológicos, embora seja habitual que cientistas e engenheiros se inspirem no género para desenvolver novas tecnologias.

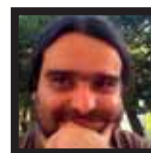
As obras reflectem as preocupações das épocas em que foram escritas. Os autores atrevem-se, nos seus *esses*, a interrogar os limites teóricos das ciências, da História, da tecnologia, tudo o que constitui a maravilhosa procissão da humanidade. Baseando-se em extrapolações de base científica que tanto reflectem um optimismo ingénuo como um cinismo desencantado com potencialidades e consequências dos desenvolvimentos tecnológicos, ajudam-nos a compreender melhor o mundo contemporâneo fazendo-nos imaginar futuros. Tudo isto empacotado em histórias divertidas e empolgantes que mantêm vivo um pouco de inocência e espírito juvenil de aventura e exploração à descoberta do mundo.

O género vai muito para além da ficção especulativa de base científica, indo beber a variadas fontes que por sua vez o modelam e transformam. Associamos a FC a iconografias específicas: foguetões, naves espaciais e habitats no espaço são algumas das mais clássicas imagens associadas ao género. Cientistas loucos e donzelas em busca de salvação são talvez dos mais banalizados ícones do género. Visualizamos robôs, mecanismos complexos conscientes de si próprios, sexualizados como objecto de desejo ou mesclando o homem com a máquina. Reflectimos a diversidade de culturas humanas recriando-as como aspectos de vastas civilizações extraterrestres. Projectamos os devaneios arquitectónicos em urbanismos futuros, utopias bucólicas de arquitecturas arrojadas, colisões multiplanares de portentosas edificações ou vida a formigar na decadência catastrófica do betão. Recriamos e antevemos

dispositivos técnicos que nos fascinam pelas novas possibilidades que fazem intuir. Tememos a possível subserviência a tecnologias que se tornam mais avançadas do que os seus criadores. Revemos fascínios, xenofobias e medos da relação com o outro através do simbolismo dos alienígenas ficcionais e das suas exóticas culturas. Deleitamo-nos com a sólida construção imaginária de mundos ficcionais de fantasia literária.

“*Technology is the quiet driver of most modern history*”,

referiu o escritor e cientista Gregory Benford numa entrevista recente – algo que é recordado no ar frenético da discussão mais *mainstream* sobre as transformações sociais trazidas pela tecnologia, em discursos que oscilam entre a surpresa com a rapidez transformativa, o deslumbre com as delícias dos *gadgets* ou os temores catastrofistas sobre o colapso iminente da humanidade perante a ameaça dos teares mecânicos/fábricas *tayloristas*/máquinas inteligentes/inteligências artificiais/redes sociais/isolamento na internet. Há mais de um século que o imaginário da ficção científica nos leva a olhar em frente, preparando-nos para o futuro real em que não imaginamos futuros plausíveis ou impossíveis, em essência reflectido no impacto que a ciência e tecnologia têm sobre a humanidade. **BANG!**




Artur Coelho não se consegue libertar da sensação que a realidade mediada pelos sentidos pode não ser de todo real. Professor do ensino básico e investigador na confluência da educação com tecnologias digitais e 3D, nunca mais se livrou do bichinho da FC desde que foi mordido pelas *Crônicas Marcianas* de Ray Bradbury.

Bibliografia

- Aldiss, B., Wingrove, D. (1988). *Trillion year spree: the history of science fiction*. Londres: Grafton Paladin.
- Brynjolfsson, E., McAfee, A. (2014). *The Second Machine Age: Work, Progress, and Prosperity in a Time of Brilliant Technologies*. Nova Iorque: Norton.
- James, E., Mendlesohn, F. (2003). *The Cambridge Companion to Science Fiction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rothstein, E., Marty, M., Muschamp, H. (2003). *Visions of Utopia*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Slusser, G. (2014). *A scientist-author at the heart of Hard Science-Fiction*. Institute for Ethics and Emerging Technologies, 20 de Fevereiro de 2014. Obtido a 20 de Março de 2014 no URL <http://ieet.org/index.php/IEET/more/benford20140220>
- Watson, R. (2013). *Trends and Technologies for the World in 2020*. 14 de fevereiro de 2013. Obtido a 21 de Março de 2014 no URL <http://toprends.nowandnext.com/2013/02/14/trends-technologies-for-the-world-in-2020-2/>



A woman in a purple and gold fantasy outfit, possibly a warrior or mage, stands on a balcony or ledge, looking out over a city at night. The city is illuminated by warm lights from windows and street lamps, with a large, glowing moon in the sky. The architecture is a mix of Gothic and fantasy styles, with spires and domes. The woman's purple cape flows in the wind.

BRANDON SANDERSON

a nova estrela da fantasia épica

por Safaa Dib


Quando Robert Jordan faleceu em 2007, deixando por terminar a sua obra-prima, a vasta série *A Roda do Tempo*, tornou-se evidente que alguém teria que ser incumbido de terminar a série no lugar do autor, respeitando os seus últimos desejos e notas, o seu estilo e voz.

Alguns meses depois, foi anunciado que Brandon Sanderson fora escolhido pela viúva do autor, Harriet McDougal, para terminar a série pois ficara muito impressionada com Sanderson após ter lido *O Império Final*, o primeiro volume da saga *Nascida na Bruma*. Entre 2009 e 2013, ele viria a escrever os últimos três volumes da *Roda do Tempo* com uma rapidez e disciplina impressionantes.

O Império Final, publicado em 2006 pela Tor

Books, não foi o primeiro livro de fantasia do autor de 38 anos de idade. *Elantris*, o seu romance de estreia, já tinha sido publicado em 2005 pela Tor Books e já prenunciava uma das características que o viria a distinguir no meio da fantasia: um pendor para sistemas de magia originais.

A magia é tão vital para Sanderson que ele chegou ao ponto de enumerar as três leis de Sanderson: a capacidade de um autor em resolver um conflito de modo satisfatório com magia é directamente proporcional à capacidade do leitor em compreender essa magia; as limitações de uma personagem são mais interessantes do que os seus poderes e, por fim, um escritor deve sempre expandir primeiro o seu mundo antes de acrescentar algo de novo.



“Gosto de personagens equilibradas e confiantes que, por vezes, cometem más decisões. Acredito que a maioria das pessoas são na essência boas, e interessa-me ler sobre pessoas que tentam ser boas.”

O IMPÉRIO FINAL

O*Império Final* é um livro enganador. Enganador no sentido de que a trama poderia facilmente descrever-se em um parágrafo e, mesmo assim, não apanhariamos a complexidade subjacente ao enredo. O prólogo encarrega-se rapidamente de descrever o essencial: há uma classe fortemente oprimida e escravizada, os skaa, que está há séculos à mercê dos caprichos do Senhor Soberano e das casas de nobres.

Cinzas caem do céu na capital de Luthadel e as brumas invadem a noite numa terra suja e desolada. Não sabemos realmente o que se passou para tudo ser tão sombrio, mas o Senhor Soberano governa inquestionavelmente, sendo considerado um herói que passou pela Ascensão e salvou o mundo da Profundez, embora algo tenha corrido mal.

No início de cada capítulo, temos acesso a excertos de um livro escrito por um herói das profecias ao longo da sua missão. À medida que se revelam esses excertos, o leitor ganha uma maior compreensão da história que deu origem ao Império Final.

UM SISTEMA DE MAGIA CRIATIVO

Kelsier desenvolvera inicialmente uma reputação como fora-da-lei destemido e ousado e líder dos marginais da cidade até ao momento em que é traído, capturado e enviado para os Poços de Hathsin onde nenhum homem sobreviveu. Mas as cicatrizes nos seus braços contam outra história. Não só sobreviveu, como despertou os seus poderes da Alomância e se tornou nascido nas brumas. A Alomância é um sistema de magia muito curioso e que merece ser descrito um pouco mais em pormenor. Um alomante tem a capacidade de queimar certos metais no seu corpo (ingeridos numa solução). A maioria dos alomantes só tem a capacidade de dominar um metal, mas existem os nascidos nas brumas que conseguem queimar todos os metais. Assim, temos várias classes de alomantes consoante o metal que usam: os calmantes (latão), os fumadores (cobre), ou os brigões (peltre). E temos os nascidos nas brumas.

A alomância dá origem a algumas das cenas de acção mais intensas do livro. As lutas são todas descritas com base na magia alomante. Por exemplo, os nascidos nas brumas recorrem a puxões-de-ferro ou empurrões-de-aço para voar sobre a cidade ou desarmar um inimigo, respeitando sempre as leis da Física. Se um alomante deitar uma moeda ao chão e puxar contra ela, isso permite-lhe voar pelo ar.

O BANDO DE KELSIER

Desde as primeiras páginas, é traçado o objectivo de Kelsier: derrubar o Senhor Soberano e, para isso, congrega uma equipa de alomantes a quem revela a parte do seu plano. É, na sua aparência, uma trama linear. Mas na verdade, Kelsier não revela a totalidade do plano, nem adivinha muitos imprevistos e surpresas. Não esperava conhecer Vin, uma órfã ladra que quase termina nas garras dos Inquisidores de Aço ao usar os seus poderes latentes perto deles. Será Kelsier a salvá-la e iniciá-la na magia, mesmo quando Vin está tão desesperadamente desconfiada das intenções do bando e do seu líder. A vida nas ruas mostrou-lhe da forma mais dura que não deve confiar em ninguém, mas os seus poderes de nascida nas brumas iniciam-na num percurso repleto de perigos e excitação.

Apesar de um considerável leque de personagens secundárias interessantes, e dos estreitos laços que se formam entre os membros do bando, é o duo dinâmico Kelsier e Vin que impele grande parte do enredo. Kelsier está longe de ser o típico protagonista heróico. Comete muitos actos repreensíveis e a sua obsessão pelo Senhor Soberano traz-lhe apenas dissabores e uma visão manchada pelo seu desejo de vingança. Ele quer libertar os Skaa da opressão, mas ele não aceita nada mais além da sua visão pragmática, por vezes, brutal e cruel. Vin admira-o e rapidamente percebe como o passado de Kelsier ainda o atormenta. Unidos pelo laço da Alomância, ambos os protagonistas irão aprender lições importantes pelo caminho.

OS VILÕES

Duas outras entidades assumem uma importância vital no Império Final: os Impositores e os Inquisidores de Aço. O Senhor Soberano estabeleceu o Ministério de Aço para controlar os No-

bres que, por sua vez, controlam a sociedade. A maioria dos impositores são nobres com poderes alomantes e que são chamados como testemunhas para todos os acordos ou contratos entre nobres. As suas caras estão decoradas por tatuagens e, quanto mais elevado o cargo, maior a tatuagem. Os Inquisidores de Aço são criaturas de outro tipo. No lugar dos olhos têm espigões de aço e constituem a maior ameaça ao bando de Kelsier. A principal função dos Inquisidores é a de perseguir Skaa alomantes ou nascidos nas brumas, matá-los e roubar os seus poderes. Entre os Impositores e Inquisidores de Aço existe uma relação tensa de poder.

A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO

Seria uma pena não mencionar uma das personagens secundárias mais fascinantes: Sazed. É um Guardião terrisano, pertencente a uma raça quase extinta, que domina a magia da Feruquímia. A Feruquímia permite ao seu portador usar os metais como unidades de armazenamento dos seus poderes.

O seu vasto conhecimento das religiões do passado faz com que Kelsier lhe peça sempre ao longo do livro para que descreva algumas dessas religiões, as suas práticas e crenças. O que leva à criação de uma lenda? Como nasce a fé? O que define um herói e um líder? Através dos diálogos de Kelsier e Sazed, acabamos por obter algumas reflexões surpreendentemente profundas.

A cruzada de Kelsier contra o Império Final não está condenada a arrastar-se por vários livros. Se há algo que distingue enormemente *O Império Final* de outras fantasias é a sua habilidade em contar uma história com início, meio e fim e gerar uma conclusão muito satisfatória. O livro é o primeiro de uma trilogia, mas consigne a proeza de iniciar e concluir um vasto arco de história num único volume. Claro que algumas questões nos ficam na mente após o fim e as brumas ainda são demasiado misteriosas para o nosso gosto, mas não há a praga dos *cliffhangers*. As cenas de acção são muito intensas e as últimas 300 páginas são imparáveis com algumas reviravoltas interessantes de enredo. É fácil de compreender quando se chega ao fim porque a viúva de Robert Jordan ficou impressionada com Brandon Sanderson. **BANG!**



GALERIA DE PERSONAGENS DE O IMPÉRIO FINAL

prepare-se para conhecer o bando de rebeldes mais fascinante da história da literatura fantástica

KELSIER (KELL)

Tornou-se conhecido como o Sobrevivente de Hatshin por ter escapado das condições brutais da prisão dos Poços de Hatshin onde se tornou um nascido nas brumas. Outrora um famoso ladrão, a sua fuga tornou-se lendária, bem como os poderes de Alomância que desenvolveu na prisão. É o estratega de um plano audacioso para pôr um fim à escravidão do povo dos Skaa.

VIN

Uma órfã e ladra que vive nas ruas, é recrutada por Kelsier para a sua equipa, após revelar ser nascida nas brumas e com incríveis poderes de Alomância. É também recrutada como espiã entre as casas dos Nobres. É a protagonista principal e grande parte da história é contada através da sua perspetiva.

SENHOR SOBERANO

O governante implacável do Império Final. As suas origens são desconhecidas e rodeia-se de impositores e inquisidores de aço. Uma enigmática lenda, carregada de misticismo, rodeia o início da sua liderança. De modo a se tornar o Senhor Soberano, cumpriu a profecia da Ascensão e afastou a Profundeza, mas desde então o mundo tornou-se mais desolado e sombrio.

DOCKSON (DOX)

Amigo de longa data e membro da equipa de Kelsier. É responsável pelas operações da equipa e sua organização. Não tem poderes de Alomância.

HAMMOND (HAM)

Um membro alomante do grupo de Kelsier, da classe dos brigões, que queima peltre para obter força.

LADRIAN (BRISA)

Membro alomante do grupo de Kelsier, da classe dos Calmantes, que queima latão para exercer influência emocional.

MESTRE CLADENT (COXO)

Membro alomante do grupo de Kelsier, um Fumador, que queima o cobre para evitar a deteção de poderes de Alomância.

LESTIBOURNES (SUSTO)

Membro alomante do grupo de Kelsier, um vista-de-estanho, que queima o estanho para obter sentidos mais apurados.

SAZED

Um terrisano e Guardião, especialista em religião e línguas antigas.

ELEND

Um jovem nobre e herdeiro da Casa Venture. Conhecido pelas suas tendências bibliófilas e por ter uma personalidade excêntrica, tem uma relação difícil com o seu pai, Lorde Straff Venture.

MARSH

Irmão de Kelsier e determinado a derrubar o Império Final a todo o custo.

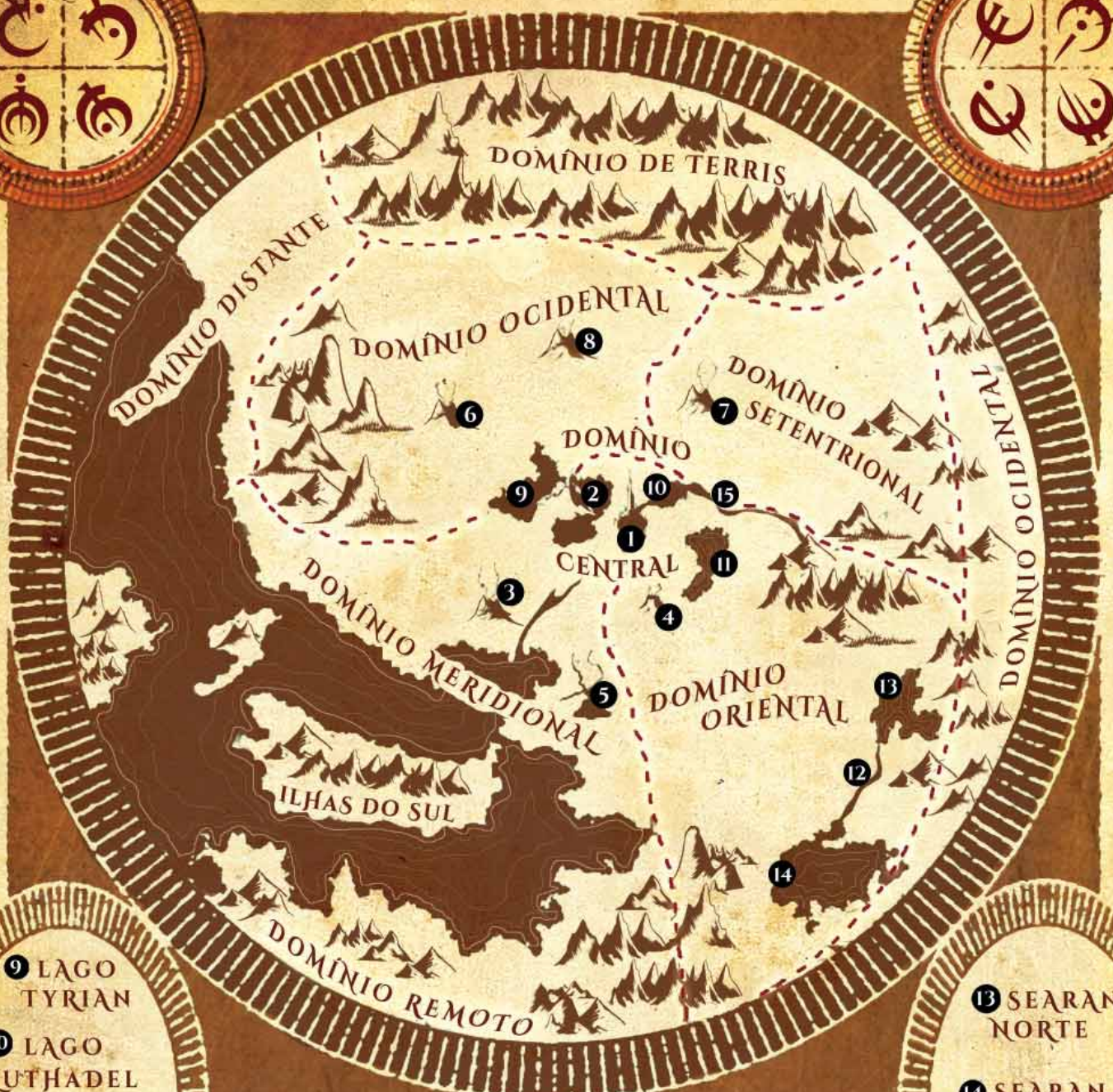
LUTH



- 1 Praça da Fonte
- 2 Kredik Shaw
- 3 Sede do Cantão da Ortodoxia
- 4 Sede do Cantão das Finanças
- 5 Guarnição de Luthadel
- 6 Fortaleza Venture
- 7 Fortaleza Hasting
- 8 Fortaleza Lekal
- 9 Fortaleza Erikeller
- 10 Loja do Coxo
- 11 Esconderijo de Camon
- 12 Rua da Muralha Velha
- 13 Rua Kenton
- 14 Praça Ahlstrom
- 15 15º. Cruzamento
- 16 Rua do Canal
- 17 Mercado Skaa
- 18 Sede do Cantão dos Recursos
- 19 Sede do Cantão da Inquisição

ADEL





- 9 LAGO TYRIAN
- 10 LAGO LUTHADEL
- 11 LAGO NEGRO
- 12 RIO SEARAN

- 13 SEARAN NORTE
- 14 SEARAN SUL
- 15 RIO CHANNEREL

O IMPÉRIO FINAL

- 1 LUTHADEL
- 2 TYRIAN
- 3 ZERINAH
- 4 FALEAST
- 5 DORIEL
- 6 MORAG
- 7 KALLING
- 8 TORINOST



Entrevista a BRANDON SANDERSON

Por João Campos, exclusivamente para a revista Bang!
(A entrevista que se segue é a transcrição de uma gravação áudio gravada pelo autor para esta entrevista)



Começou a sua série *Nascida na Bruma* em 2006, com a publicação de *O Império Final*. Qual foi a faísca – o primeiro conceito ou ideia, personagem ou situação – que deu vida ao universo do livro?

Diria que a primeira ideia girou em torno de uma possível vitória do vilão. O que aconteceria se os vilões ganhassem? E se o herói profetizado de uma dessas histórias de fantasia épica falhasse? Achava essa ideia fascinante. Nunca tinha lido essa ideia antes. Eu adoro fantasia – passo imenso tempo a ler fantasia. Por isso, criar uma história que subvertesse as convenções soava-me como algo muito interessante.

Tinha consciência desde o princípio de que a série *Nascida na Bruma* constituiria mais do que uma trilogia?

Não sei indicar o momento exacto em que me apercebi disso. Antes de ser lançado o primeiro livro, falei com o meu editor sobre uma ideia para três trilogias. Ainda estava muito no início do processo, mas

acho que ainda não tinha essa ideia quando escrevi a primeira versão do primeiro livro que não é a versão que acabou por ser publicada.

O cenário e personagens da série tendem a evitar a tendência “grimdark” que está a dominar grande parte da fantasia contemporânea, com universos negros e desesperantes e personagens moralmente ambíguas. Foi deliberada da sua parte esta decisão ou não pensava nisso à medida que desenvolvia o mundo ficcional?

Diria que me encontro algures no meio. “Grimdark” ainda não era tão popular quando escrevia este livro, mas George R. R. Martin era a força dominante na fantasia épica. Houve muitas reacções no sentido de imitar George R. R. Martin da parte de escritores que estavam a começar a escrever ficção. Eu li *A Guerra dos Tronos* e pensei: “há alguma coisa que possa aprender com isto?”. Ele é certamente um escritor fabuloso, mas acabei por perceber que não era aquilo que queria para mim. Tomei a decisão consciente de não escrever no seu estilo. Gosto de personagens equilibradas e confiantes que, por vezes, cometem más decisões. Acredito que a maioria

“Quando comecei a escrever fantasia, sentia que uma das coisas que a fantasia podia fazer melhor, mas ainda não tinha desenvolvido mais, era inovar nos sistemas de magia.”



BRANDON SANDERSON

é uma estrela em ascensão na fantasia norte-americana conhecido pela sua saga Mistborn e por ter terminado a série de fantasia épica A Roda do Tempo de Robert Jordan, após o seu falecimento. Em 2010, iniciou uma nova série de fantasia, Stormlight Archive, com o título *The Way of Kings*, além de outras séries direcionadas para o público jovem-adulto. Dá aulas de escrita criativa e participa em podcasts sobre escrita e o género fantástico.



Obra: O Império Final
Autor: Brandon Sanderson
Género: Fantasia Épica
Editora: Saída de Emergência
Tradução: Jorge Candeias
Páginas: 624
PVP: 22,00€
ISBN: 978-989-637-638-3

das pessoas são na essência boas, e interessa-me ler sobre pessoas que tentam ser boas. Ambiguidade moral é uma coisa, mas penso que muito do género está a optar por chocar e por dizer “aposto que não sabiam que o herói iria fazer isso”, e depois o herói acaba por o fazer. Quero que as minhas personagens – até mesmo os vilões – tenham uma centelha de heroísmo. Quero que sejam pessoas que possam ter feito as escolhas erradas, mas que são admiráveis de uma forma ou outra. É por isso que leio ficção e é por isso que escrevo ficção. Diria que não faço conscientemente parte do movimento “grimdark”. Embora aprecie que a fantasia seja grande o suficiente para abarcar diferentes estilos de escrita e reconheça que muitos desses escritores são excelentes, não é aquilo que quero fazer. Ainda quero escrever sobre heróis, mesmo que sejam heróis com falhas.

Uma das coisas que descreveu com grande cuidado na série *Nascida na Bruma* consiste no sistema de magia da *Alomância*, uma abordagem muito racional da magia baseada em metais. É também um conceito muito original – o que esteve na origem dessa ideia?

Quando comecei a escrever fantasia, sentia que uma das coisas que a fantasia podia fazer melhor, mas ainda não tinha desenvolvido mais, era inovar nos sistemas de magia. Alguns autores estavam a fazê-lo muito bem e eu sabia que queria fazer parte disso, dessa tentativa de pegar na magia e explorar novas direcções. Era algo que tinha muito presente na minha mente. Quanto à *Alomância* em si, disse para mim mesmo “quero brincar com ciência e magia”. Queria conjugar o lado científico e mágico em simultâneo. Gosto de encarar a magia nos meus livros como um novo ramo da Física que não existe no nosso mundo; isso é algo que acho muito interessante. A ideia que serviu de base para a *Alomância* era a ideia de um sistema de magia com uma base racional científica, como os vectores e o metabolismo, mas numa perspectiva mágica e com algum sentido de deslumbramento. É o que adoro fazer. É o que me excita sobre a magia. E é por isso que dou por mim sempre a tentar criar sistemas de magia diferentes baseados, em parte, na ciência.

Chegou a elaborar as três Leis de Sanderson sobre a criação de sistemas de magia. Como encara a magia na fantasia contemporânea? Acha que os autores de hoje estão a abordar a magia de uma forma lógica e séria ou apenas porque acham que fica bem?

Ambas as abordagens existem e são válidas. Gosto da forma como muitos abordam a magia de uma perspectiva científica, mas não precisa de ser baseada na ciência para ser racional. Podemos criar uma magia que nunca é explicada, mas que é consistente, e isso será tão bom quanto as magias que eu crio. Por vezes, podemos ter a descrição de uma magia incrivelmente inconsistente, mas ainda assim fascinante. Gosto do facto de o género estar a explorar todas estas direcções: um pouco e colocar as questões: Porque temos esta magia? O que é que está a acrescentar à história? E o que é que essa magia faz? Estas ideias são muito cativantes para mim e há muitos escritores a levar isso a sério. Fazermos este tipo de perguntas tornou-se a nova tendência da fantasia

Já era um fã da série A Roda do Tempo de Robert Jordan quando foi escolhido para escrever os últimos livros depois da sua morte. Quão desafiante foi pegar na série no ponto em que ele a deixou, considerando a magnitude da saga?

É uma excelente questão. Foi um dos maiores desafios da minha vida. É difícil exprimir muito daquilo que tinha que ser feito. Eu precisava de escrever os livros como se ele ainda estivesse presente, mas ao mesmo tempo introduzir a minha voz de forma equilibrada. O mais difícil foi lidar com as personagens. Manter-me a par de tantas personagens e escrevê-las de uma forma que lhes fizesse justiça foi a parte mais incrivelmente desafiante numa série tão popular e bem-sucedida. **BANG!**



MAKING OF

A HISTÓRIA DA CONCEPÇÃO DA CAPA DE O IMPÉRIO FINAL

A Saída de Emergência propôs-me continuar a nossa colaboração, convidando-me a ilustrar a capa do primeiro volume da saga Nascida na Bruma de Brandon Sanderson. Já tinha feito uma ilustração para a capa da revista Bang!, e outra para A Espada de Shannara, o primeiro romance da saga de Terry Brooks, publicado pela Saída de Emergência Brasil. Foi com grande entusiasmo que aceitei a proposta.



Ilustrar capas de romances tem sido um dos trabalhos que gosto mais de fazer, tanto pelo conteúdo das histórias que me têm chegado, como pela liberdade que me costumam dar, e especialmente porque, ao contrário do meu trabalho habitual de ilustração para a indústria de videojogos (que depende quase sempre de uma grande equipa e envolve muitas regras definidas pela direcção de arte), sinto maior proximidade a uma visão de autor e uma ligação mais pessoal com a “matéria prima”, ou seja, o texto.

Foi-me sugerida, pelo Luís Corte-Real, uma cena para representar: Vin, a protagonista, sobre a paisagem grandiosa de Luthadel ao luar, com a característica neblina a espalhar-se pela cidade.

Fiz a minha pesquisa no sentido de visualizar esse ambiente. Às referências visuais que me foram enviadas (capas de outras edições e ilustrações existentes online de personagens da história) juntei uma busca minha. Esta teve duas vertentes: o ambiente e paleta de cores e as referências de arquitectura. (figuras 1 e 2).

Para o ambiente, procurei principalmente *concept art* para títulos com



bons ambientes nocturnos, que utilizei como meta visual. Foi desde logo uma ajuda que algumas destas imagens retratassem já mundos fantásticos, sem relação directa – histórica ou geográfica – com a realidade.

Tentei uma abordagem desse género, ao retratar Luthadel. No entanto, para os pormenores da mescla arquitectónica procurei por referências fotográficas, desde catedrais góticas diversas, cúpulas londrinas, até aos telhados incríveis de Praga. Tudo o que me lembrei (dentro da arquitectura pré-industrial) que pudesse dar uma silhueta interessante ao topo da cidade.

Para realçar o aspecto épico e fantástico da imagem incluí, ao fundo do cenário, uma torre de proporções gigantescas, com um desenho quase de um arranha-céus moderno mas com detalhes góticos. Assim, penso que ficou anulada qualquer reminiscência que existisse de alguma cidade europeia.

O primeiro passo do trabalho propriamente dito passou pela elaboração de 3 esboços em tons de cinzento, com diferentes ideias de dinamismo e composição. Tentei ser o mais económico possível com estes, tendo utilizado uma foto para o céu, por exemplo, como truque para inserir detalhe rápido. Destas três, a SdE escolheu a opção B (fig. 3)

Era o esboço com menos dinamismo, apesar de a composição ser bastante dramática. Tentei que a imobilidade da personagem fosse compensada pelas linhas ondulantes dos retalhos da capa ao vento.

meu PC não é propriamente a máquina mais potente do momento. O esboço foi então colorido com uma paleta azul simples, definindo desde logo a gama de valores e a profundidade atmosférica do cenário. Seguidamente, ampliei a imagem para a sua resolução final, para poder começar a definir detalhes.

Visto que a personagem é o foco da ilustração, optei por desenhá-la em detalhe com linhas limpas (fig. 4). Fi-lo numa camada superior ao esboço, enquanto esforçava o meu muito reduzido conhecimento de design de moda fantástica tentando dar um aspecto minimamente interessan-

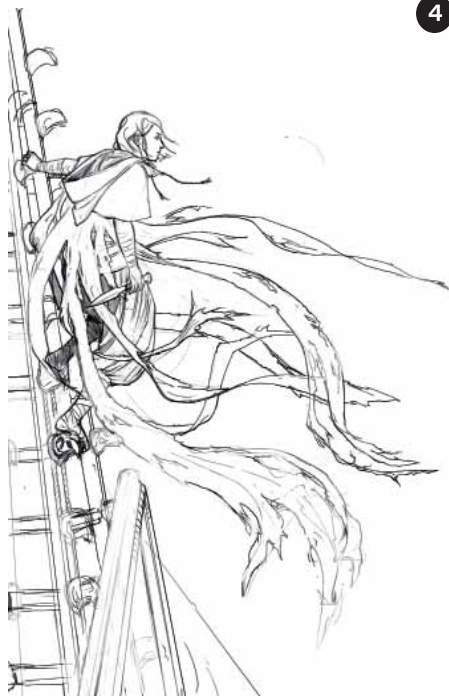


O software utilizado, que é aquele com que quase sempre trabalho, foi o Photoshop, versão CS6, com um conjunto de pincéis relativamente simples, alguns standard do programa, outros meus e outros reunidos de colecções partilhadas por outros artistas.

Tinha feito os esboços num tamanho muito mais pequeno que a ilustração final por dois motivos: para não correr o risco de me focar, nesta fase, em pormenor desnecessário, e para assegurar a fluidez ao trabalhar com as ferramentas do programa, visto que o

te e misterioso à ladra-heróica. A tarefa foi facilitada por a descrição da personagem já incluir o guarda-roupa, sendo que a capa retalhada em tiras era obrigatória e é o seu traço visual mais identificável.

Comecei também a detalhar mais um

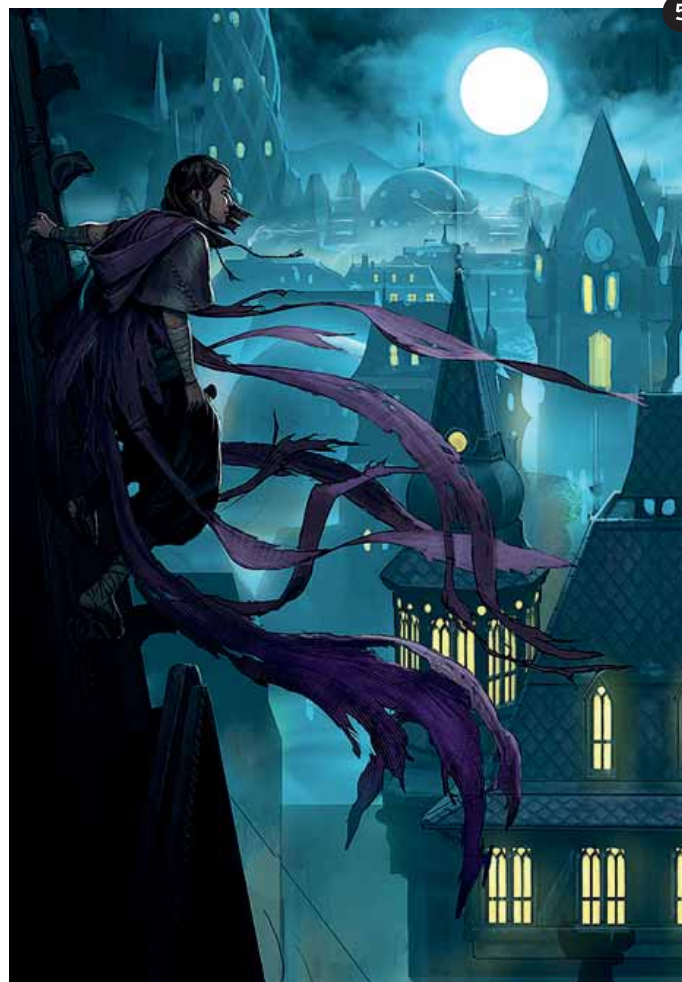


4 pouco o fundo, definindo melhor as características dos edifícios.

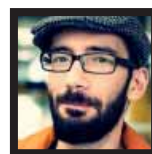
Na fase que se vê na imagem (fig. 5), as cores ainda algo lisas e linhas limpas começaram a incomodar-me um pouco, por me sugerirem um estilo mais *comic*, que não era o pretendido, principalmente porque me pediram expressamente para que a

ilustração não tivesse traços de *Young Adult*, pelo que procurei aproximar-me de um tipo de tratamento próprio do que é mais visto na fantasia clássica, de aspecto tradicional e com algumas pretensões realistas. Tratei assim de adicionar textura e pinceladas mais enérgicas e de cores mais variadas (fig. 6).

O resto dos passos consistiu na adição algo previsível de detalhe. Pintura de telhas, janelas, nuvens, multiplicação de edifícios, definição das propriedades dos materiais da roupa da personagem, e certificar-me de que esta sobressaía do fundo (algo que o contorno branco do luar ajudou a realçar), até chegar ao resultado final, que espero ser um compromisso suficientemente equilibrado entre fluidez e detalhe. Aspiro sempre a desenvolver mais a fluidez das pinceladas, e sinto que muitas vezes me perco na rigidez dos pormenores, mas o progresso vem com o tempo e obcecar com a perfeição só torna as coisas mais rígidas.



*Espero que a capa agrade aos leitores e sobressaia na prateleira! Pela minha parte, como fã de literatura fantástica, fico muito contente que a Saída de Emergência tenha dado uma oportunidade a este tipo de ilustração, que tende a ver-se menos hoje em dia, e ainda mais contente que eu tenha feito parte dessa decisão. Se tudo correr bem, esta colaboração continuará a repetir-se. **BANG!***



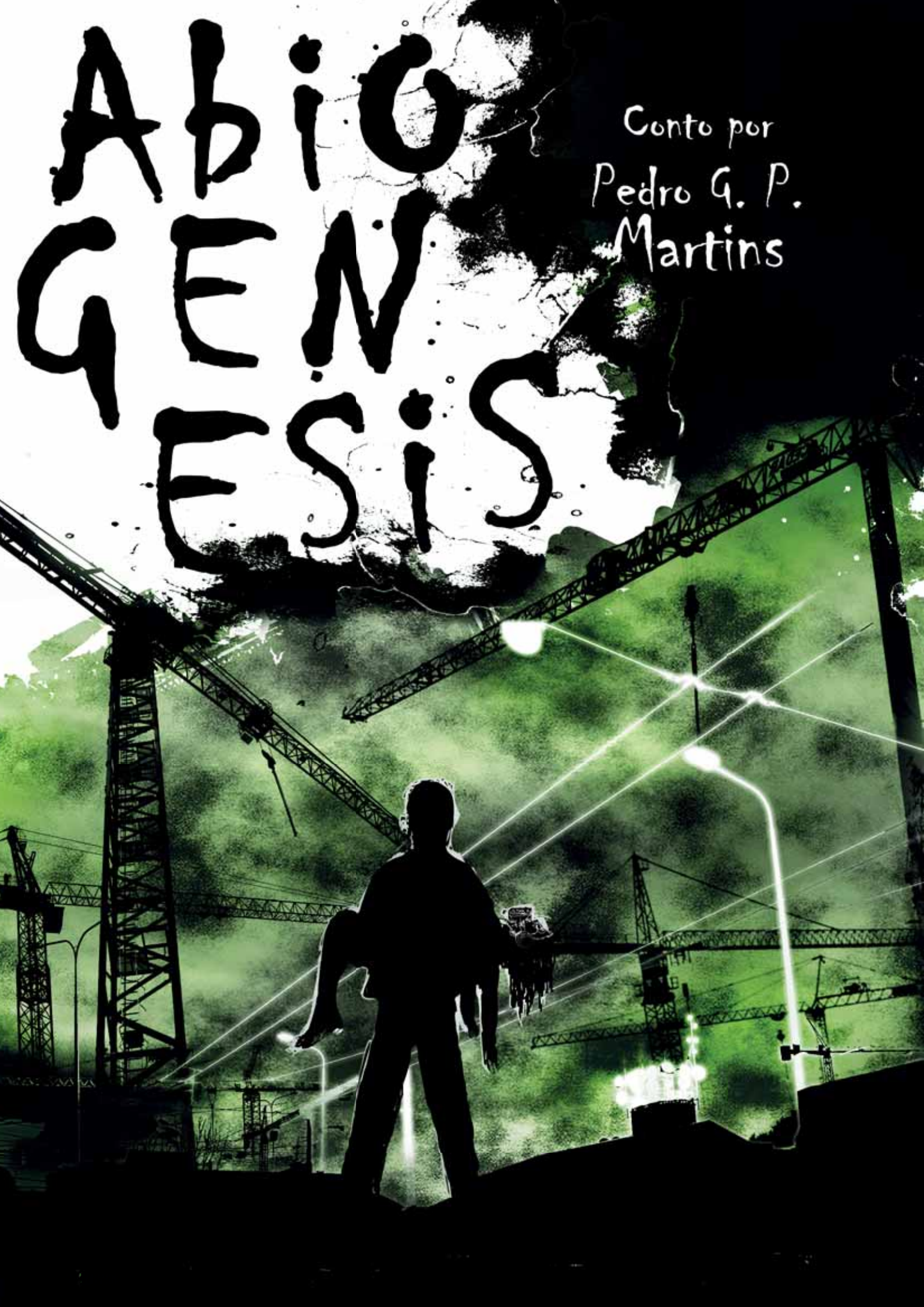
Luis Melo nasceu em Lisboa em 1981. Estudou Design de Comunicação na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, porém aprendeu ilustração digital paralelamente, como autodidata, online. Esta passou a ser o foco da sua carreira, ligada na maior parte à indústria dos videojogos, tendo trabalhado não só como freelancer em projectos para os mais diversos países, mas também como concept artist em vários estúdios, um deles em Xangai (Spicy Horse Games), onde viveu entre 2009 e 2010. Outros dos seus interesses incluem a escrita de ficção científica, instrumentos de percussão, e pratos picantes.

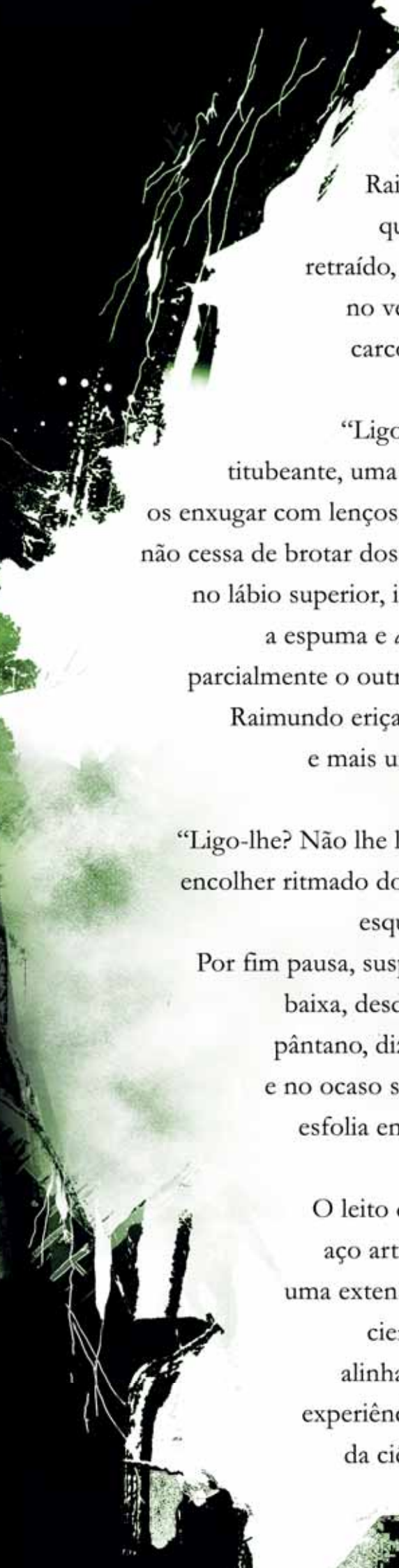


**GOSTOU DESTA
ARTIGO?**
DEIXE A SUA OPINIÃO EM
WWW.REVISTABANG.COM

Abiogenesis

Conto por
Pedro G. P.
Martins





Foi uma humidade espessa, a que veio
aglutinar-se nas mucosas de Lisboa.

Raimundo espreita-a pelo vidro fosco da marquise, com olhos que se empoleiram, aguçados, salientes, num rosto esquelético, retraído, por detrás do vidro. Um vidro, uma protecção, um escudo, no velho 5º andar do Restelo, edifício com as faces descascadas, carcomidas pelas manchas de fuligem. Melanomas oportunistas que se alastram. Alastram, alastram, alastram.

“Ligo-lhe? Não lhe ligo?”, pergunta-se Raimundo, com uma voz titubeante, uma prece compulsiva, que se solta dos lábios ásperos, de tanto os enxugar com lenços de papel de acto único. Vários actos únicos, porque o suor não cessa de brotar dos recantos da testa. Um suor turvo e lamacento, desaguando no lábio superior, irrepreensivelmente lavrado pela lâmina de barbear. Odores a espuma e *after shave* impregnam os receptores olfactivos, escamoteiam parcialmente o outro cheiro, que parece ter vindo para ficar. Mas as narinas de Raimundo eriçam-se, não se deixam enganar. Odor a ranço, cheiro a bafio, e mais um acto único. O lábio que se enxuga, a narina que se assoa.

Asfixiante e infecta, esta Lisboa.

“Ligo-lhe? Não lhe ligo?”, repete, engrenando a cadência das sílabas tónicas no encolher ritmado dos dedos dos pés. Pé esquerdo, pé direito. Esquerdo-direito, esquerdo-direito, “ligo-não-ligo, ligo-não-ligo, ligo-não-ligo...”.

Por fim pausa, suspira, de olhar posto lá fora. Está preso no apartamento, de baixa, desde que o bafo pútrido se instalou no ar. São as secreções do pântano, dizem, excrecências do Tejo, este flagelo no ar, que na aurora e no ocaso se condensam em gelatinosas cutículas, estas que Raimundo esfolia entre as pontas dos dedos. Memórias de um rio que há várias décadas não passa por aqui.

O leito de Lisboa é hoje palco de gigantes gruas com tentáculos de aço articulados, que dragam e sugam o caudal até ao tutano. Resta uma extensa planície, semeada de campos de ensaio para investigação científica. Inúmeros tanques de aquacultura, geometricamente alinhados, e carreiros de estufas a perder-se de vista. Incessantes experiências decorrem desde as últimas décadas, em busca do Graal da ciência. Controlar o ‘princípio activo’ da geração espontânea.

Raimundo afunila o olhar pelo infinito dos campos e ao longo da ponte rosada, ferruginosa, que liga Lisboa à outra margem. Tenta não pensar. “Ligo-não-ligo”. Não, melhor não pensar. Mas o Tejo emerge do Hades, sobre a maquinaria e parafernália de aço, com aquele bafo húmido e pestilento, especialmente carregado nos dois últimos dias, assim sentem os pulmões de Raimundo, traumatizados pelos episódios de asma na infância. E dá por si a hiperventilar, a sentir, nas palmas das mãos, o afloramento de uma sudação profusa. “Isso são coisas da tua cabeça” dir-lhe-ia o seu irmão mais novo. “São as tuas paranoias, mais um ataque de pânico”. Raimundo sabe que sim, acredita nestas palavras, mas o corpo trai-o logo de manhã, a resposta vagal sobrepõe-se à razão. Vira costas à marquise e percorre, com rapidez trôpega, pelo corredor estreito da cozinha. Pé esquerdo, pé direito, esquerdo-direito, esquerdo-direito, na direcção do *Dürer*, o imponente Metafrigorífico de bronze, que ocupa a parede do fundo. Raimundo leva as mãos ao volante de escotilha já com a força a evadir-se dos braços. Roda o volante, e destranca os vários trincos que serpeiam a reticulata couraça, de robustez paquidérmica. Um som cavo antecede o vapor baço que se expele com o entreabrir da porta. Um vapor frio, que Raimundo recebe no rosto com gratidão. Uma frescura que o reanima. As mãos tornam a secar, o rosto enrubesce-se, braços recuperam o viço. A respiração sófrega atenua-se e Raimundo semicerra os olhos, inspira fundo, embora não totalmente sereno. Sabe que, quando os reabrir, encontrará diante de si, numa prateleira metálica do Metafrigorífico, no cimo do lado direito, acondicionado a um canto, o mostrengo. Ainda ali estará, dentro do *tupperware* quadrangular de vidro. Há semanas que repousa naquele nicho, hermeticamente fechado. Quietos, silenciosos, ameaçador. Um mostrengo azul-esverdeado, ou verde-azulado, conforme a perspectiva. Um ser informe, esponjiforme, fibroso. Um bolor que começou por ser um arroz de marisco, mas que o “princípio activo” devagar tomou conta, transformando-o naquela criatura. Raimundo repete a si mesmo, sempre, a mesma desculpa. Que não o deitou fora a tempo, que as hifas do mostrengo surgiram de um dia para o outro, que agora já é tarde demais. Jamais conseguirá pegar-lhe e muito menos abrir a tampa plástica do recipiente. Tampa que vai cada vez mais se abaulando. Gás metano e dióxido de carbono não

cessam de ser excretados pelo monstro, que se multiplica e preenche toda a superfície do vidro, pronto a rebentar com a derradeira protecção que o limita.

“6°C”, indica o termómetro do mostrador, no lado interior da porta. “Não é suficiente para o debelar”, pensa Raimundo, “preciso de baixar mais a temperatura”. Olha para os ponteiros do manómetro. Os níveis de amónia e de hidrogénio estão bem, mas os valores de pressão do condensador encontram-se abaixo do normal. “Preciso, portanto, de mais calor”, conclui Raimundo. Paradoxo dos tempos, mais calor para baixar a temperatura. E só há uma forma de o fazer. Retira de uma gaveta uma carbo-lâmina, espátula de aço perfurada, com micro-pastilhas de querosene hiperactivo, e um cabo de borracha com um botãozinho verde na ponta. Encaminha-se para a área comum do 5º andar, um espaço apertado, dominado pela caixa do elevador, sob a luz crepitante de uma lamparina. Está agarrada à parede rugosa do átrio, mal iluminando o soalho oleoso, que Raimundo calorreia em bicos de pés, de respiração sustida, contra a atmosfera plúmbea, carregada de petro-combustível. Debaxo da lamparina está o gerador, uma salamandra de estanho encastrado na parede. Abre-lhe a tampa rebordada, revelando o quadro com as ranhuras onde se inserem as carbo-lâminas. A de Raimundo já pisca no amarelo, como, de resto, quase todas as outras, excepto a do 5ºE, que há dois dias se encontra no vermelho. Raimundo franze o sobrolho, mas lá substitui a sua carbo-lâmina, que passa a emitir uma luz verde reluzente. Ao fechar-se

“Mas o Tejo emerge do Hades, sobre a maquinaria e parafernália de aço, com aquele bafo húmido e pestilento, especialmente carregado nos dois últimos dias, assim sentem os pulmões de Raimundo...”

novamente em casa, contorna com as pontas dos dedos o circuito de tubagens subcutâneas que ramificam ao longo das paredes do apartamento. Estaca diante da grelha desumificadora do escritório. O ar parece-lhe, agora, mais fresco e seco. Graças ao *Dürer*, a fonte fria de onde radia o sistema de tubagens. Ou graças ao efeito de sugestão, considerando que Raimundo nem confirmou o termómetro do *Dürer*, prefere não tirar a limpo. Melhor ficar com a sugestão, enquanto escorrega no couro áspero do cadeirão do escritório, frente à secretária colonial de ébano, ocupada pelo cilindro metalizado e manivela do telegraphone.

“Ligo-lhe? Não lhe ligo?” ocorre-lhe de novo à mente. “Merda”, solta, com um suspiro, perante a inevitabilidade do que vai fazer. Tão certo como já sente os dedos ocultos, demenciais, da lascívia, a trepar-lhe as entranhas. De uma forma retorcida, o nojo e o pavor pela monstruosa fungosidade culmina-se-lhe num trau a líbido na boca. Sabor que faz por colmatar, servindo-se de um cálice de absinto, sintonizando a telefonia, onde há dois dias se comentam os estilhaços do meteoro que veio colidir com a Europa. “Felizmente somos uma colónia africana, não fazemos parte da Europa” irrompe uma voz roufenha da amálgama de sons distorcidos e fogo cruzado de interferências. Raimundo ouve, mas não ouve. Bebe o álcool, mas não o bebe. O telegraphone incita-o. A líbido destaca-se do corpo, como a pele de um fantasma. E a agulha roda para a frequência secreta, a manivela começa a girar sozinha, rolando o cilindro e fios de alumínio que o envolvem, conectados ao bocal do auscultador, que perscruta Raimundo com o olhar hipnotizante de uma cobra. Pouco depois, tocam-lhe à porta.

Uma porta que hesita, até se abrir devagar, rangendo, com pesar, as dobradiças. Sob a luz da lamparina do *hall*, brilham uns olhos grandes, negros, rasgados, espreitando pelas espirais de cabelo que contornam as feições do rosto. Um rosto onde uns lábios carnudos esboçam um sorriso sardónico, em forma de quarto decrescente. Diante dela não está, propriamente, o cliente mais charmoso do mundo afro-ariano, com aquela máscara cirúrgica de linho a cobrir nariz e boca, luvas de borracha e um olhar sisudo, mas siderado, a percorrer-lhe as sinuosas curvas do corpete grená. Um corpete de cabedal, assente nos folhos negros da minissaia, com cinta de ligas enganchando nas meias de rede, que enformam umas pernas torneadas, longilíneas, enfiadas

numas botas de salto alto. Ela estende-lhe, graciosamente, a mão fina, ornada de um punho de renda, tatuada com uma cornucópia branca que serpenteia o pulso até ao nó do polegar, realçando o tom castanho da pele sedosa, bonita, perfumada.

“Olá, eu sou a Alcídia”.

“Raimundo”, responde ele, com atraso, e baixa a máscara, retira uma luva e as mãos tocam-se. Pele na pele. Embarracado, mas sorridente, Raimundo confia. Apercebe-se que é o primeiro diálogo que entabula, este dia.

“Fui usada, muitos anos, em serviços de autopsicanálise”, avisa-o Alcídia, “tenho os circuitos mecano-neurais programados para sintonizar o subconsciente do cliente. Já fui reformatada mas, sabe como é, ficam sempre resquícios”, conclui, de olhos postos no rosto intrigado de Raimundo, e remata ainda: “espero que não haja problema, ou então pode chamar outra *masseuse*”.

Mas Raimundo diz que não, não há problema e, pouco depois, estão os dois no quarto. Numa borda da cama, ela pede-lhe auxílio para desapertar o corpete. Os dedos de Raimundo percorrem a feira de cordões e fivelas. Ao descobrir-lhe o ombro esquerdo, repara que ela tem, desenhada na omoplata, outra tatuagem branca. Pétalas de uma flor, que se perpetuam num caule folhoso e recurvado à medida que o corpete vai sendo despido até à base das costas. Umhas costas bem torneadas, com uma elegante linha de vértebras.

“É uma açucena” responde Alcídia, à pergunta que Raimundo não chegou a formular. “Mas dispa-se também, e vire-se de barriga para baixo”, diz-lhe num tom seco, adejando os volumosos seios desnudados, ao debruçar-se sobre a cinta de ligas, que desafivela com um gesto treinado. Raimundo obedece-lhe e encontra-se nu, deitado de costas para

cima, ouvindo sons de preparativos. As mãos a envolvem,

verem-se em óleos e o apetecível corpo de Alcídia a aproximar-se, insinuante, sobre o seu corpo. Mas Raimundo é traído pela gota de suor que volta a formar-se na testa. Sente, novamente, o bafo nauseabundo. O olhar dirige-se para a grelha desumificadora do quarto, lembra-se do monstro do frigorífico. A respiração torna-se ofegante.

“Sossegue” soa a voz de Alcídia, agora mais doce, enquanto poisa as mãos aveludadas nas costas de Raimundo, começando a massajá-lo com suavidade. “E relaxe, vai sentir-se bem”.

Alcídia desliza sobre Raimundo. Ele sente-lhe o macio do interior das coxas, que vêm-se-lhe enlaçar na cintura. O coração palpita, esquece-se, por momentos, da dificuldade em respirar que agudizou nos últimos dias. As mãos de Alcídia palmilham-lhe as costas e o corpo sinuoso da *masseuse* acompanha os movimentos dos braços, roçando os mamilos túrgidos na pele excitada de Raimundo. Os dedos de feiticeira crescem para a secção dos ombros, descongestionam-lhe os nódulos doridos da nuca.

“Pode virar-se”, diz-lhe, por fim. Raimundo torna a obedecer, mas ao voltar-se encontra-a de olhos postos no fundo do quarto, maravilhada. Por cima da cómoda, atrás de um rinoceronte talhado em pau preto, e ao lado da estatueta de uma girafa está, pendurada na parede, uma peça magnífica. É uma máscara de gás, com peças de marfim incrustadas numa matriz de couro, tachas douradas ao longo das costuras, respirador de bronze e discos oculares bordados em ouro.

“Foi o meu avô que trouxe da metrópole. Há muitos anos. Quando a metrópole era ainda uma colónia. Só existem duas como esta”.

“E onde está a outra?” pergunta Alcídia, sem tirar os olhos da máscara.

“Tem o meu irmão” responde Raimundo, com uma voz grave, melancólica. Alcídia detecta-lhe o tom, mas retoma a tarefa, encaixando-se

nele, massajando-lhe o peito. Olhos nos olhos, cliente e massagista. Um brilho nos olhos de Alcídia reflecte Raimundo por inteiro.

“O meu irmão...”, retoma ele, “há dois anos que não o vejo. Ele tem uma filha com dois anos, que eu nunca vi”.

“Porquê?”, pergunta Alcídia.

“Porque eu não consigo sair da minha casa. Tenho esta doença, esta fobia. Perdi até... o meu emprego”.

“E onde é que trabalhava?”, indaga-o a *masseuse*, num tom casual, sem abrandar a massagem.

“Nos campos de ensaio. Fazia experiências manipulativas com o princípio activo, tentando criar peixes por geração espontânea. Corvina, Perca-sol, enfim... hoje sou apenas um teórico, fechado nesta prisão”.

“E porque é que o seu irmão não o vem visitar?”

“Ele vive na outra margem. Recusa-se a atravessar a ponte, acho que de propósito. Para me penalizar”, responde Raimundo. Alcídia detecta-lhe um sofrimento contido no tom de voz.

“Porquê penalizá-lo? Por você ser... *assim*?” , pergunta ela.

“Ele perdeu um braço, nas guerras afro-arianas. Guerras que eu, por *ser assim*, não fui combater. Ele foi no meu lugar”.

Alcídia não diz nada, continua a massajá-lo. Até que os dedos suaves, nas clavículas, se transfiguram em lábios. Lábios que descem pelo peito, até à barriga, bordejando a zona pélvica.



Raimundo sente-lhe a língua, a enroscar-se na zona do umbigo. Soluça, na antevisão do prazer, mas Alcídia sustém o movimento, faz uma pausa e levanta a cabeça para ele.

“Se deseja mesmo mudar algo, experimamente começar pelas pequenas coisas”, diz-lhe, com um olhar assertivo, intenso.

“Tens razão”, pensa Raimundo, lembrando-se do monstro no frigorífico. Exemplo de uma pequena coisa, limpar o *tupperware*. Fácil dizer, difícil fazer. A breve introspecção é quebrada por um chiado metálico, seguido de uma interjeição dorida de Alcídia, que cai de lado na cama.

“O que foi?” pergunta Raimundo num sobressalto.

“Acho que me avariei, não consigo mexer as pernas. Ajude-me, por favor, Raimundo”.

Ele percebe que Alcídia fala verdade, ao abrir-lhe a caixa de circuitos pelo fino sulco, disfarçado ao longo da açucena. No sistema de rodas dentadas, alguns troços, cobertos de ferrugem, movem-se descompassadamente, aos solavancos. Nada a fazer, muito menos àquela hora, “só um mecânico da margem sul, amanhã, é capaz de te consertar isto”, diz Raimundo, deitando-se ao lado de Alcídia.

“Desculpe, arruinei-lhe o *happy ending*”, profere a massagista num tom sério, mas com um sorriso irónico a crescer-lhe na boca. Sorriso que Raimundo capta, num olhar cúmplice que eles trocam. Sorriso que se contagia e desenvolve numa gargalhada, seguida de amena conversação pela noite dentro, até Alcídia adormecer. Raimundo vagueia pela casa, mas acaba por voltar, aninhando-se nela. Leite e chocolate, envolvendo-se com estranha intimidade, como se há muito se conhecessem. E Raimundo adormece também.

Uma tosse convulsiva trouxe-o de volta. Pareceu acordar de um delírio febril, com a cama ensopada num fluido viscoso, pulmões obstruídos, olhos a arder, um travo a ácido na boca. É já de manhã e Raimundo percebe que algo está mal. Ao pôr um pé fora da cama escorrega num tapete esponjoso, esverdeado, que recobre o soalho. Corre, com um olhar esgazeadado, para a janela. Lá fora, toda a rua, edifícios e viaturas, cobertos pela massa informe esverdeada, e uma nuvem de esporos esvoaçantes, como flocos de neve, turvando a visibilidade do horizonte acima do Tejo.

Acorda Alcídia, também ela com uma tosse de cão, aspergindo uma nu-

vem de esporos pela boca. Algo em Raimundo sabe do que se trata. Num gesto urgente agarra na máscara da cómoda e pega em Alcídia ao ombro. No átrio, grita por ajuda aos vizinhos, mas ninguém responde. Verifica a salamandra. Todas as carbo-lâminas, excepto a dele, estão no vermelho. Ou estão todos mortos, ou já todos zarparam.

“Confias em mim?” Pergunta a Alcídia, e ela faz-lhe que sim, com a cabeça zozna.

Raimundo reúne, então, todas as suas forças. Não é tempo de paranóias, de suores frios, de reacções vagais. É tempo de fugir, de sobreviver, e assim corre Raimundo, pelas ruas desertas de Lisboa, cruzando a Calçada da Ajuda, a carregar uma Alcídia torpe às cavalitas. “Onde se meteu toda a gente? O que é que me escapou?”, pergunta-se um Raimundo que controla o pânico, correndo, quase sem pensar, na direcção da ponte ferrugenta, na direcção da outra margem. “Um-dois-um-dois”, “esquerdo-direito-esquerdo-direito”, assim vai, tartamudeando, freneticamente, contra a tempestade de esporos que se infiltram em todos os orifícios. Já Alcídia vai alternando a máscara de gás, ora colocando-a nele, ora colocando-a nela, numa luta ingloria e desigual contra o bolor que se abateu sobre a cidade.

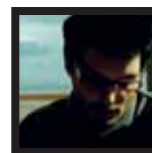
Raimundo não resiste. Conseguem chegar a meio da ponte, quando ele colapsa, com as mucosas recobertas de fungosidades, e o branco dos olhos, atacados de verdete, fixos, sem vida. Alcídia vê-se então sozinha. Mesmo com a protecção da máscara, sente que não lhe resta muito tempo. Arrasta-se, com força de braços, para a beira da ponte. Com os olhos marejados de lágrimas, decide antecipar o destino que a espera. Lá em baixo, o lugar pantanoso, que foi outrora o Tejo, não é mais que um manto esponjiforme, um abismo azul-esverdeado. Alcídia empoleira-se e lança-se para o abismo, quando um braço a segura. Um braço de ferro, articulado, com dedos mecânicos, que a puxa para cima.

“Onde é que ele está?” pergunta-lhe, com urgência, o homem que a segura. Ele enverga também uma máscara anti-gás, uma máscara igual à sua.

“O Raimundo morreu”, responde-lhe Alcídia. O homem baixa a cabeça, com pesar. Um mundo, maior do que este, parece desabar-lhe nos ombros. Os mesmos ombros que acabam a carregar Alcídia o resto do caminho, para a margem sul de Lisboa. Durante

o percurso, Alcídia deixa escapar uma lágrima, que não sabe se é sua ou se é líquido dos circuitos mecano-neurais. “Também te amo”, murmuram os lábios da *masseuse*.

Dois meses depois, a fungosidade acabou por ser debelada de Lisboa. Uma brigada anti-fúngica visitou o epicentro da ocorrência, na zona do Restelo. Luís acompanhou-os, aproveitando para visitar o apartamento do seu irmão Raimundo. Passeou pela casa, impregnada de cheiros de família, cheiros de Luanda. Recolheu memórias, algumas em fotografias antigas, outras em pequenas estatuetas de madeira, perfiladas na estante do escritório. Na cozinha, viu-se frente a frente com o *Dürer*. Dirigiu-se a ele e abriu-o para o limpar, mas pouco havia dentro no metafrigorífico. Percorreu, com o olhar, a prateleira de cima, até ao canto superior direito. Um canto onde, reparou, não havia nada. Estava vazio. **BANG!**



Pedro G. P. Martins nasceu em Lisboa, cresceu no Alentejo, e não sabe onde vai morrer. É biólogo, escritor e argumentista, tem uma queda pela ficção científica e muito má orientação espacial. “Quem semeia no Tejo” foi o seu primeiro conto a ser publicado, no livro “Lisboa no ano 2000 - uma antologia assombrosa sobre uma cidade que nunca existiu”. Este ano publicou também o livro “Paragem de autocarro”, bem como o conto “Arrábida 8”, pronto a sair em mais uma antologia.

PRÊMIO BANG!

SÓ PARA LIVROS FANTÁSTICOS



2014

*O EDITOR DA SAÍDA DE EMERGÊNCIA
E MEMBRO DO JÚRI DO PRÊMIO BANG!,
LUÍS CORTE REAL, RESPONDE A ALGUMAS
QUESTÕES SOBRE O PRÊMIO BANG!*

Como surgiu a ideia do Prêmio Bang?

Surgiu da paixão que a Saída de Emergência tem pela literatura fantástica. Em Portugal são já dez anos de dedicação a este género. Mas não queremos apenas apostar em clássicos ou grandes nomes internacionais. Queremos dar a conhecer novos autores. Como sabemos que há muitos leitores que querem transformar-se em autores, esta foi a nossa forma de abrir as portas a todos os talentos por descobrir.

Mais de dois meses após o anúncio do prêmio, qual o balanço que fazem?

O balanço é muito positivo! Até à data recebemos mais de 200 submissões, embora algumas tenham sido desclassificadas por não cumprir um ou outro requisito do regulamento. Quando se aproximar o final do prazo, o volume de submissões deverá crescer substancialmente. Tem havido muito entusiasmo nas redes sociais e blogs em torno do prêmio e as visitas ao site Bang! duplicaram desde o anúncio de apresentação do prêmio.

A leitura das submissões tem estado a surpreender?

Como é natural, tem havido um pouco de tudo. Encontrámos alguns romances promissores, mas acreditamos que ainda va-

mos ter muitas surpresas fortes nos próximos meses. O género fantástico tem vindo a crescer imenso nos últimos anos e despertou a imaginação de dezenas de criadores.

Qual o subgénero que mais tem recebido submissões até agora?

Definitivamente, a fantasia. Recebemos vários manuscritos de ficção científica ou horror, mas a fantasia é o subgénero incontestável das submissões.

Têm recebido mais submissões de Portugal ou Brasil?

Por ser um país de dimensão e população muito superior a Portugal, naturalmente recebemos mais submissões do Brasil. Os portugueses estão a submeter também, mas acreditamos que estes submeterão em maior número quando se aproximar o final do prazo.

Quais algumas das perguntas mais frequentes que os participantes têm feito?

Se não contabilizarmos as questões de foro técnico, temos recebido mais perguntas sobre o tipo de histórias que pretendemos ou perguntas relacionadas com os direitos do autor em caso de adaptação cinematográfica ou televisiva.

Esta última questão prende-se a uma interpretação errada que alguns leitores fizeram do regulamento ao julgar que, em caso de adaptação, o autor não teria direito a lucros. Ele terá direito, sim. Tomara que o vencedor do prémio Bang! possa um dia ter uma adaptação em curso.

Que dicas poderão dar aos participantes?

Os participantes devem investir na leitura regular dos livros que já foram publicados nesta área, aprender com os melhores autores do género, trabalhar todos os dias no aperfeiçoamento da escrita e devem ser exigentes consigo próprios e não aceitar logo tudo o que escrevem à

primeira tentativa. Antes de submeterem o manuscrito no formulário de inscrições do site, aconselhamos todos os participantes a ler o regulamento do princípio ao fim para garantir que a vossa inscrição cumpre todos os critérios.

Vão continuar com o Prémio Bang! nos próximos anos?

O prémio só faz sentido se for para ter continuidade, ganhar respeitabilidade, dar a conhecer novas vozes. Queremos que ganhar um Prémio Bang! seja sinónimo de uma carreira garantida no género. E para isso será preciso tempo e muito trabalho. **BANG!**

O Prémio Bang! tem por objetivo encontrar o George R. R. Martin, a J. K. Rowling, o Isaac Asimov ou o Stephen King da língua portuguesa. Ou seja, destina-se a galardoar um romance inédito de literatura fantástica (fantasia, ficção científica, história alternativa, horror, realismo mágico, etc.) escrito em português e que

não tenha sido premiado em nenhum outro concurso.

A obra premiada será publicada em Portugal e no Brasil

pela editora Saída de Emergência durante o ano de 2015 e o autor receberá um prémio de 3.000€ (três mil euros) aquando da cerimónia de atribuição do prémio;

Para mais informações, consulte o regulamento em

WWW.REVISTABANG.COM

JÚRI DO PRÉMIO BANG! 2014



AFONSO CRUZ

Nasceu em 1971, na Figueira da Foz, Portugal, e estudou nas Belas Artes de Lisboa, no Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira e na António Arroio.

É escritor, músico, cineasta e ilustrador.

Escreveu os livros *A Carne de Deus* (Bertrand), *Enciclopédia da Estória Universal* (Quetzal - Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco 2010), *Os Livros Que Devoraram o Meu Pai* (Caminho - Prémio Literário Maria Rosa Colaço 2009), *A Contradição Humana* (Caminho - Prémio Autores 2011 SPA/RTP; escolha White Ravens 2011; Menção Especial do Prémio Nacional de Ilustração 2011, Lista de Honra do IBBY - International Board on Books for Young People, Prémio Ler/Booktailors - Melhor Ilustração Original), *A Boneca de Kokoschka* (Quetzal - Prémio da União Europeia para a Literatura), *O Pintor Debaixo do Lava-Loiças* (Caminho), *Enciclopédia da Estória Universal - Recolha de Alexandria* (Alfaguara), *Jesus Cristo Bebia Cerveja* (Alfaguara - Prémio Time Out Melhor Livro do Ano 2012), *Enciclopédia da Estória Universal - Arquivos de Dresden* (Alfaguara), *O Livro do Ano* (Alfaguara), *O Cultivo de Flores de Plástico* (Alfaguara), *Assim, Mas Sem Ser Assim* (Caminho) e *Para Onde Vão os Guarda-Chuvas* (Alfaguara). Ilustrou, desde 2007, cerca de trinta livros para crianças, trabalhando com autores como José Jorge Letria, António Torrado, Alice Vieira. É membro da banda The Soaked Lamb.



FÁBIO YABU

Nasceu em 1979, em Santos (SP), Brasil. Suas histórias já fazem parte da vida de duas gerações. Aos 17 anos, criou uma das primeiras histórias em quadrinhos para a Internet no mundo: *Combo Rangers*. Em 2004, lançou *Princesas do Mar*, livro que ele mesmo transformou em desenho animado, hoje exibido em mais de 100 países. É também autor de outros livros infantis premiados, como *Raimundo*, *Cidadão do Mundo* e *Apolinário, o Homem-Dicionário*.

Na literatura juvenil, publicou a graphic novel *Independência ou Mortos* e transformou a vida da Princesa Isabel num conto de fadas em *A Última Princesa*. Em 2013, reinventou os contos de fada clássicos em *Branca dos mortos e os sete zumbis*.



LUÍS CORTE REAL

Nasceu em Lisboa em 1973. Foi criativo publicitário durante 10 anos até que um longo amor aos livros o levou a criar, com o irmão, a Saída de Emergência, uma editora vocacionada para a literatura fantástica. Concebeu a coleção Bang!, a revista Bang! e o prémio Bang!

A sua paixão pelo fantástico começou nos anos 80 com os comics da editora Abril. Tem saudades das animadas sessões de *Dungeons & Dragons* e *Call of Cthulhu*, coleciona *action figures* e continua a preencher todos os requisitos para se considerar orgulhosamente um nerd.

Quando não está a organizar o catálogo da editora para o mercado português e brasileiro é porque está a fazer alguma coisa urgente (como escrever um texto sobre si próprio na terceira pessoa).



SAFAA DIB

Safaa Dib manifestou sempre, desde muito nova, uma paixão por livros que a levou a optar por uma licenciatura na Faculdade de Letras de Lisboa. Após dar os primeiros passos no mundo editorial na área da tradução e revisão, foi só em 2008 que se dedicou a tempo inteiro à edição ao ingressar na editora Saída de Emergência onde se mantém como coordenadora editorial. Desde 2010, é editora da revista Bang! em Portugal e, desde 2013, da revista Bang! no Brasil. É também responsável de conteúdos na plataforma digital da revista Bang!. Vive em Lisboa, onde faz parte da organização da convenção anual do Fórum Fantástico.



ANTÓNIO VILAÇA PACHECO

Nasceu bem no centro de Lisboa há 36 anos. Era ainda pequeno quando abriu um velho atlas do mundo que lhe lançou um encantamento e o quebrou em mil pedaços que se espalharam pelos quatro cantos do mundo. Hoje, procura viajar pelos continentes, e a cada viagem é mais um pedacinho seu que descobre, e recolhe. Cada país é uma parte de próprio. Tirou a Licenciatura em Gestão de Empresas, se especializou em Auditoria, e trabalhou na seguradora Allianz. Faz 10 anos que criou a Saída de Emergência com o irmão e desde então a sua vida são os livros. Hoje, cada livro é também uma viagem.



THAÍS PAIVA

Cria do curso de Produção Editorial da UFRJ, Thaís Paiva integra a equipe de aquisições da editora Sextante/Arqueiro desde 2010, é leitora contumaz desde criancinha e nerd desde o berço. Fã incorrigível de literatura fantástica e ficção científica, acredita com todas as forças que o mundo vai acabar em um apocalipse zumbi – e já tem uma katana separada especialmente para a ocasião.



«Home. Home was BAMA, the Sprawl, the Boston-Atlanta Metropolitan Axis. Program a map to display frequency of data exchange, every thousand megabytes a single pixel on a very large screen. Manhattan and Atlanta burn solid white. Then they start to pulse, the rate of traffic threatening to overload your simulation. Your map is about to go nova. Cool it down. Up your scale. Each pixel a million megabytes. At a hundred million megabytes per second, you begin to make out certain blocks in midtown Manhattan, outlines of hundred-year-old industrial parks ringing the old core of Atlanta...»

William Gibson in *Neuromancer* (1984)

Há anos que, na FC, as cidades vêm extravasando os seus actuais e reais limites. As cidades já não são só cidades, são

conjuntos de cidades, são cidades em quantidade e, tanto na Costa Este como na Costa Oeste dos EUA, o território humanizado vem sendo composto por imensas e enormes partes numa espécie de constelação de núcleos urbanos outrora autónomos.

Mega City One (1977)¹ por exemplo, a cidade que dá lugar à colecção de banda desenhada (bd) *Judge Dredd*, escrita por John Wagner e desenhada por Carlos Ezquerro, projecta uma urbe para o ano de 2099 como um território sem fim nem fronteiras. Sobrepopoada, aquela megalópole não é propriamente uma cidade canónica com dimensões definidas mas sim um território urbano que se espalha ao longo de toda a Costa Este albergando cerca de 800 milhões de habitantes. Estamos, então, perante a mesma conurbação descrita por William Gibson, em *Burning Chrome* (1982), um espaço posteriormente reforçado na designada *Trilogia Sprawl*, constituída pelos volumes *Neuromancer* (1984), *Count Zero* (1986) e *Mona Lisa Overdrive* (1988).² Aprofundando, contudo, este *continuum* urbano que se estende em quase toda a faixa litoral de Boston a Miami poderá ainda ser possível reconhecer a cidade e o fundo narrativo de outra colecção de bd, mais recente, chamada *Transmetropolitan* (1999-2005). Neste caso e ao longo de 10 volumes, os autores Warren Ellis e Darick Robertson desenvolvem, para a genérica *City*, um regresso a um cenário punk, subversivo e congestionado por humanos e estranhas criaturas numa paisagem urbana interminável, entre Boston e Washington.³

Nova Iorque (NYC)

Ilustração *New York City in 1999* (1900) de Louis Biedermann lança, logo no início do Século XX, uma hipótese de reconhecimento da cidade situada algures entre uma realidade expectável e uma ficção que ainda não se concretizou. Pelo menos, as aeronaves tão inevitáveis nos imaginários do final do Oitocentos ainda não existem. No entanto, entre realidade e ficção, emerge uma certa indistinção. *Finis* (1906), por vezes titulado de *The Last Dawn*, de Frank L. Pollack, troca a vista com a imagem de Biedermann. Se *New York City in 1999* se trata de uma representação da cidade quando vista do céu, em plano picado, *Finis* é um conto em plano contra-picado, onde as personagens olham o céu de um observatório.

Passados alguns anos, por época da maior pu-

jança construtiva da cidade, entre as décadas de 1920 e 1930, seguem-se ensaios gráficos e projectuais a definir uma nova arquitectura nova-iorquina. Essencialmente são encomendas municipais. Estudos como a *Zoning Resolution* (1916-1922), de Hugh Ferriss, mais tarde publicados em *The Metropolis of Tomorrow* (1929), reflectem neste ponto algumas das preocupações relacionadas com o crescimento e uma certa insustentabilidade corrente. O próprio filme *Just Imagine* (1930), de David Butler, apropria esta ideia para projectar a cidade a meio século de distância, colocando-a num futuro optimista na década de 1980. Com semelhanças com o épico *Proposal for Manhattan* (1929), de Raymond Wood, a cenografia do filme, da autoria de Stephen Gooson e Ralph Hammeras, terá sido constituída por uma maquete com arranha-céus de 200 pisos e com uma área aproximada de 76 por 27 metros. É também este o tempo onde as soluções de construção assentes em materiais e tecnologias industriais se tornam cada vez mais sinónimas de progresso. O nunca construído *First All Glass Building* (c. 1930), desenhado por Frank Lloyd Wright, projecta-se como uma torre de vidro e reflexos em oposição a volumes pesados de pedra como o *Equitable Building* (1915). Ainda assim e no lado do real, entre guerras, a arquitectura parece ganhar um certo fôlego e, porque não, razoável mediatismo. A exposição *Modern Architecture* (1932), organizada por Philip Johnson e Henry-Russell Hitchcock para o Museum of Modern Art (MoMA), em NYC, terá sido o acontecimento a partir do qual se veio a nomear o estilo modernista aburguesado e globalizado, o designado *International Style*.

Em 1939, e num formato mais festivo, a cidade acolhe um evento que ficaria nos cadernos de história mas também nos de futuro: NYC serve então de palco às experiências e delírios arquitectónicos de uma *World Fair*. Na base da Exposição Universal está o tema “The World of Tomorrow” e a vontade em prever as cidades Norte-Americanas para o ano de 1960. A *General Motors*, por exemplo, ensaia com imediato sucesso o *Futurama Pavillion*, desenhado por Norman Bel Geddes, com rasgos de auto-estradas e níveis urbanos separando os peões dos automóveis.

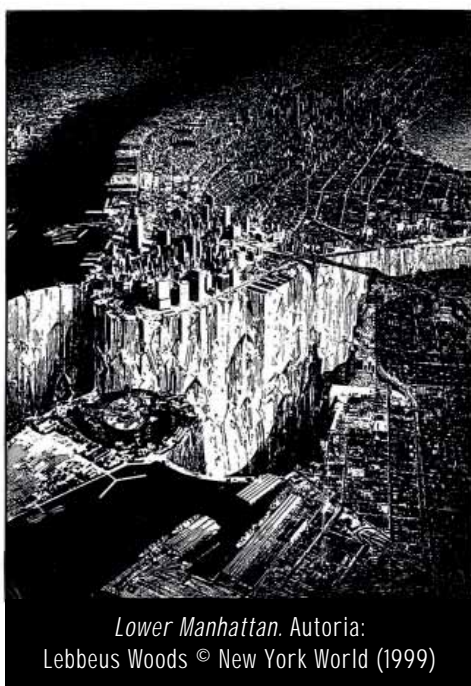
Ainda na década de 1930, no lado da FC, parece arrancar o tema da catástrofe enquanto visão nova-iorquina. O fim daquela urbe parece próximo e surge segundo três formas: a ambiental; a monstruosa; e a alienígena. No primeiro caso, *Deluge* (1933), o filme de Felix E. Feist, vem inspirar cenas de *Deep Impact* (1998), de Miriam Leder, e *The Day after Tomorrow* (2004), de Roland Emmerich.⁴ No Segundo caso, filmes como *The Beast from 20.000 Fathoms* (1953), de Eugène Lourié, ou mes-



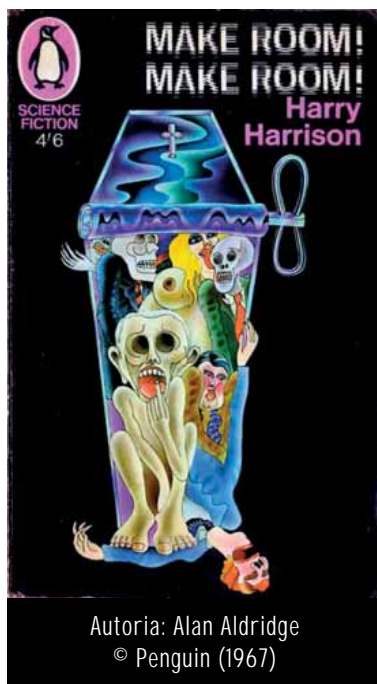
New York City in 1999.
 Autoria: Louis Biedermann © New York World (1900)

mo os últimos dois *Godzilla* (1998 e 2014) não deixam de reflectir sobre as consequências de ensaios químicos ou nucleares. Por sua vez, Isaac Asimov escreve *The Caves Of Steel* (1953) projectando uma cidade sobrepovoada no IIIº Milénio justificando as “caves de aço” como lugares interiores e inferiores. Sob cúpulas gigantescas, aliás como a *Dome over Manhattan Island* (1960) do engenheiro e académico Buckminster Fuller em colaboração com o estudante e arquitecto Shoji Sadao, estas novas cidades são capazes de acolher 10 milhões de habitantes cada. É, de resto, curioso que Harry Harrison escreva *Make Room! Make Room!* (1966), idealizando NYC em 1999 e sem espaço disponível para acolher os seus habitantes. Outro filão, ainda, surge pela congestão das populações, como versão inversa da FC relativa à ideia do último homem.⁵ No terceiro caso, o de enquadramento alienígena, não poderiam faltar as referências a filmes como *Meteor* (1979), de Ronald Neame, *Independence Day* (1996), de Emmerich, ou *War of the Worlds*, de Steven Spielberg, baseado na versão original Londrina de H. G. Wells.

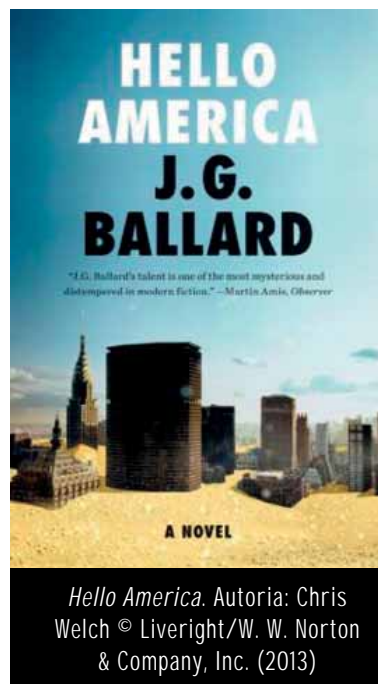
Na década de 1960, ainda assim, o tema das cúpulas permanece no ensaio e na



Lower Manhattan. Autoria:
 Lebbeus Woods © New York World (1999)



Autoria: Alan Aldridge
 © Penguin (1967)



Hello America. Autoria: Chris
 Welch © Liveright/W. W. Norton
 & Company, Inc. (2013)

ficção e, essencialmente, sob artigos em revistas da especialidade. Na *Mechanix Illustrated* (de Novembro de 1968), surge o *What Will Life Be Like in the Year 2008?* e na *Amazing Stories* (de Setembro de 1968) vem o conto *Manhattan Dome*, de Ben Bova. Em cada uma destas projecções, a humanidade vive, paradoxalmente, livre mas enclausurada sob estruturas geodésicas à imagem das de Fuller. Estamos perto da segunda Exposição Universal local, um projecto político e pessoal de Robert Moses (figura responsável por parte do desenvolvimento urbano entre os anos 30 e 70 daquela cidade). A *New York International and Universal Exposition* (1964-1965) constrói então um parque temático aliado à ciência, aos satélites e à aeroespacialidade.⁶ Alguns dos objectos construídos como a *Unisphere*, da autoria de Gilmore David Clarke, ou as explícitas *Observation Towers*, do mesmo Geddes e Albert Kahn, denotam esse fascínio pela conquista da Lua e do cosmos,⁷ sendo curioso verificar que a primeira alunagem acontece apenas um ano depois, a 20 de Julho de 1969.

As décadas de 1970 e 1980, porém, reconduzem a percepção de futuro a um certo pessimismo mais terreno e social. Exercícios como aquele dos *Homeless Vehicles* (1970-1989), de Krzysztof Wodiczko, mais não fazem do que evidenciar e alertar para os desequilíbrios e traumas à solta na cidade. *Escape from New York* (1981), do realizador série-B John Carpenter, por seu lado, explora uma parábola de liberdade controlada onde “Snake” Plissken, o protagonista, tem a tarefa de resgatar o presidente dos

E.U.A. da ilha de Manhattan, sugerida como estabelecimento prisional de máxima segurança em 1997. Numa outra aceção, o conto *The Minority Report* (1956), de Philip K. Dick, também mais não é do que uma caricatura paradoxal de intervenção policial numa cidade supostamente aperfeiçoada. Numa outra visão de sub-género B, *Liquid Sky* (1982), realizado por Slava Tsukerman, “representa uma cidade onde drogas e sexualidades são a norma.”⁸ Utilizando a alucinação, a depravação, a ilegalidade e a anarquia como evidências, estas imagens parecem vir directamente das ruas de Manhattan. Por outro lado, *The Manhattan Transcripts Project* (1979-1981), o ensaio gráfico do arquitecto francês Bernard Tschumi, parece mais uma ficção em pranchas de bd que um ensaio imagético ou arquitectónico. Naqueles anos tudo parece destruído, desconstruído ou em permanente ruína.⁹ As pessoas não existem, como no continente inóspito em 2114 em *Hello America* (1981), de J. G. Ballard; ou, quando existem, parecem perdidas, como em *In the Country of Last Things* (1987), de Paul Auster. É neste último livro, por exemplo, que Anna Blume, a protagonista, partilha a sua “odisseia” num espaço estranho e violento. Acontece, curiosamente, num espaço limitado, talvez peninsular, mimético de Manhattan, preenchido por lixo, corrupção e povoado por gangs de criminosos.

Já na década de 90 é de referir a sugestão visual que *The Fifth Element* (1997), o filme de Luc Besson, faz sobre a cidade no Século xxiii. A densidade lembra as perspectivas dos autores de bd franco-belga Jean Giraud “Moebius” ou Jean-Claude Mézières e a ilha parece ter tomado a forma de um penhasco sobre a baía do Hudson, após a descida de cota das águas, algo de muito semelhante ao projecto da *Lower Manhattan* (1999) do arquitecto e académico Lebbeus Woods. Nestes casos, parece encontrar-se uma quase indistinção entre arquitectura e ficção enquanto actos de rigor.

Mais recentemente, neste Século, há dois projectos cinematográficos que regressam ao perfil nova-iorquino para descrever narrativas de fracasso face ao progresso humano. A ameaça do desconhecido surge então em obras como *I Am Legend* (2007),



de Francis Lawrence, baseado na obra homónima de Richard Matheson e *Cloverfield* (2009), de Matt Reeves. Como nota breve, vale a pena lembrar que, na primeira obra, o futuro se encontra demasiado próximo e presente. A começar a dois anos de distância, aquele desastre urbano e humanitário tem início em 2009 e fim em 2012 e assenta no facto da população, outrora de milhões, se encontrar reduzida ao Dr. Robert Neville, o único humano naquele território.¹⁰ Um outro exemplo e afinidade e reconhecimento, por proximidade cronológica, política e militar, é a colecção de bd norte-americana *DMZ* (2005-2012), da dupla Brian Wood e Riccardo Burchielli na qual, o protagonista Matthew Roth, repórter em cenário de guerra civil na ilha de Manhattan, se move num território semelhante ao de Carpenter. Como diz o autor no primeiro número da colecção, num esforço de reconhecimento de NYC, basta “pensar em partes iguais no filme *Escape from New York*, Fallujah e Nova Orleães depois do furacão Katrina.”

Filadélfia, Baltimore e Washington DC

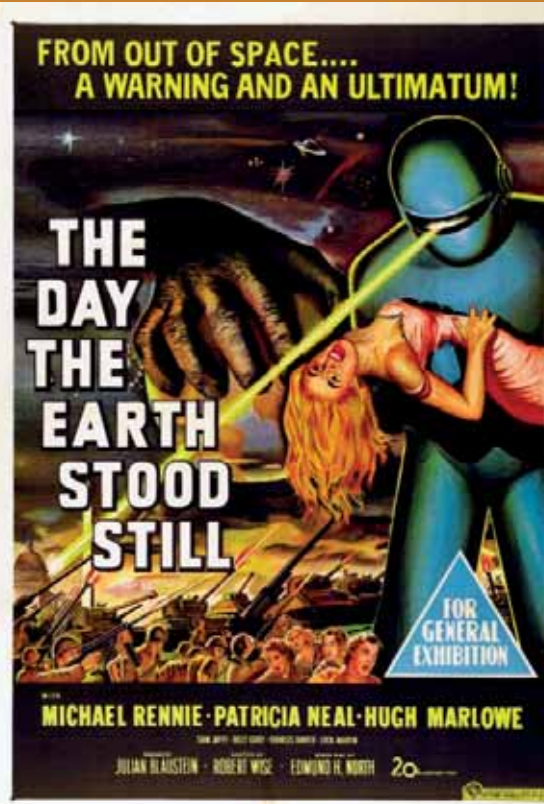
Mas a Costa Este não é só Nova Iorque. Resumindo o levantamento à área do cinema, há casos de filmes como *The Day the Earth Stood Still* (1951), de Robert Wise, *Logan's Run* (1976), de Michael Anderson,¹¹ *12 Monkeys* (1995), de Terry Gilliam, ou *Minority Report* (2002), de Steven Spielberg. Se o primeiro e o segundo se localizam na cidade do Congresso e da Casa Branca, o terceiro caso recorre a *sets* localizados na região, entre Filadélfia e Baltimore, para readaptar livremente a obra-prima fotográfica que é *La Jetée* (1963), de Chris Marker. O quarto caso, inclusive, chega ao ponto de alterar o lugar da acção de NYC para DC e Baltimore, no ano de 2054. Em *Logan's Run*, o segundo caso, com acção no ano de 2274, o território vem com parecenças de parque temático. Uma cidade-jardim polvilhada por estruturas piramidais e redes de transporte elevadas resiste sob enorme cúpula face à ruína exterior do que outrora fora a capital. Nos interiores, ressonantes com a *Capela de Notre Dame du Haut*, em Ronchamp

(1955), de Le Corbusier, impõe-se uma linguagem modernista tardia como a do Mestre Suíço enquanto a comunidade luta sob um carrossel mecanizado e desumanizado. Nos exteriores, designados por Sanctuary, impõe-se o lado selvagem mas, também, o desejo. Aparentemente distante, a cidade do actual poder e símbolo da instituição Norte-Americana surge irreconhecível enquanto ícone e monumento na sua forma destruída e reconvertida pela natureza.

Los Angeles (LA)

Transposta a grande porta continental de entrada no Oeste, localizada em St. Louis, no Estado do Missouri, o *Gateway Arch* (1968) desenhado por Eero Saarinen, chegamos à solar Califórnia. Ao contrário de Nova Iorque, de conformação centrípeta, a cidade de LA é centrífuga.

No início do Século xx, numa época pré-automóvel, LA é a cidade norte-americana com o melhor sistema de transportes públicos (e, talvez surpreendente, de perfil ferroviário). Hoje, numa época de privatização quase total da mobilidade, as actuais redes de ferrovia urbana e suburbana são praticamente nulas nos vales e colinas da *Cidade dos Anjos*. Tudo terá arrancado na década 1920 com a construção massiva de vias e *villas* nos subúrbios de LA como a *Ennis Brown House* (1924), de Frank Lloyd Wright¹² Desde então o território tem sido rasgado por canais de circulação automóvel levando a que a ideia de movimento, trânsito e velocidade surja cada vez mais enraizada (ou, paradoxalmente, natural). Ora, também devido a este assunto relacionado com mobilidade, a cidade parece querer anunciar o seu estatuto de local de experiência e excelência da FC. No arranque do que é considerada a idade dourada do género é, de facto, curioso que seja fundada a *Los Angeles Science Fantasy Society* (1934) um pouco antes da chegada à cidade de inúmeros aspirantes a escritores de FC como Ray Brad-



© 20th Century Fox (1951)

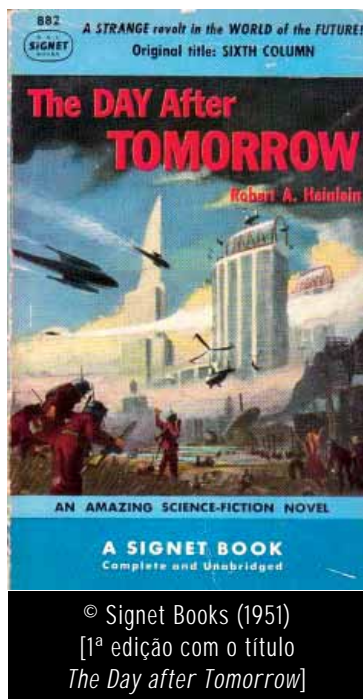


Autoria: Jenny Agutter
© MGM/United Artists (1976)

bury, Robert A. Heinlein (ambos em 1934) ou A. E. Van Vogt (em 1944).¹³ Praticamente coincidente com a 2ª Guerra Mundial, a rede viária cresce a todo o *gas*, desenvolvendo então uma relação de paranóia ao longo de toda a década de 1940, como acontece em *The Day after Tomorrow*¹⁴ (1941), de Heinlein, originalmente publicado como *Sixth Column*.

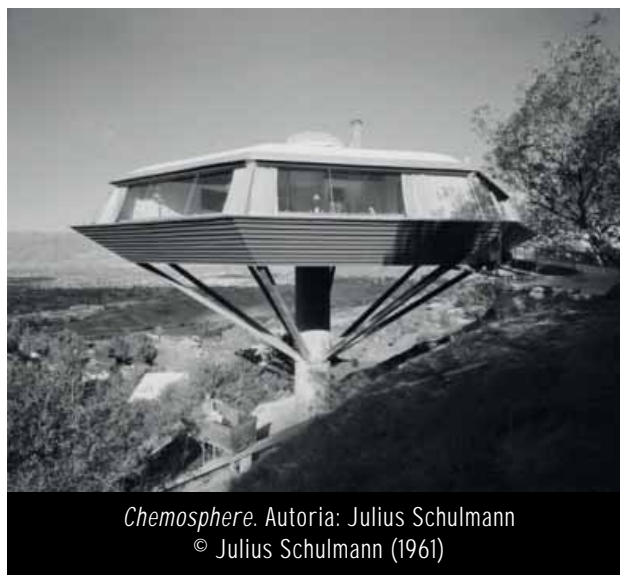
Já na década de 1950, muito embora não haja qualquer menção a LA na referência literária que é *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, a caracterização dos espaços trata especialmente o assunto da censura num tempo pós-nuclear, pós-1990.¹⁵ No ano seguinte é publicada a obra *I Am Legend* (1954), de Richard Matheson, a qual, na tradição do “último Homem”, propõe uma cidade vazia de gente a pouco mais de vinte anos de distância, entre os anos de 1975 e 1977. A versão cinematográfica *The Omega Man* (1971), de Boris Sagal, refere de resto essa condição de *last man on Earth* no próprio *slogan* do trailer apresentando a *downtown* despovoada e esvaziada de movimento na visão de um condutor errante, o mesmo protagonista Dr. Robert Neville. Ainda nos *fifties*, importa referir duas obras de culto, umbilicalmente relacionadas, como é o livro original *The Body Snatchers* (1955), de Jack Finney, e a versão cinematográfica *Invasion of the Body Snatchers* (1956), de Donald Siegel. Tudo acontece na cidade ficcional de Santa Mira que, como o segundo título diz, trata do receio em acolher e aceitar criaturas estranhas e desconhecidas.

Após este momento de receio e incertezas na ressaca da Guerra Mundial,¹⁶ surge na arquitectura uma certa tendência para o delírio e o optimismo. O denominado estilo *googie* ou *popdeluxe* torna-se referência naquela zona do globo. O *pop* e o *kitch* parecem sintetizados tanto em construções como o *LAX Building* (1961), de James Langenheim, William Pereira, Charles Luckman, e Paul Williams, a *Leonard J. Malin House* (1960), de John Lautner, quanto nos espaços da animação *The Jet-*



sons (1962-1963). Tanto um aeroporto como uma série televisiva se transformam em concretizações de um futuro retro fascinante. Uma casa como a *Chemosphere*, outro nome atribuído à obra de Lautner, é talvez exemplo de um desenho doméstico inusitado sendo que a sua volumetria, como se de um disco voador se tratasse, explicita efectivamente a reverência e referência cosmológica e orbital.¹⁷ Por outro lado, continua em acção a “empresa” utópica das *Case Study Houses* (1945-1966), um projecto verdadeiramente Californiano.¹⁸ Um dos seus “episódios”, a *CSH #22* (1959), de Pierre Koenig, em Hollywood Hills e com a grelha Angelina ao fundo, chega a servir de habitação ao protagonista de *Galaxy Quest* (1999), de Dean Parisot. Na cena do seu encontro com *aliens*, a cidade é vista do interior doméstico, de uma cota elevada, através dos grandes planos de vidro fixados na fotografia de Julius Schulmann. A *Stahl House*, como também é conhecida, habitada pelo actor-estrela Jason Nesmith (o Comandante Peter Quincy Taggart na série dentro do filme), é o lugar do rapto naquela paródia.

Na década de 1970, *Cloak of Anarchy* (1972), de Larry Niven, *Flow My Tears, The Policeman Said* (1974) ou *A Scanner Darkly* (1977), ambos de Dick, surgem como viagens ao mundo das drogas e das alucinações. O conto de Niven, por exemplo, é localizado em São Diego, enquanto o último de Dick, retirado de experiências suburbanas e pessoais do



autor, projecta a narrativa para o Verão de 1994, em Orange County.¹⁹

Na década de 1980 estreiam alguns dos filmes de FC mais analisados: *Blade Runner* (1982), de Ridley Scott, representa a cidade no ano de 2019.²⁰ Do lado da urbe, o plano de sequência aéreo de aproximação à cidade permite reconhecer a extensão através da grelha eléctrica e explosões industriais avulsas. Do lado do objecto arquitectónico, o plano de entrada no *Bradbury Building* (1893), de George Wyman, talvez a estrutura patrimonial historicista mais relevante da baixa de LA, permite uma colagem clara ao denominado *modus operandi* pós-modernista. Na investigação e levantamento gráfico efectuados pelos directores de arte do filme, como nos diz Lawrence

“Há anos que, na FC, as cidades vêm extravasando os seus actuais e reais limites. As cidades já não são só cidades, são conjuntos de cidades, são cidades em quantidade.”.

G. Paull, há material “do Egipto aos estilos Deco, Moderno *Streamline* e Clássico, de Frank Lloyd Wright a Antonio Gaudí” (1992). O edifício, usado como habitação da personagem maquetista e criadora de réplicas J. F. Sebastian, é então um híbrido arquitectónico intemporal. Ironicamente de discutível enquadramento, o edifício *Bradbury* parece forçar a dúvida entre o verdadeiro e o falso (ou entre o animal e a máquina) querendo, assim, passá-la para a caracterização dos próprios espaços. O dilema de luta entre o orgânico, o estranho e o humano, de resto, é também tratado nos filmes *Terminator* (1984) e *Terminator 2: Judgement Day* (1991), de James Cameron, *They Live* (1988), de John Carpenter, ou mesmo *Predator 2* (1990), de Stephen Hopkins.

Projectando a cidade para o ano de 1995, o segundo filme de Cameron eleva a tecnologia e a respectiva suspeição numa coexistência aparentemente impraticável. A relação homem *vs* computador, representada pela *Skynet*, revela a sobreposição e substituição do humano numa cidade de rios secos e canais degradados. A cena clássica da perseguição de veículos no LA River, uma infra-estrutura que atravessa a cidade desde San Fernando Valley até Long Beach, para além de funcionar como sinal de ruptura sobre aquele tecido urbano, funciona também como canal de fluxos numa cidade fragmentada. Já em meados da década de 1990, estreia *Escape from LA* (1996), de Carpenter, a sequência do anterior *Escape from New York*. De volta à acção e a uma cidade prisional, “Snake” Plissken é colocado no ano 2000 após um terramoto na cidade com consequências catastróficas, tanto políticas quanto territoriais.

São Francisco (SF)

O lugar homónimo da expressão *Science Fiction (SF)* é outro dos espaços mais atribulados e atribuídos ao género. Obras como *The Scarlet Plague* (1912), de Jack London, *Earth Abides* (1949), de George R. Stewart, *It Came from Beneath the Sea* (1955), ou *Do Androids Dream of Electric Sheep?* mostram que a tradição distópica tem corpo e força neste lugar. A obra de Stewart, por exemplo, assume SF como lugar infectado, apresentando-nos um professor da Universidade de Berkeley a monte e em fuga constante para o selvagem. A obra de Dick, por outro lado, levanta o tema do irreconhecimento humano (ou androide) quando as respectivas propriedades ou características passam a ser reproduzidas. Nesta obra, para além de SF, a narrativa deambula ainda por Seattle, por desertos no Oregon e por colónias orbitais (originalmente) no ano de 1992.

Pouco depois, no início da década de 1970, aparece *THX 1138* (1971) de George Lucas, o primeiro filme do realizador,²¹ um exercício semi-abstracto e com aparente ressonância com *Brave New World* (1932), de Aldous Huxley. Na obra está representada uma sociedade onde as pessoas são peças e números de uma maior máquina. Os espaços têm tanta profundidade quanto as relações têm amor, ou seja: zero.

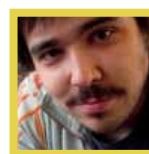
Ultrapassados os anos 1980, a década seguinte começa com o sugestivo título



Until the End of the World (1991), de Wim Wenders. Na narrativa, localizada no final do ano de 1999, um casal dá a volta ao mundo (fazendo lembrar a volta europeia de *The Last Man*, de Mary Shelley) na iminência de conviver com um choque planetário. Com uma diferente performatividade, é também interessante encontrar outra trilogia de William Gibson, a *Trilogia Bridge*, desta vez com referência à ponte *Golden Gate* na baía de SF e Oakland.²² É ainda nesta década que surge um dos filmes mais impressionantes pela sua verosimilhança. *Gattaca* (1996), de Andrew Niccol, é rodado

em espaços na periferia de SF como o *Marin Civic Centre* (1957), de Frank Lloyd Wright, em São Rafael, ou em instalações universitárias como o *CLA Building* (1992), de Antoine Predock, em Pomona.

Mais recentemente, neste século, há uma adaptação para cinema da série *The Planet of the Apes* chamada *Rise of the Planet of the Apes* (2011), de Rupert Wyatt, localizada em SF e transportada para alguns dos seus ícones urbanos e monumentos arquitectónicos. **BANG!**



João Rosmaninho (n. 1979) é licenciado em arquitectura e mestre em ciências da comunicação. É docente na Universidade do Minho onde desenvolve, actualmente, investigação de doutoramento sobre as relações entre as cidades e o cinema. Todos os seus campos de interesse convergem na ficção.



1 Surgiu originalmente no 2º número da revista *2000 A.D.*

2 É de referir, de resto, que os contos *Johnny Mnemonic* (1981) e *New Rose Hotel* (1984), também de Gibson, acontecem parcialmente no mesmo território.

3 Eixo esse apelidado de BosWash, muito embora contenha referências a cidades exteriores como Chicago e São Francisco.

4 Realizador alemão, rei dos filmes-desastre.

5 Baseado nesta obra surge o filme *Soilent Green* (1973), de Richard Fleischer, antecipando uma cidade sobrepovoada no ano de 2022, com 40 milhões de habitantes.

6 O próprio terminal de aeroporto no *JFK* (1956-1962), em Long Island, desenhado por Eero Saarinen, faz notar este fascínio nas suas formas.

7 Ray Bradbury, por exemplo, é convidado para exercer a figura de consultor do Pavilhão dos E.U.A..

8 Diz Eric Mahleb.

9 E porque não lembrar a exposição *Deconstructivist Architecture* (1988), no MoMA, comissariada por Philip Johnson e Mark Wigley?

10 À imagem do que acontece com a cidade de Londres em *28 Days Later* (2002), de Danny Boyle.

11 O autor da primeira versão cinematográfica de *Nineteen Eighty-Four* (1956).

12 Referimo-nos a este caso, especificamente, por se tratar de uma habitação importada e representada em *Blade Runner* (1982), de Ridley Scott.

13 Para além dos escritores, é interessante verificar que, entre o de-

lírio e o sonho norte-americanos, surjam também construções móveis de genealogia ficcional e científica como são as auto-caravanas *Airstream* (1936-1948), desenhadas por William Hawley Bowlus.

14 Sem relação com a obra homónima (2004) de Emmerich.

15 Os contos que dão origem a esta obra são *The Pedestrian* e *The Fireman* (ambos de 1951) e projectam a narrativa a cerca de 100 anos de distância, para os anos de 2053 e 2051 respectivamente.

16 A título de exemplo muito recente poderíamos enunciar o filme *Battle: Los Angeles* (2011), de Jonathan Liebesman, e a respectiva exploração de um cenário de guerra, na alusão ao incidente que foi a *batalha de Los Angeles*, de Fevereiro de 1942, no rescaldo de Pearl Harbor.

17 Aparece no episódio *The Duplicate Man* (1964), da série de televisão *The Outer Limits*.

18 Para além de LA, há também casas implantadas nas áreas de São Diego e São Francisco.

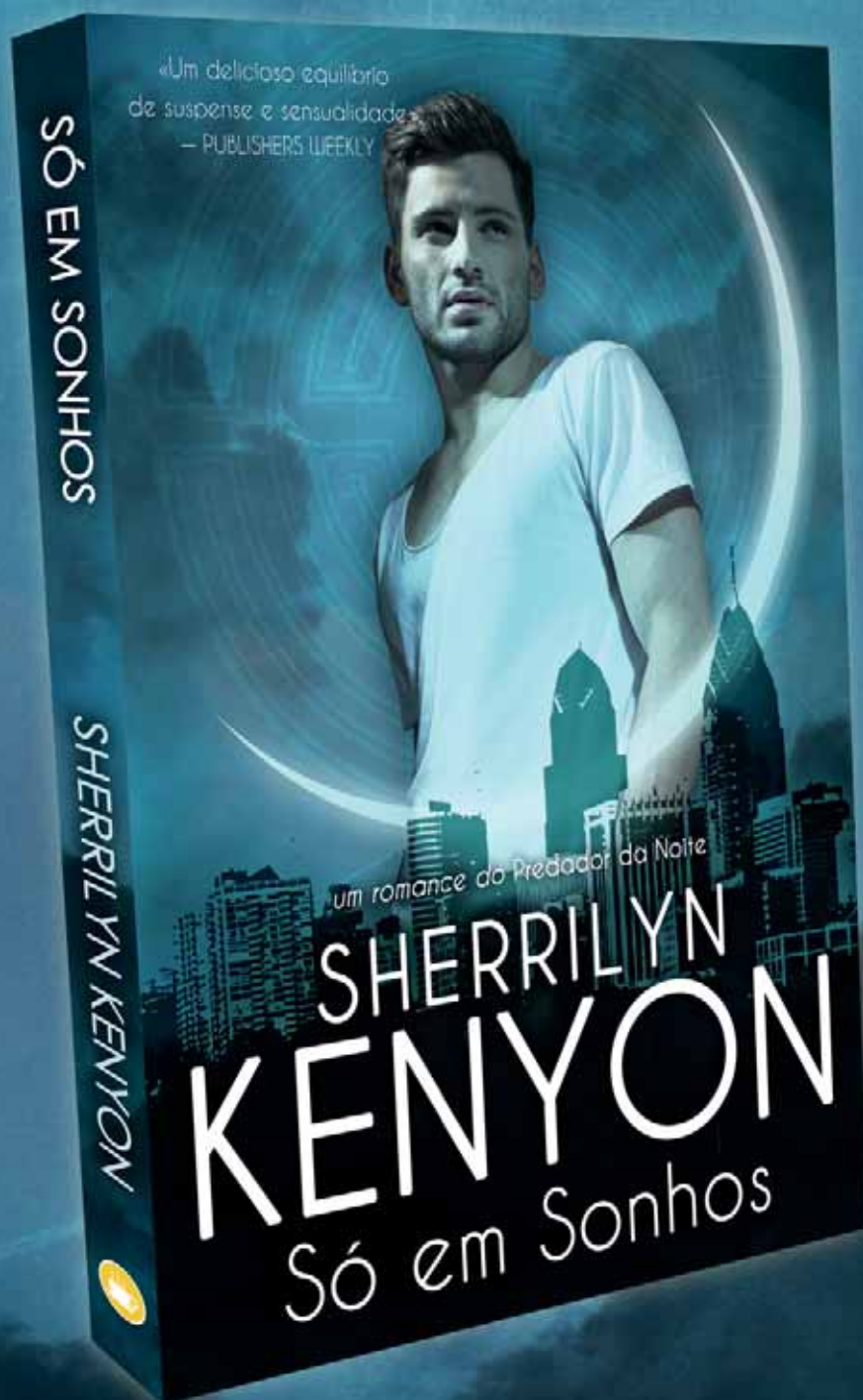
19 Tem adaptação cinematográfica (2006) realizada por Richard Linklater.

20 O filme é uma adaptação livre da obra *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (1968), de Philip K. Dick.

21 Na verdade, trata-se da evolução de uma curta-metragem, trabalho académico feito quatro anos antes e sob o título *Electronic Labyrinth: THX-1138 4EB* (1967).

22 Composta pelos volumes *Virtual Light* (1993), *Idoru* (1996) e *All Tomorrow's Parties* (1999).

Uma obra irresistível de Sherrilyn Kenyon



“Sem dúvida uma das coleções paranormais mais originais e intrigantes... o mundo complexo dos Predadores acrescenta emoção e profundidade a uma saga já de si intensa.”

– ROMANTIC TIMES BOOK CLUB

Vale 5€



na compra
de cada um destes livros

Promoção válida nos títulos identificados de 11 de Junho a 31 de Julho de 2014.
Desconto não reembolsável, total ou parcialmente, nem acumulável ou passível de ser trocado por numerário ou Cartão Oferta Fnac. Não acumulável com outros descontos ou vales (exceto desconto imediato de 10% para aderentes). Válido em todas as lojas Fnac de Portugal, exceto na fnac.pt.



Vale 5€

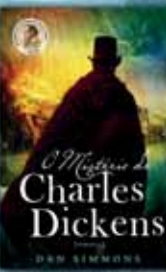


na compra
de cada um destes livros

Promoção válida nos títulos identificados de 11 de Junho a 31 de Julho de 2014.
Desconto não reembolsável, total ou parcialmente, nem acumulável ou passível de ser trocado por numerário ou Cartão Oferta Fnac. Não acumulável com outros descontos ou vales (exceto desconto imediato de 10% para aderentes). Válido em todas as lojas Fnac de Portugal, exceto na fnac.pt.



Vale 5€

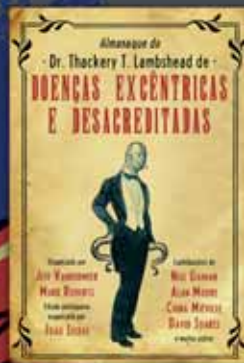


na compra
de cada um destes livros

Promoção válida nos títulos identificados de 11 de Junho a 31 de Julho de 2014.
Desconto não reembolsável, total ou parcialmente, nem acumulável ou passível de ser trocado por numerário ou Cartão Oferta Fnac. Não acumulável com outros descontos ou vales (exceto desconto imediato de 10% para aderentes). Válido em todas as lojas Fnac de Portugal, exceto na fnac.pt.



Vale 5€



na compra
de cada um destes livros

Promoção válida nos títulos identificados de 11 de Junho a 31 de Julho de 2014.
Desconto não reembolsável, total ou parcialmente, nem acumulável ou passível de ser trocado por numerário ou Cartão Oferta Fnac. Não acumulável com outros descontos ou vales (exceto desconto imediato de 10% para aderentes). Válido em todas as lojas Fnac de Portugal, exceto na fnac.pt.



VENCEDOR DOS PRÉMIOS LOCUS E NÉBULA PARA MELHOR CONTO DE 2012

IMERSÃO



CONTO POR



ALIETTE DE BODARD

◀ TÍTULO ORIGINAL: IMMERSION
TRADUTOR: LUIS SANTOS

De manhã, já não temos a certeza de quem somos.

Estamos à frente do espelho, que se mexe e treme, refletindo apenas o que queremos ver – olhos que parecem demasiado largos, pele excessivamente pálida; um cheiro estranho e distante chega-nos do sistema ambiental do compartimento, um aroma que não é incenso nem alho, mas sim outra coisa, algo esquivo, que em tempos reconheceríamos.

Já estamos vestidos – não a pele, mas o exterior, aquilo que é importante, com o nosso avatar a envergar azul, preto e dourado, as roupas elegantes de uma mulher viajada e de boa posição. Por um instante, quando nos desvíamos do espelho, o vidro tremeluz e desfoca-se; e é outra mulher, de túnica de seda pesada, que nos olha: mais baixa, mais atarracada, diminuída em todos os aspetos – uma estranha, uma recordação distante que perdeu o significado.

Quy estava nas docas, a assistir à chegada das naves. É claro que poderia encontrar-se onde quisesse na Estação Longevidade e solicitar que a transmissão da rede lhe fosse enviada para o *router*, o que lhe permitiria ver, sobreposta ao campo de visão, a dança lenta das naves a entrar nos ancoradouros individuais, quais partos invertidos. Mas a presença no átrio do espaçoporto era diferente – transmitia-lhe uma sensação de proximidade que não poderia ser replicada se estivesse nos Jardins da Carpa Dourada ou no Templo do Dragão Azul. Isso porque ali... ali, separada dos ancoradouros unicamente por algumas placas metálicas, sentia-se a flutuar à beira do vácuo, mergulhada no frio, sem inspirar ar ou oxigénio. Quase se imaginava sem raízes, de regresso, por fim, à origem de tudo.

Atualmente, a maioria das naves era de origem galáctica – seria de esperar que os antigos senhores da Longevidade se mostrassem insatisfeitos com a independência da estação, mas agora que a guerra terminara, Longevidade era uma boa fonte de lucro. As naves chegavam e vomitavam um fluxo constante de turistas – de olhos demasiado redondos e direitos, os queixos excessivamente vincados; os rostos com um tom rosa pouco saudável, como carne mal passada deixada muito tempo ao sol. Andavam com a confiança descontraída das pessoas com imersores: faziam pausas para admirar os destaques sugeridos durante um segundo, pouco mais ou menos, antes de se dirigirem à estação de transporte, onde regateavam corridas até aos hotéis recomendados

num rong de cartilha – um bailado repulsiivamente familiar que Quy passara quase toda a vida a observar, uma onda de estrangeiros que invadiam a estação como se fossem uma praga de centopeias ou de sanguessugas.

Não obstante, Quy observava-os. Recordavam-na do tempo passado em Prime, dos dias inebriantes de escola, repletos de bares atulhados e fins de semana extravagantes, de revisões para exames em cima da hora, um período descontraído que não voltaria a ter. Anelava por esses dias, ao mesmo tempo que se detestava pela sua fraqueza. A formação recebida em Prime, que a deveria ter conduzido aos níveis mais elevados da sociedade da estação, só lhe trouxera uma sensação de afastamento da família; uma solidão crescente e uma insatisfação, uma falta de objetivo a que não era capaz de dar voz.

Podia ali ter ficado imóvel durante o resto do dia – não fosse pelo sinal que lhe começou a piscar no limite do campo de visão, sobreposto pelo *router*. Uma mensagem do Segundo Tio.

– Filha. – Tinha o rosto pálido e cansado, os olhos marcados por círculos escuros, como se não tivesse dormido. Provavelmente não dormira – Quy vira-o pela última vez fechado com Tam, a irmã de Quy, a tentar organizar uma entrega para um casamento – quinhentos melões e seis barris do melhor molho de peixe da Estação Próspero. – Volta ao restaurante.

– Este é o meu dia de descanso – replicou Quy, num tom mais caprichoso e infantil do que o pretendido.

O Segundo Tio contorceu o rosto no que poderia ser um sorriso, embora ele tivesse muito pouco sentido de humor. A cicatriz obtida na Guerra da Independência brilhou, branca, contra o fundo carregado de grão – a retorcer-se, como se ainda o magoasse.

– Eu sei, mas preciso de ti. Temos um cliente importante.

– Galáctico – aventou Quy. Era o único motivo para a estar a chamar a ela, e não um dos irmãos ou dos primos. Porque a família julgava que os estudos feitos em Prime lhe davam um certo conhecimento da maneira de pensar dos galácticos – algo útil, mesmo que não o grande êxito esperado.

– Sim. Um homem importante, chefe de uma empresa de comércio local. – O Segundo Tio não lhe saiu do campo de visão. Quy *via* as naves a deslocarem-se pelo rosto dele, a alinharem-se lentamente à frente dos ancoradouros, com o buraco à sua frente a abrir-se como a flor de uma orquídea. E ela sabia tudo o que

havia para saber acerca do restaurante da Avó: afinal de contas, era irmã de Tam; e vira as contas, o lento declínio da procura, à medida que os clientes mais finos se mudavam para zonas melhores da estação; o fluxo de turistas mais pobres, sem tempo para pratos dispendiosos, preparados com os melhores ingredientes.

– Está bem – acedeu. – Eu vou.

Ao pequeno-almoço olhamos para a comida espalhada sobre a mesa: pão, doce e um líquido colorido – ficamos em branco por um instante, até que o imersor entra em ação, recordando-nos de que é café, forte e simples, como sempre o tomámos.

Sim. Café.

Levamos a chávena aos lábios – é o imersor que nos incita gentilmente, lembrando-nos de onde agarrar, de como erguer, de como sermos graciosas e elegantes em todos os aspetos, sempre um modelo fluido.

– Está um pouco forte – diz-nos o nosso marido, num tom apologético. Olha-nos do outro lado da mesa, o rosto com uma expressão que não somos capazes de interpretar – facto bizarro, pois não devíamos saber tudo acerca de

“Mas já há muito tempo que não tiramos o imersor, não é? É um pensamento efémero: um momento suspenso que rapidamente é soterrado pelo fluxo de informação do imersor, cujas pequenas setas nos chamam a atenção para o pão e para a cozinha, para o metal polido da mesa – que nos estabelece um contexto para tudo, abrindo o universo como uma flor de lótus.”

expressões? O ímensor não devia ter tudo sobre a cultura galáctica na sua base de dados, não no-lo deveria transmitir instantaneamente? Mas está silencioso, o que é estranho, e isso, mais do que qualquer outra coisa, assusta-nos. Os ímsores nunca falham.

— Vamos? — diz-nos o nosso marido. Por um instante, temos um espaço em branco no lugar do nome dele, até que por fim nos lembramos: Galen, é Galen, o nome de um médico da Velha Terra. É alto, de cabelo escuro e tez pálida — o avatar do ímensor não é muito diferente da pessoa real; os avatares galácticos raramente o são. São as pessoas como nós que mais têm de se esforçar por se adaptarem, pois há muita coisa que chama a atenção — os olhos esticados que se enrugam na forma de traças, a pele mais trigueira, a forma mais diminuta, mais atarracada, mais remanescente de uma jaca do que de uma fronde ao vento. Não importa: podemos ficar perfeitas; podemos ligar o ímensor e ser outra pessoa, alguém pálido, alto e belo.

Mas já há muito tempo que não tiramos o ímensor, não é? É um pensamento efêmero: um momento suspenso que rapidamente é soterrado pelo fluxo de informação do ímensor, cujas pequenas setas nos chamam a atenção para o pão e para a cozinha, para o metal polido da mesa — que nos estabelece um contexto para tudo, abrindo o universo como uma flor de lótus.

— Sim — respondemos. — Vamos. — A nossa língua enrola-se na palavra: deveríamos ter utilizado uma certa estrutura, ter empregado um pronome em vez da frase galáctica tão concisa. Mas não surge nada e sentimo-nos como um campo de cana-de-açúcar depois da colheita — devastados, sem doçura no que restou.

É claro que o Segundo Tio insistiu que Quy fosse buscar o ímensor para o encontro — só por via das dúvidas, garantiu ele, no seu habitual tom afável e diplomático. O problema era que não se encontrava onde Quy o deixara. Depois de enviar uma mensagem ao resto da família, a melhor informação recebida por Quy chegou do Primo Khanh, que julgava ter visto Tam a revirar os quartos, onde recolhera cada amostra de tecnologia galáctica que encontrara. A Terceira Tia, que lera a mensagem de Khanh no canal de comunicação da família, mostrou o seu desagrado.

— A Tam. Sempre de cabeça perdida nas montanhas, aquela menina. Os sonhos não descascam arroz.

Quy não teceu comentários. Os seus próprios sonhos tinham acabado por definir e morrer aquando do regresso de Prime, altura em que chumbara nos exames de mandarim de Longevidade; mas era bom ter Tam por ali — ter alguém que visse além do restaurante, além do círculo tão limitado dos interesses familiares. E se não fosse ela, quem defenderia a irmã?

Tam não se encontrava nas zonas comuns dos pisos superiores; Quy relanceou o elevador para os aposentos privados da Avó, mas duvidava que Tam tivesse andado a reunir tecnologia galáctica para ir cumprimentar a Avó. Dirigiu-se, em vez disso, ao piso inferior, o que ela e Tam partilhavam com os filhos da sua geração.

Ficava mesmo ao lado da cozinha, e os cheiros a alho e a molho de peixe pare-

“Os ímsores, no entanto, deixavam-na bloqueada: os aparelhos dispunham de proteções. Era possível abri-los ao meio para substituir a bateria, mas não se conseguia chegar mais longe. As anteriores tentativas de Tam quase lhe haviam custado o uso das mãos.”



ciam enranhados um pouco por todo o lado — é claro que era sempre a geração mais nova a ficar com o piso inferior, onde conviviam os cheiros e os barulhos da legião de empregados que levavam comida até à sala de refeições.

Aí estava Tam, sentada no pequeno compartimento que servia de zona comum do piso. Espalhou os aparelhos pelo chão — dois ímsores (Tam e Quy deveriam ser os únicos membros da família que ligavam tão pouco aos ímsores que os deixavam ao abandono), um aparelho de entretenimento remoto ocupado a transmitir uma história sobre crianças a correr em planetas terraformados, e mais uma coisa que Quy não conseguiu identificar, pois Tam decompusera-o em pequenos componentes: jazia na mesa como um peixe estripado, reduzido a peças metálicas e óticas.

A dada altura, no entanto, Tam fartara-se obviamente do trabalho, pois estava agora a terminar o pequeno-almoço, sugando massa da malga de sopa. Devia tê-la ido buscar aos restos da cozinha, pois Quy conhecia o cheiro, sendo capaz de identificar o sabor dos temperos na língua — era um dos pratos da Mãe e deixava-a de estômago a roncar, mesmo tendo comido bolos de arroz ao desjejum.

— Andas outra vez nisso — suspirou Quy. — Importas-te de não fazer experiências com o meu ímensor?

Tam nem sequer aparentou estar surpreendida.

— Não me pareces com grande vontade de o usar, mana grande.

— Isso não quer dizer que seja teu — retorquiu Quy, mesmo que não fosse esse o verdadeiro motivo. Não se importava que Tam lhe levasse as coisas e, a bem da verdade, não se incomodaria se nunca mais voltasse a usar um ímensor — detestava a sensação que o aparelho lhe transmitia, a vaga noção de que o sistema lhe vasculhava o cérebro, em busca dos melhores estímulos corporais para transmitir. Não obstante, havia alturas em que era esperado que usasse um ímensor: sempre que lidava com clientes, quer estivesse a servir às mesas ou em reuniões para ocasiões de maior monta.

É claro que Tam não servia às mesas — revelara-se tão destra com logística e com tudo o que estivesse relacionado com os sistemas da estação que passava a maior parte do tempo à frente de um ecrã ou ligada à rede.

— Mana pequena? — insistiu Quy.

Tam pousou os pauzinhos ao lado da malga e descreveu um gesto largo com as mãos.

*“Quy envervou o imersor,
ajustando a fina rede
metálica em torno da cabeça.*

*Fez um esgar quando o
interface se sincronizou com o
cérebro. [...] Viu-se envolvida
por uma retícula tremeluzente:
era o seu avatar, que lentamente
ganhava forma à sua volta.
Ainda conseguia ver a divisão
– a estrutura era só vagamente
opaca –, mas, pelos antepassados,
como detestava a sensação de não
estar completamente presente.
– Como estou?”*

– Está bem, leva-o. Sempre posso usar o meu.

Quy mirou o que estava disposto sobre a mesa e fez a pergunta inevitável.

– Como vão as coisas?

Tam trabalhava com ligações de rede e com a manutenção da rede no restaurante; a tecnologia era o seu passatempo. Tecnologia galáctica. Desmantelava aparelhos para ver como funcionavam e depois voltava a montá-los. A sua incursão pelas unidades de entretenimento tinha servido para que o restaurante dispusesse de sons ambientes – música ronc antiquada para os clientes galácticos, recitais de poesia recente para os nativos.

Os imersores, no entanto, deixavam-na bloqueada: os aparelhos dispunham de proteções. Era possível abri-los ao meio para substituir a bateria, mas não se conseguia chegar mais longe. As anteriores tentativas de Tam quase lhe haviam custado o uso das mãos.

A julgar pela expressão de Tam, esta ainda não estava pronta para uma nova aventura.

– A lógica tem de ser a mesma.

– Do que o quê? – Quy não pôde evitar a pergunta. Pegou no seu imersor e confirmou rapidamente que o aparelho ostentava o seu número de série.

Tam apontou para os componentes espalhados sobre a mesa.

– Compositor de Literatura Artificial. É um aparelho que cria romances leves para diversão.

– Não é o mesmo que... – Quy calou-se e esperou que Tam se explicasse.

– Pega nas normas culturais existentes

e ordena-as numa narrativa coesa satisfatória. Por exemplo, pessoas que estabelecem o seu destino e que combatem alienígenas pela posse de um planeta, coisas que pouco nos dizem, aqui na Longevidade. Quer dizer, nunca sequer vimos um planeta. – Tam suspirou profundamente. Olhava em parte para o Compositor de Literatura Artificial desmembrado, em parte para uma qualquer sobreposição no campo de visão. – É como os imersores, que pegam numa dada cultura e a dividem de modo a que tenhamos pontos de contacto: língua, gestos, hábitos, tudo. A arquitetura tem de ser a mesma.

– Continuo sem perceber o que queres fazer com isso. – Quy envervou o imersor, ajustando a fina rede metálica em torno da cabeça. Fez um esgar quando o interface se sincronizou com o cérebro. Moveu as mãos para ajustar alguns dos parâmetros, baixando-os em relação às definições de origem – o malfadado aparelho regressava sempre às definições de fábrica, facto que duvidava fosse acidental. Viu-se envolvida por uma retícula tremeluzente: era o seu avatar, que lentamente ganhava forma à sua volta. Ainda conseguia ver a divisão – a estrutura era só vagamente opaca –, mas, pelos antepassados, como detestava a sensação de não estar completamente presente. – Como estou?

– Horrível. Até parece que o teu avatar morreu, ou assim.

– Ha ha ha – exclamou Quy. O avatar era mais pálido do que ela, e mais alto: ficava linda, segundo a opinião geral dos clientes. Nesses momentos, Quy ficava

satisfeita por ter um avatar, para que eles não lhe vissem a fúria no rosto. – Não respondeste à minha pergunta.

Os olhos de Tam cintilaram.

– Imagina só as coisas que podíamos fazer. É o melhor aparelho que os galácticos nos deram.

O que não era grande coisa, mas Quy não precisava de dar voz a essas palavras. Tam sabia exatamente o que Quy pensava dos Galácticos e das suas promessas ocas.

– Também é uma arma. – Tam deu um toque na unidade de entretenimento. – Como os livros e os holos, e os jogos ao vivo. Para eles é uma maravilha; ajustam os imersores para definições de turismo e recebem o que é preciso para se orientarem num ambiente estranho a partir do guião em ronc que um idiota qualquer escreveu. Mas nós... nós veneramo-los. Estamos sempre a usar os imersores em galáctico. Tornamo-nos parecidos com eles porque nos forçam, e porque somos ingénuos a ponto de ceder.

– E achas que os podes melhorar? – Quy não teve como evitar. Não que precisasse de ser convencida: nunca vira imersores em Prime. Eram coisas de turista, e mesmo quando viajavam de terra em terra, os cidadãos partiam do princípio de que dispunham de conhecimentos suficientes para se orientarem. Mas as estações, as ex-colónias estavam carregadas de imersores.

Os olhos de Tam chamejaram, selvagens como os dos rebeldes dos holos históricos.

– Se os conseguir desmontar, posso

reconstruí-los e desligar os circuitos lógicos. Posso conseguir-nos a língua e as ferramentas para lidarmos com eles sem que nos absorvam.

A mente perdida nas montanhas, dizia a Terceira Tia. Ninguém podia acusar Tam de não pensar em grande. Nem de não fazer aquilo a que se dispunha. E todas as revoluções tinham de começar por algum lado – a Guerra da Independência da Longevidade não começara por causa de um poema, e da detenção injusta do poeta que o compusera?

Quy assentiu. Acreditava em Tam, embora não soubesse até que ponto.

– É justo. Tenho de ir, ou o Segundo Tio esfola-me. Até logo, mana pequena.

Quando passamos por baixo da larga arcada do restaurante com o nosso marido, olhamos para cima, para as letras que compõem o letreiro. O imersor tradu-las como «Cozinha da Irmã Hai» e começa a debitar os antecedentes do estabelecimento: a ementa e os pratos mais recomendados – quando passamos pelas várias mesas, ele destaca o que julga poderemos gostar, desde sonhos de arroz a camarão frito. Alerta-nos para os pratos mais exóticos, como a orelha de porco em picle, a carne fermentada (é preciso ter cuidado com esse, pois o nome muda, dependendo do dialeto da estação que usamos para o pedir) ou o durião, o fruto malcheiroso de que os nativos tanto gostam.

Pensamos que... há qualquer coisa que não bate certo; e, entretanto, esforçamo-nos por seguir Galen, que já se afastou, avançando com a confiança que deixa transparecer sempre na sua vida. As pessoas abrem caminho; uma empregada com um avatar jovem e bonito faz-lhe uma vénia, embora Galen nem repare. Sabemos que esse servilismo o incomoda; está sempre a perorar sobre os hábitos antiquados a bordo da Longevidade, sobre as desigualdades e a falta de um governo democrático – ele acredita que é uma questão de tempo até que mudem, até que se adaptem à sociedade galáctica. Nós – nós temos a vaga memória de discutirmos com ele, há muito tempo, mas agora já não recordamos as palavras, nem sequer o motivo por que... faz sentido, tudo faz sentido. Os Galácticos rebelaram-se contra a tirania da Velha Terra e livraram-se das suas amarras, conquistando o direito a determinar o próprio destino; e todas as estações e planetas acabaram por fazer o mesmo: revoltar-se contra as ditaduras que os mantêm afastados do progresso. É justo; sempre foi justo.

Paramos espontaneamente a uma mesa e observamos duas jovens a comer com pauzinhos de um prato de frango – o cheiro a molho de peixe e a erva-liméira enche o ar, forte e insuportável como carne podre – não, não, não é isso, temos a imagem de uma mulher de tez escura a levar um prato de arroz branco até à mesa, as mãos com esse mesmo cheiro e nós a salivarmos com a antecipação...

As jovens estão a olhar-nos: ambas usam avatares padrão, dos mais banais – as roupas são um misto garrido de vermelho e amarelo, com o corte bizarro e embaraçoso de um estilista reles; e os rostos tremem, deixando-nos vislumbrar pele mais escura por baixo das faces coradas. Reles e de mau gosto, absolutamente inadequado; ficamos com a satisfação de não estarmos no lugar delas.

– Posso ajudar-te, irmã mais velha? – pergunta uma.

Irmã mais velha. Um pronome que antes procurámos; uma das coisas que nos parece ter desaparecido da mente. Debato-nos com as palavras, mas o imersor só sugere um pronome neutro e impessoal, algo que sabemos instintivamente ser errado – algo que só os estrangeiros e os forasteiros utilizariam nessas circunstâncias. – Irmã mais velha – acabamos por repetir, pois não nos lembramos de mais nada.

– Agnes!

A voz de Galen, a chamar à distância – por um breve momento, o imersor parece voltar a falhar, pois *sabemos* que temos muitos nomes, que Agnes é o que nos deram na escola galáctica, aquele que nem Galen nem os amigos adulteram quando o pronunciam. Recordamos os nomes rong que a nossa mãe nos deu em Longevidade, as ternas alcunhas de infância e o nome adulto.

Be-Nho, Be-Yeu. Thu – Autumn, outono, como uma memória de folhas avermelhadas num planeta que nunca chegámos a conhecer.

Afastamo-nos da mesa, tentando disfarçar o tremor nas mãos.

O Segundo Tio já estava à espera quando Quy chegou; os clientes também.

– Estás atrasada – enviou o Segundo Tio através do canal privado, embora o comentário tivesse sido feito sem grande convicção, como se já o esperasse. Como se não acreditasse que podia contar com ela – isso magoava.

– Permita-me que lhe apresente a minha sobrinha Quy – disse o Segundo Tio em galáctico ao homem ao lado dele.

– Quy – repetiu o homem, com o imersor a assumir na perfeição as nuances do nome dela em rong. Era exatamente como imaginava; alto, com um avatar discreto, um tudo-nada que lhe estreitava o queixo e os olhos e lhe alargava um pouco o peito. Melhorias cosméticas: bem vistas as coisas, era bem-apegoado, para galáctico.

Proseguiu em galáctico: – Chamo-me Galen Santos. Muito gosto em conhecê-la. Esta é a Agnes, a minha esposa.

Agnes. Quy virou-se e olhou pela primeira vez para a mulher – e arrepiou-se. Não estava ali ninguém: apenas um avatar espesso, denso e complexo, a ponto de não se vislumbrar o corpo por ele oculto.

– É um prazer. – Quy fez uma vénia seguindo um palpite; um gesto de jovem para mais velho, com as mãos juntas – ao estilo rong, não como uma galáctica – e viu o corpo de Agnes a estremecer, algo que

mal se notou; mas Quy era observadora, sempre fora. O imersor gritava-lhe, dizendo-lhe que estendesse as duas mãos, de palmas para cima, à moda galáctica. Quy ignorou-o: encontrava-se ainda na fase em que era capaz de distinguir entre os seus pensamentos e os do imersor.

O Segundo Tio recomeçara a falar – o seu avatar era claro, uma versão mais pávida dele.

– Estão à procura do local para um banquete.

– É verdade, sim. – Galen puxou uma cadeira e sentou-se. Todos o imitaram, embora sem a mesma descontração fluida e arrogante. Quando Agnes se sentou, Quy viu-a a tremer, como se ela se tivesse

“Quy perdera o interesse: estava a olhar para Agnes. Observava o avatar impenetrável – uma mulher ruiva à moda mais recente de Prime, com sardas na pele e laivos de um bronzeado de estrela no rosto. Mas no interior, ela não era isso; o imersor mergulhara em outra coisa.”

lembrado de algo desagradável. — Vamos celebrar o nosso quinto aniversário de casamento, e gostaríamos de marcar a ocasião com qualquer coisa adequada.

O Segundo Tio aquiesceu.

— Estou a ver — comentou, coçando o queixo. — Os meus parabéns.

Galen anuiu.

— Pensámos... — Fez uma pausa e lançou à esposa um olhar que Quy não foi capaz de interpretar — o imersor permaneceu em branco, mas o gesto tinha alguma coisa de familiar, algo que ela deveria conseguir interpretar. — Uma coisa rong — acabou o indivíduo por concluir. — Um grande banquete para uma centena de pessoas, com os pratos tradicionais.

A satisfação do Segundo Tio era quase palpável. Um banquete dessa dimensão seria um pesadelo logístico, mas se concordassem com o preço adequado, o restaurante sairia do vermelho durante um ano ou mais. Mas havia qualquer coisa errada — qualquer coisa...

— O que tinha em mente? — perguntou Quy, não a Galen, mas à mulher dele. A esposa — Agnes, que provavelmente não seria o nome com que nascera —, que envergava um avatar denso, e que parecia não estar a responder, nem sequer a falar. Na mente de Quy formava-se uma imagem terrível.

Agnes não respondeu. Previsível.

O Segundo Tio assumiu o controlo da conversa, desfazendo o momento incómodo com gestos expansivos das mãos.

— Tudo a que têm direito, certo? — adiantou o Segundo Tio. Esfregou as mãos, um gesto estranho que Quy nunca o vira fazer — uma expressão galáctica de satisfação. — Sopa de melão amarga, travessas de Dragão-Fénix, Porco Assado, Jade Sob a Montanha... — Recitava os pratos tradicionais de um banquete de casamento — sem saber até onde o forasteiro queria ir. Omitiu as iguarias mais bizarras, como Barbatana de Tubarão ou Sopa Doce de Feijão-Vermelho.

— Sim, é isso que queremos. Não é verdade, querida? — A esposa de Galen não se mexeu, nem falou. Galen virou a cabeça na direção dela e Quy pôde, finalmente, vislumbrar-lhe a expressão. Imaginou que seria de desprezo ou de ódio; mas não: era de angústia. Ele amava-a realmente e não compreendia o que se passava.

Galácticos. Não seria capaz de reconhecer um viciado em imersores? Claro que, tal como referira Tam, os galácticos raramente se deparavam com esse problema — não usavam os imersores por mais do que alguns dias, sempre com definições baixas, e isso quando chegavam a

tal ponto. A maioria estava convencida de que o galáctico lhe abriria todas as portas.

O Segundo Tio e Galen regateavam, discutindo preços e condições; com o desenrolar da conversa, o Segundo Tio soava cada vez mais um turista galáctico, progressivamente mais agressivo por um lucro mais baixo. Quy perdera o interesse: estava a olhar para Agnes. Observava o avatar impenetrável — uma mulher ruiva à moda mais recente de Prime, com sardas na pele e laivos de um bronzado de estrela no rosto. Mas no interior, ela não era isso; o imersor mergulhara em outra coisa.

Não era de todo isso. Tam tinha razão; todos os imersores deviam ser desmantelados. E que explodissem? Já tinham feito mal suficiente.

Quy queria levantar-se e arrancar o seu imersor, mas não podia, nunca a meio da negociação. Em vez disso, levantou-se e acercou-se de Agnes; os dois homens, demasiado ocupados na busca de um preço aceitável, mal a olharam.

— Não estás sozinha — disse ela em rong, num tom baixo o suficiente para mais ninguém a ouvir.

Outra vez aquele vislumbre bizarro e deslocado.

— Tens de o tirar — indicou Quy, mas não obteve nova reação. Num impulso, agarrou no braço da mulher; sentiu as mãos a atravessarem o avatar do imersor, a tocarem carne quente e sólida.

Ouvimo-los a negociar em fundo — não é fácil, pois o rong mostra-se aguerrido, reusando-se a ceder ao massacre de Galen. É tudo muito distante, um tema de um estudo intelectual; o imersor vai-nos recordando, interpretando

este movimento e aquele, incitando-nos — senta-te direita e em silêncio, e apoia o teu marido —, e vamos sorrindo com a boca que parece colada.

Entretanto, sentimos a jovem rong a mirar-nos; queima como gelo, como se fosse o olhar de um dragão. Não se afasta; e a mão pousa em nós, agarrando-nos o braço com uma força que nunca imaginámos que aquele corpo possuísse. O avatar dela é uma camada ténue e vemos o que está por baixo: um rosto redondo de lua-cheia, com pele da cor da canela — não, não são especiarias, não é chocolate, é apenas uma cor que vimos durante toda a vida.

— Tens de o tirar — diz ela. Não nos mexemos; mas interrogamo-nos sobre o que ela querará dizer.

Tirar. Tirar. Tirar o quê?

O imersor.

De repente, lembramo-nos — um jantar com os amigos de Galen, em que eles se riam de piadas que passavam demasiado depressa para as percebermos. Chegámos a casa a reprimir as lágrimas; e demos connosco a pegar no imersor que estava na mesa de cabeceira, a sentir o peso frio nas mãos. Julgámos que Galen ficaria satisfeito se falássemos a língua dele; que ficaria menos embaraçado pela falta de cultura que deixamos transparecer para os amigos dele. E então descobrimos que tudo está bem, conquanto mantínhamos as definições no máximo e não o retiremos. E depois... e depois passámos a andar com ele, a dormir com ele, e só mostrávamos ao mundo o avatar por ele concebido — não víamos nada que ele não tivesse identificado e catalogado.

Depois...



Depois, tudo se desmoronou, não foi? Já não éramos capazes de programar a rede, não conseguimos olhar para o âmago das máquinas; perdemos o emprego na empresa tecnológica e fomos para o compartimento de Galen, vagueando pelo quarto como uma casca vazia, uma sombra do que éramos – como se já tivéssemos morrido, longe de casa e de tudo o que ela representa. Depois – depois, o imersor já não saía.

– **O** que estás tu a fazer, minha jovem? O Segundo Tio levantara-se e dirigia-se a Quy – o avatar afogueado com a fúria, a tez pálida mosqueada de vermelho. – Se não te importas, os adultos estão a meio de uma negociação importante. – Noutras circunstâncias, isso talvez levasse Quy a vacilar, mas a voz e a linguagem corporal do Segundo Tio eram totalmente galácticas; parecia-lhe um estranho – um estrangeiro furioso, a quem tivesse trocado o pedido – de quem troçaria mais tarde, quando estivesse no quarto de Tam com um chá nas mãos, ao som das divagações familiares da irmã.

– Lamento – disse Quy, desprovida de sinceridade.

– Não faz mal – interveio Galen. – Não queria... – Fez uma pausa e olhou para a esposa. – Não a devia ter trazido.

– Devia levá-la ao médico – aventou Quy, surpreendida com a própria audácia.

– Achas que não tentei? – A voz soava amarga. – Cheguei a levá-la aos melhores hospitais de Prime. Eles olham para ela e dizem que não o podem tirar. Que o choque a matava. E mesmo que não matusse... – Abriu os braços, deixando o ar cair entre as mãos como grãos de poeira. – Sabe-se lá se ela volta.

Quy sentiu-se a enrubescer.

– Sinto muito. – Agora com sinceridade.

Galen ignorou-a com um gesto negligente, mas ela percebeu a dor que estava a ser ocultada. Recordou que as lágrimas não eram consideradas viris pelos galácticos.

– Estamos então de acordo? – perguntou Galen ao Segundo Tio. – Por um milhão de créditos?

Quy pensou no banquete: a comida nas mesas, Galen a imaginar que recordaria o

lar de Agnes. Como estava condenado ao fracasso, pois tudo seria filtrado pelo imersor, deixando Agnes apenas com um festim exótico de sabores desconhecidos.

– Lamento – repetiu-se, mas ninguém a ouvia; e virou costas a Agnes com fúria no coração – com a sensação crescente de que tudo acabara por ser em vão.

– **L**amento – diz a rapariga – levanta-se e larga-nos o braço, e sentimo-nos a rasgar por dentro, como se algo no nosso íntimo se esforçasse por se libertar. Não vás, queremos dizer. Por favor, não vás. Por favor, não me deixes aqui.

Mas estão a apertar as mãos; sorriem, contentes com o acórdão a que chegaram – como tubarões, pensamos, como tigres. Até a jovem rong se afastou; deu-nos como perdidas. Ela e o tio vão-se embora, seguindo caminhos separados para as zonas interiores do restaurante, de volta a casa.

Por favor, não vás.

É como se alguma coisa nos dominasse o corpo; uma força que não imaginávamos possuir. Quando Galen regressa à sala principal do restaurante, à azáfama e

aos cheiros tantalizantes da comida – de frango com erva-limeira e arroz branco, tal como a nossa mãe fazia –, voltamos as costas ao nosso marido e seguimos a jovem. Lentamente e à distância; e depois a correr, para que ninguém nos impeça. Ela anda depressa – vemo-la a afastar o imersor do rosto e a atirá-lo, repugnada, para uma mesa lateral. Vemo-la a entrar numa divisão; e seguimo-la.

Estão a observar-nos, as duas raparigas: a que seguimos; e outra, mais jovem, a levantar-se da mesa a que estava sentada – ambas terrivelmente estranhas e, ao mesmo tempo, familiares. Têm as bocas abertas, mas não há sons.

Nesse instante – a entreolharem-se, suspensas no tempo – vemos as entradas das máquinas galácticas espalhadas em cima da mesa. Vemos as ferramentas; as máquinas desmanteladas; e o imersor à frente delas, as duas metades abertas como um ovo partido. E compreendemos que têm estado a tentar abri-los e compreendê-los; e sabemos que nunca vão conseguir. Não por causa das proteções ou das encriptações galácticas criadas

para proteger a sua famosa propriedade intelectual; mas sim devido a algo muito mais fundamental.

É um brinquedo galáctico, concebido por uma mente galáctica – cada camada, cada ligação lógica exsuda uma mundivisão que para aquelas raparigas é alienígena. É preciso ser-se galáctico para se acreditar que é possível pegar em toda uma cultura e reduzi-la a algoritmos; que a língua e os costumes podem resumir-se a um simples conjunto de regras. Para aquelas jovens, as coisas são muito mais complexas; e nunca compreenderão o funcionamento de um imersor, pois não são capazes de raciocinar como um galáctico, nunca pensarão assim. Não é possível pensar como um galáctico, a menos que se tenha nascido nessa cultura.

Ou a menos que, ano após ano, tenhamos mergulhado nela, como numa droga.

Levantamos a mão – é como se nos mexéssemos através de mel. Falamos – debatemo-nos para formar palavras por entre as inúmeras camadas de pensamentos do imersor.

– Eu conheço isso – dizemos, e a voz sai-nos rouca, com as palavras a encontrarem o seu lugar como um disparo laser, e sabem bem, corretas, como desde há cinco anos nada o é. – Deixem-me ajudá-las, irmãs mais novas. **BANG!**

Para Rochita Loenen-Ruiz, pelas conversas que inspiraram o conto.



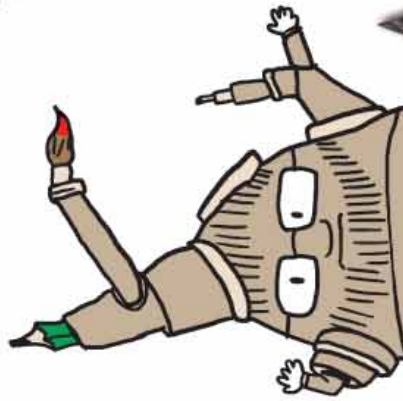
Aliette de Bodard é uma escritora de ficção especulativa franco-americana. De ascendência francesa e vietnamita, nasceu nos EUA e cresceu em Paris. A sua língua materna é o francês, mas escreve em inglês. Trabalha como engenheira de software e é membro do grupo de escritores *Written in Blood*. Os seus contos e noveletas já venceram vários prémios Hugo e Nebula.

GEORGE Q. Q.
PATIN

HECTOR
COLUMBUS

HECTOR É POMBO E SONHA EM FAZER SUCESSO COM OS SEUS LIVROS EM UM MERCADO TÃO CRUEL QUANTO SEU AMIGO AFONSO. NO MUNDO DE MALDADE SEM FIM QUE É O MERCADO EDITORIAL, GEORGE Q. Q. PATIN SE DESTACA COMO IMPIEDOSO SER INCAPAZ DE AJUDAR UM ESCRITOR INICIANTE E INVEJOSO. E ASSIM COMEÇOU...

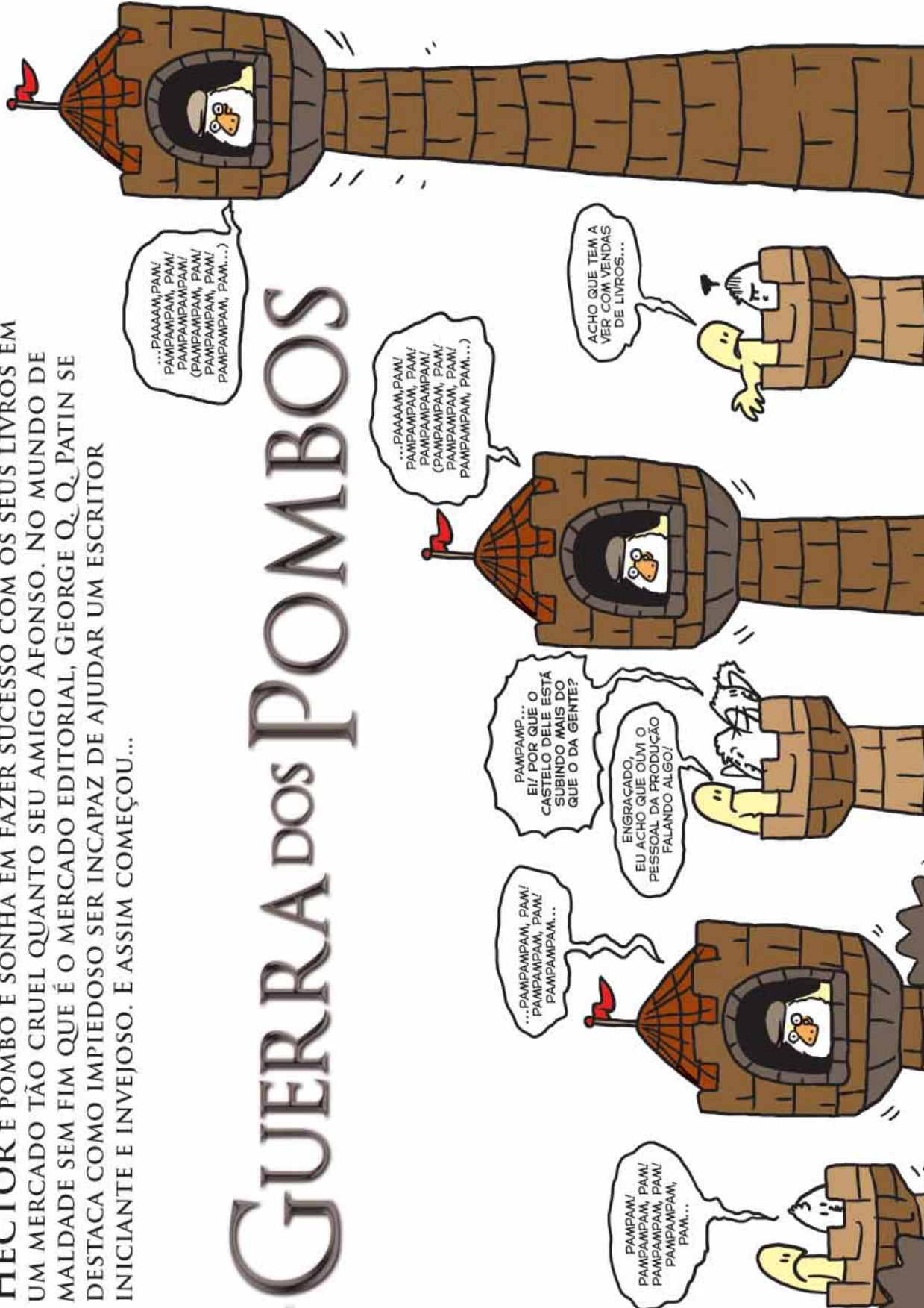
A GUERRA DOS POMBOS

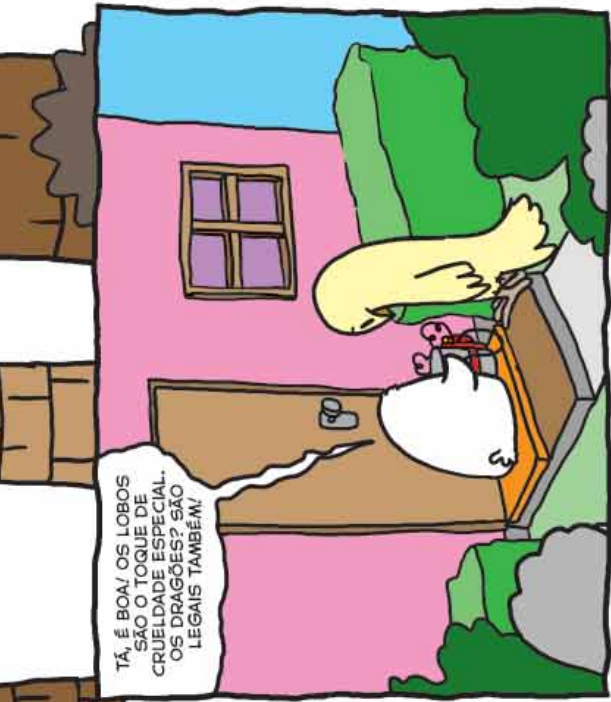


Estevão Ribeiro é brasileiro, escritor, roteirista e autor de histórias em quadrinhos.

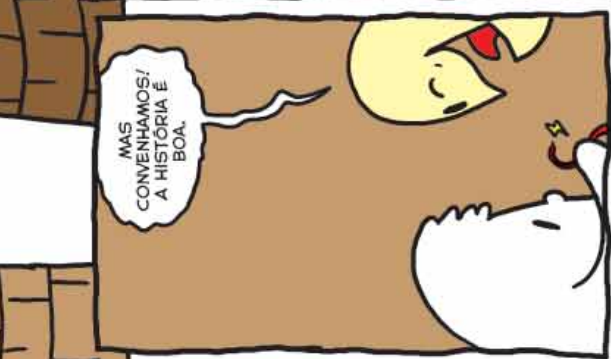
Entre seus trabalhos destacam-se o álbum em quadrinhos Pequenos Heróis, publicado no Brasil e nos EUA, seu thriller paranormal A Corrente e a série de tiras cômicas Os Passarinhos.

Futuros Heróis, sua obra mais recente, é indicada ao Troféu HQMIX, o Oscar dos quadrinhos brasileiros, como melhor publicação infantojuvenil.





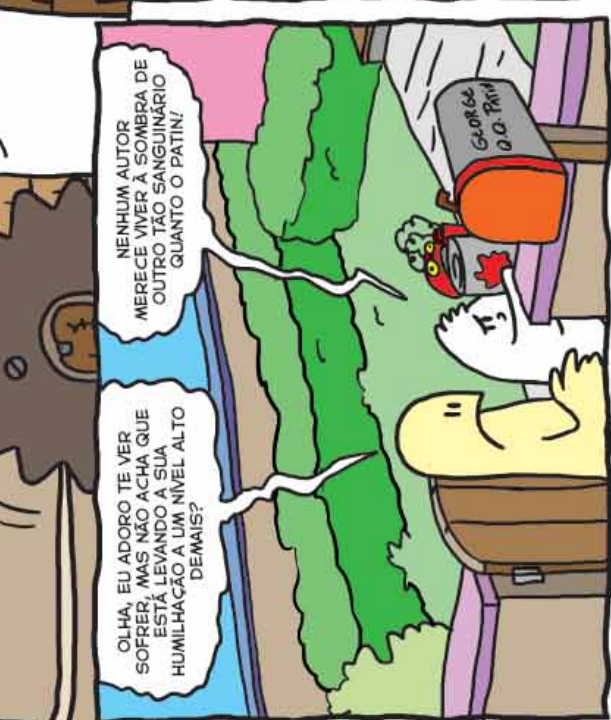
TÁ, É BOA! OS LOBOS SÃO O TOQUE DE CRUELDADE ESPECIAL. OS DRAGÕES? SÃO LEGAIS TAMBÉM!



MAS CONVENHAMOS! A HISTÓRIA É BOA.



SUA HISTÓRIA CHEIA DE LOBOS, MISTÉRIOS E MORTES, ELEVOU A EXPECTATIVA DO LEITOR, JOGANDO MEU LIVRO LÁÁÁ EMBAIXO NA LISTA DOS MAIS VENDIDOS!



NENHUM AUTOR MERECE VIVER À SOMBRA DE OUTRO TÃO SANGUINÁRIO QUANTO O PATIN!

OLHA, EU ADOPO TE VER SOFRER, MAS NÃO ACHA QUE ESTÁ LEVANDO A SUA HUMILHAÇÃO A UM NÍVEL ALTO DE MAIS?



NÃO, SEU LOBO ESTÚPIDO! VAI EXPLOD...



AGORA ENTENDE A MINHA REVOLTA?



LOBOS DE GUARDA? QUEM TEM LOBOS DE GUARDA?



FICO PENSANDO COMO ELE ARRUMA INSPIRAÇÃO PARA FAZER TUDO ISSO...

HÁ... EU ACHO QUE SEI!



CONTINUA NA PRÓXIMA **BINGI!**



O QUÊ?!



“

Crítica
Literária

Perguntar a um escritor o que ele pensa sobre críticos é como perguntar a um poste de candeeiro o que pensa sobre cães.

John Osborne

Fashion Beast

Alan Moore
[livro]

Doll Seguin sempre viveu entre as camadas desfavorecidas mas o novo emprego como modelo principal da casa Celestine muda tudo. Enquanto desenvolve uma relação conflituosa com o jovem supervisor do guarda-roupa Jonni Tare, Doll vai pouco a pouco embrenhando-se no estranho mundo do criador de moda Jean-Claude Celestine, entendendo-o e desvendando-lhe os segredos.

Alan Moore escreveu *Fashion Beast* a pedido de Malcolm McLaren como argumento onde se misturariam a vida de Christian Dior, “A Bela e o Monstro” e a versão cinematográfica de Jean Cocteau, porém, o filme nunca se efectuou. A história acaba transposta para banda-desenhada em 2013, com algum auxílio adaptativo de Antony Johnston, resultando numa obra estimulante de capacidade encantatória onde o passado se entrelaça com o futuro para gerar uma ambiência atemporal típica dos contos populares e contos de fadas. Estabelece-se aliás

uma grata simbiose entre o enredo e o grafismo, com este a contribuir largamente para a narrativa e a lembrar-lhe as origens filmicas. Além disso, por

um lado ajuda a construir a sensação de realidade distópica assolada pela guerra e sob ameaça nuclear; por outro atribui uma contínua importância à indumentária das personagens, conjugando-se assim com o discurso sobre moda que atravessa todo o livro. As questões relacionadas com o mundo da alta costura não só informam a acção como propulsionam muitos dos conflitos. Se Moore expõe as obsessões e os ridículos desta indústria, também lhe demonstra a importância na contemporaneidade. A imagem é poder e quase serve de identidade.

A par da moda, outras duas componentes assumem centralidade: a narrativa de “A Bela e o Monstro”, cujas temáticas e estrutura de algum modo regem o enredo, e o confronto entre tradição e novidade, o que se tornou habitual e o que surge em oposição, em ruptura. À volta desta tríade, inter-relacionada de forma imediata, desencadeiam-se mais assuntos mas todos de carácter secundário. Afinal, a guerra, a realidade precária da maioria dos cidadãos, os contrastes sociais, funcionam mais como cenário.

Fashion Beast não é uma das obras-primas de Moore, mas movimenta-se por temas relevantes, provoca debates, vicia. E termina com uma sugestão tão inquietante quanto maravilhosa. / Inês Botelho

Debaixo da Pele

Jonathan Glazer
[filme]

Comecemos pelo óbvio: será necessário estrear algo de absolutamente revolucionário para que *Debaixo da Pele*, a terceira longa-metragem do britânico Jonathan Glazer, não seja o melhor fil-

me de ficção científica a estrear em 2014 (mesmo sendo, na prática, um filme de 2013 que só agora chegou ao circuito comercial, após o périplo pelos festivais de cinema internacionais). *O Congresso*, de Ari Folman, andou lá perto, com o seu psicadelismo animado visionário e a sua reflexão tão pertinente sobre o efémero; mas há qualquer coisa na meditação lenta e algo arrepiante que Glazer tece sobre quão insondável pode ser *o outro*, e quão frágil é aquilo que define o ser humano, que eleva *Debaixo da Pele* acima de outros filmes de ficção científica que tentaram explorar territórios próximos. Alienígenas há muitos, mas nenhum como aquela que Scarlett Johansson interpretou de forma sublime, a vaguear pela Escócia em busca de presas.

A premissa, aliás, é tão simples como isso: uma alienígena na pele de uma jovem vagueia pelas cidades e pelos ermos da Escócia em busca de homens, seduzindo-os e dando-lhes boleia na sua Ford Transit branca. Para quê, o espectador não sabe – até ao momento em que o propósito de todo aquele jogo de sedução é revelado, numa cena memorável pela beleza da sua composição e pelo horror visceral que evoca. Mas nada em *Debaixo da Pele* é evidente: Glazer, na sua adaptação do romance homónimo de Michel Faber, reduziu o enredo ao mínimo possível e optou pela abstracção e pela subjectividade na exploração do ponto de vista *do outro*, em dois momentos radicalmente diferentes: quando, com aparência humana, se assume alienígena e intangível; e quando, sendo alienígena, procura alcançar a humanidade, revelando-se esta inescrutável. O resultado, esse, é soberbo – um filme profundamente atmosférico, com a fotografia de Daniel Landin e a banda sonora de Mica Levi a tornarem toda a experiência desconfortável e, a espaços, perturbadora. E com um desempenho magnífico





de Scarlett Johansson, que só por si justifica o bilhete.

Debaixo da Pele está longe de ser consensual – não era esse, aliás, o objectivo de Jonathan Glazer. Com reacções polarizadas desde a sua passagem pelos festivais de cinema, o filme tem dividido tanto a crítica como o público; e a ambiguidade da sua mensagem tem suscitado críticas díspares, que encontram nos seus vários elementos interpretações radicalmente diferentes. Silencioso e pausado, com uma aproximação visual a Kubrick e uma narrativa mínima e em momento algum evidente, *Debaixo da Pele* não poderia estar mais distante da maioria dos *blockbusters* da época (e do género) – e dificilmente agradará a todos. Mas quem apreciar cinema menos óbvio, menos *explosivo* e mais meditativo, encontrará aqui uma obra-prima de uma qualidade rara nos dias que correm, e uma das mais importantes entradas da ficção científica cinematográfica contemporânea.

Debaixo da Pele (2013) é realizado por Jonathan Glazer, com Scarlett Johansson e Jeremy McWilliams. / João Campos

A Guerra Eterna

Joe Haldeman

[livro]

Saúda-se o regresso de *The Forever War*, o romance clássico de Joe Haldeman agora editado pela 1001 Mundos com o título *A Guerra Eterna*, às livrarias portuguesas. O tema da guerra, afinal, é sempre (e infelizmente) actual, e poucas

obras da ficção científica conseguiram reflectir sobre a natureza do conflito como esta – uma extrapolação em jeito de *space-opera* realista da experiência do próprio autor na Guerra do Vietname, onde combateu e foi ferido. No futuro que Haldeman imagina, os jovens mais promissores são recrutados por conscrição para o conflito interestelar que a Humanidade trava contra uma raça alienígena inescrutável, conhecida como Tauran; e o leitor acompanha o soldado William Mandella desde a recruta em Caronte, nos limites do Sistema Solar, até às batalhas no vazio entre as estrelas e na superfície de planetas remotos.

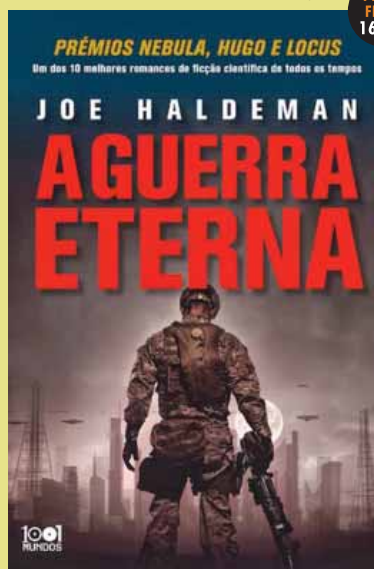
O que distingue *The Forever War* das mil e uma *space-operas* já apresentadas pela literatura e pelo cinema de ficção científica (que, não raro, também têm um jovem soldado como protagonista) é o realismo científico praticamente inabalável que Haldeman emprega no desenvolvimento da premissa. A dilatação temporal, aspecto inevitável das viagens a velocidades relativísticas (e ainda assim evitado em tanta ficção científica espacial), assume aqui um papel preponderante: os anos de combate de Mandella traduzem-se em décadas e séculos na Terra, e a cada regresso a casa depara-se com um mundo progressivamente mais estranho, mais irreconhecível – mais *alienígena*. Ele mesmo um ex-combatente, Haldeman utiliza a relatividade para explorar a ideia de que nenhum soldado regressa verdadeiramente da guerra – e,

findos os combates, a pátria que juraram (por convicção ou obrigação) defender já não existe. Pelo menos não na forma que a conheciam, antes da sua passagem pela máquina desumanizadora do exército e após as sequelas, físicas e sobretudo emocionais, que a passagem pela guerra sempre deixa.

As batalhas em *The Forever War* estão longe do frenesim das escaramuças a que a ficção científica audiovisual nos habituou – combates entre naves colossais a distâncias praticamente incompreensíveis no vazio do espaço não se regem pelas regras do *dogfighting* de caças modernos, e Haldeman sabe-o bem – o rigor que emprega no desenvolvimento da premissa atravessa todos os aspectos da obra, e ainda que alguns cenários que imagina para a Terra futura sejam hoje implausíveis e até um pouco datados, nem por isso deixam de ser eficazes a veicular a estranheza que é central ao texto.

Há quem diga que *The Forever War* foi uma resposta ao militarismo cívico e entusiasmado de Heinlein em *Starship Troopers* – Haldeman recusou a intenção, mas o contraponto está lá, na reflexão desapixonada, quando não cínica, que faz sobre a futilidade da guerra e sobre a irrelevância do indivíduo num conflito de uma escala avassaladora. Notável pelo seu rigor e pertinente pelas questões que suscita, *The Forever War* é um clássico incontornável da ficção científica, cuja leitura, 40 anos volvidos desde a sua publicação original, continua a ser pertinente. Esta nova edição, traduzida por João Barreiros (que conhecerá o género como poucos em Portugal), inclui ainda uma introdução de John Scalzi (autor de *Old Man's War*) e duas breves introduções do próprio Joe Haldeman. /

PREÇO
FNAC:
16,90€



científica, cuja leitura, 40 anos volvidos desde a sua publicação original, continua a ser pertinente. Esta nova edição, traduzida por João Barreiros (que conhecerá o género como poucos em Portugal), inclui ainda uma introdução de John Scalzi (autor de *Old Man's War*) e duas breves introduções do próprio Joe Haldeman. / João Campos

VENHA DESCOBRIR MAIS NO
SITE DA REVISTA BANG!

WWW.REVISTABANG.COM

BANG!

Sugestões Fnac

por Ricardo Monteiro / Fnac Portugal

A Primeira Lei de Joe Abercrombie [A Lâmina | A Força | A Coroa]

Logen Novedodos é um bárbaro infame, um mercenário psicopata com um passado negro e cheio de violência, que o atormenta e coloca em evidência a complexidade do seu carácter. Ao mesmo tempo, é o mais próximo daquilo a que se pode chamar um herói que vamos encontrar nestes livros.

Bayaz, Primeiro dos Magos, é uma figura lendária e enigmática. De acordo com o próprio, é um dos grandes responsáveis pela criação da União e vive há séculos. De entre os seus muitos poderes, a capacidade de manipulação parece o mais desenvolvido.

Sand dan Glokta é um inquisidor brutal e impiedoso. Desfigurado e aleijado depois de ter sido ele próprio torturado, Glokta usa de todos os meios à sua disposição para sobreviver. É também a personagem mais moralmente duvidosa pela qual o leitor se pode apaixonar.

Jeza dan Luthar é um jovem capitão na guarda real. Arrogante e precipitado, vive para a glória e para mostrar a sua superioridade para com os demais. No entanto, esta arrogância esconde uma insegurança profunda que vai influenciar os destinos de toda a civilização.

É pelos olhos e acções destas quatro personagens que o

autor britânico Joe Abercrombie nos guia através de um mundo e de uma época onde os conflitos e a violência proliferam. Um mundo sem heróis, onde todos se questionam sobre o seu lugar e onde os conceitos de moralidade mudam de perspectiva a cada página.

A Primeira Lei é uma trilogia de fantasia negra, enérgica e de ritmo rápido. *A Lâmina*, o primeiro livro, dá-nos a conhecer as personagens e o seu mundo, servindo de base para o que se seguirá em *A Força* e *A Coroa*: uma viagem inesquecível num universo de aventura, sombras e intrigas, que subverte todas as convenções da literatura fantástica que conhe-

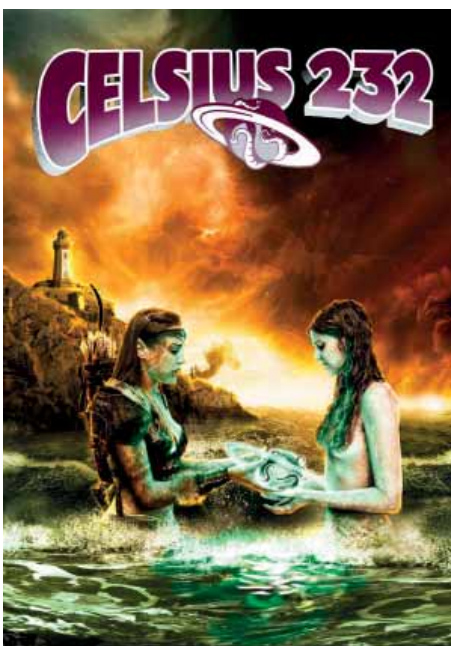
mos. **BANG!**



CONVENÇÕES EUROPEIAS NO VÉRÃO DE 2014

Este verão não há falta de importantes eventos de literatura fantástica a nível europeu. Para quem desejar passar umas miniférias fora de Portugal e viver a experiência de uma grande convenção cheia de autores e fãs, pode escolher as seguintes opções: de 30 de julho a 2 de agosto, decorre na cidade de Avilés, em Espanha, o festival **Celsius 232** (numa clara homenagem a Fahrenheit 451 de Bradbury) em que irão participar os autores Joe Abercrombie, Brandon Sanderson, Patrick Rothfuss e Tim Powers, entre outros.

Em Londres, a **Nine Worlds Convention**, uma festa direcionada para *geeks*, decorre de 8 a 10 de agosto e é descrito como um evento mais inclusivo e eclético em torno da ficção científica e fantasia no cinema e televisão, a literatura do género, bem como escrita criativa, ciência e produção de cinema.



De 14 a 18 de agosto, uma das mais antigas e importantes convenções de fantástico no mundo, a **Worldcon** (Londres), vai decorrer em Londres onde irão ser anunciados os vencedores dos prémios Hugo. A programação extensa e diversificada inclui uma homenagem ao falecido escritor britânico Iain M. Banks e entre os vários convidados de honra temos Robin Hobb, John Clute e Bryan Talbot, entre outros.

Também em Agosto, de 22 a 24 de agosto, decorre a **Eurocon** (Sharmokon), em Dublin, Irlanda, a convenção europeia de ficção científica. Durante três dias, os interessados poderão assistir a debates e conhecer os autores Andrzej Sapkowski, Michael Carroll, Seanan McGuire e Jim Fitzpatrick. **BANG!**